

**Um ensaio de reabilitação:**  
Duas casas de família em São Torcato, Guimarães

Pedro Miguel Silva Oliveira

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura  
Orientado por:  
Prof. Doutor Manuel Graça Dias

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto  
Porto, 2016

**Agradecimentos**

Ao meu orientador Prof. Doutor Manuel Graça Dias.

Aos meus pais e irmão.

Aos meus amigos.



# Resumo

## Abstract

A presente Dissertação resulta de um estudo para um projeto de reabilitação de duas casas de família, localizadas em São Torcato, no concelho de Guimarães.

Efectua-se um breve estudo sobre a região do Minho, onde se explora o processo de urbanização e as subsequentes transformações na paisagem. Numa escala de maior detalhe observa-se a freguesia de São Torcato. Estuda-se a sua fundação, estrutura urbana e formar particular de implantação do edificado local.

Numa segunda fase é elaborado um levantamento das duas casas, permitindo uma leitura das ocupações anteriores e as do estado atual.

O projeto de reabilitação visa integrar as casas e as suas características mais notáveis numa proposta de reabilitação segundo um novo programa e exigências.

The following Dissertation is a result of a study for a rehabilitation project of two family houses, located in São Torcato, Guimarães.

A brief study about the Minho region is made, where the urbanization process and the subsequent landscape transformations are explored.

On a bigger scale, São Torcato town is looked upon. It's foundation, urban structure and particular construction method of the local buildings are studied.

On a second phase, the two houses are surveyed, which allows for a read of the previous occupations and of their current status.

The rehabilitation process wishes to integrate both houses and their most remarkable characteristics according to a new brief and demands.

# Índice

<b>0</b>	<b>Introdução</b>	<b>7</b>
<b>1</b>	<b>Do local</b>	
	Região e Ambiente	13
	São Torcato: Fundação e estrutura urbana	23
	Urbanização, Abandono e Restauro	29
	Casa Popular Portuguesa	35
<b>2</b>	<b>Caso prático</b>	
	Duas casas de família	45
	[1]Casa da Avó	
	Estado Atual	49
	Levantamento	59
	[2]Casa do Tio	
	Estado atual	69
	Levantamento	79
<b>3</b>	<b>O Projeto</b>	
	O pedido - O programa	89
	Inquietações e estratégia	91
	[1]Casa da Avó	93
	[2]Casa do Tio	111
	Considerações finais	129
<b>4</b>	<b>Bibliografia</b>	<b>132</b>
<b>5</b>	<b>Anexos</b>	<b>147</b>

# O

## Introdução

objetivos e metodologia

## Introdução

A presente Dissertação apresenta todo o processo de estudo para um projeto de reabilitação de duas casas de família, localizadas na Vila de São Torcato, no concelho de Guimarães.

O trabalho tem início com um estudo geral da região do Minho que contempla uma série de características e condições que levaram ao desenvolvimento do processo de urbanização que aconteceu nesta região. Segue-se uma aproximação às características da Freguesia, onde é apresentado um levantamento do edificado existente e do tipo de construção. Um levantamento que permite compreender a formação territorial e a génese da identidade local a partir do estudo dos seus aglomerados.

Estas são premissas importantes para a comunicação/entendimento do objeto do trabalho: interessa aqui perceber como é que estas casas foram habitadas no passado e também como o são hoje em dia.

Depois da contextualização dos objetos, apresentam-se os mesmos: duas casas que partilham de um mesmo lugar. Destas, uma resiste à idade e ainda se encontra habitada - mas da outra, abandonada e em mau estado de conservação, já não se ouvem os vizinhos. E é da consequência desta negligência que o trabalho prossegue com algumas considerações relativas ao tema do abandono deste tipo de edificações, através de um levantamento de habitações de origem popular, onde se distinguem os edifícios em estado de ruína e/ou abandono.

Estuda-se brevemente a casa popular portuguesa, onde são analisados, mais especificamente, cinco diferentes tipos de habitação presentes no território da freguesia. Estes exemplos são importantes porque é possível perceber-se, através deles, os diferentes modos de implantação nesta zona, permitindo, também, relacionar, de uma forma mais concreta, os casos de estudo com uma tipologia particular. Numa aproximação mais pessoal, relata-se o espaço interior através de uma promenade por ambas as casas, uma experiência talvez “impressionista”, mas extremamente relevante e feita em consciência, com o objetivo de questionar, observar, imaginar e perceber quais as vivências e dinâmicas enraizadas nos espaços.

O processo, tal como foi descrito, resulta num projeto de reabilitação para as duas casas, que continuarão destinadas à habitação, para dois clientes diferentes e com necessidades diferentes de ocupação. A ambas, pede-se o conforto e uma adaptação de alguns dos seus elementos, parcos de sentido nos dias de hoje.

Não se trata de um só projeto, tratam-se de dois, para dois objetos diferentes que vão inevitavelmente ter dinâmicas distintas. A dinâmica é

a metáfora para algo de que irá resultar do espaço físico - a maneira como o espaço interior é compartimentado e utilizado. Para uma das intervenções, o foco volta-se para o desenvolvimento de uma lógica de restauro das divisões e dos elementos que compõe a casa, com o objetivo de se manter a imagem original. Já na outra, e devido ao mau estado de conservação do todo, surge a necessidade de redesenhar completamente o espaço interior, de modo a acomodar o programa pretendido.

# 1 | Do local

*Não há paisagens para sempre. A paisagem é o registo de uma sociedade que muda e, se a mudança é tanta, tão profunda e acelerada, haverá disso sinais, para além de pouco tempo e muito espaço para compreender ou diferir as marcas e formas como se vão atropelando mutuamente, ora relíquias, ora destroços.*

*As marcas e as memórias do Portugal profundo vão-se decompondo com a desruralização e o seu rasto de efeitos colaterais: o despovoamento, o envelhecimento, o abandono da produção agrícola e dos campos, o desaparecimento de certos estilos de vida, saberes e práticas culturais [...]*

DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no campo*. Porto: Dafne p. 23

## Região e Ambiente

*Como acontece com várias das regiões portuguesas, o Minho pede o seu nome a um rio.<sup>1</sup>*

Todavia, o Minho não contém apenas o vale do rio que lhe dá o nome. Aquela que é região mais a norte de Portugal é delimitada pelos vales do Lima, Cávado e parte dos do Ave e Tâmega; no entanto, já fez parte de uma região maior, originalmente chamada Entre-Douro-e-Minho, que se estendia entre a margem sul do rio Minho e a margem norte do rio Douro.

Hoje, divide-se em Alto e Baixo Minho, limitado pelos sistemas graníticos do norte de Portugal: serra da Peneda, Soajo, Gerês, Cabreira e Marão, formando um anfiteatro natural que se vira em direção à costa atlântica e que faz fronteira com a região portuguesa, Trás-os-Montes e a espanhola, Orense.

*Quanto ao relevo [...] existem praticamente três faixas, longas e paralelas ao Oceano: a da costa, ligeiramente recortada pela foz dos rios; a do interior, formada pela sucessão intrincada de vales, colinas e montes que preparam a transição para a terceira faixa, constituída pelas formações rochosas das montanhas situadas mais a leste.<sup>2</sup>*

Esta última faixa de montanhas a leste é responsável por originar uma espécie de filtro para as correntes húmidas que são provenientes do oceano Atlântico tornando-se, desta forma, numa das regiões mais pluviosas do país. Esta é uma condição climática única do norte de Portugal e tem consequências na paisagem: o resultado é o enorme número de riachos e pequenos rios, nascentes naturais que marcam o território “em vales transversais escavados pelos vários rios de sentido aproximadamente este-oeste”<sup>3</sup>. Estas características servem de catalisador para a vasta vegetação, em grande parte florestal, que se desenvolveu na área.

A topografia resulta de um processo longo e no qual entram vários fatores, e foi-se adaptando à grande quantidade de cursos de água “que criam compartimentos de implantação humana separados uns dos outros”<sup>4</sup>. Estes “compartimentos” apresentavam limites definidos, de desenho imprevisível e irregular, limitados pelo vale onde se encontravam, onde se desenvolviam atividades de sustento, tal como a agricultura ou a criação de gado.

1 MATTOSO, José; DAVEUAU, Suzanne; BELO, Duarte (1997) *Portugal – O Sabor da Terra Minho*, [s.l.]: Companhia editora do Minho p. 5

2 AFONSO, João; MARTINS, Fernando; MENESES, Cristina (coords.) (2004) *Arquitetura popular em Portugal* [4ª edição] Lisboa: Ordem dos Arquitectos p. 6

3 MATTOSO et al, *idem*: 8

4 MATTOSO et al, *idem*: 8

Monte do Faro. Valença.

1 |



*Seja como for, a região que se convencionou chamar o Minho tem uma identidade própria. Como sempre, é preciso começar por procurá-la na terra. No fecundo chão que os Minhotos pisam e donde tiram o sustento. Foi a partir das suas condições naturais peculiares que eles criaram hábitos de trabalho, formas de organização, ocupações predominantes, padrões culturais, ritos e provérbios.<sup>5</sup>*

Estas características geográficas combinadas com as condições climáticas fazem com que a região seja propícia à implantação de povoados com práticas que exigem que o solo seja extremamente fértil. Nesta região encontram-se solos do tipo granítico e xistoso, sendo o primeiro o que reúne melhores condições para o cultivo - dificulta a dispersão da água que, como consequência, não é absorvida totalmente pela terra.

*Logo que se passa para solos com uma composição diferente, em que predomina o xisto, a fertilidade do solo diminui e a densidade populacional rarefaz-se, a não ser que aí se tenha implantado uma estrutura urbana.<sup>6</sup>*

As diferentes altitudes pressupõem distintos níveis de ocupação do território. A altitudes mais baixas as povoações são em maior número que a altitudes elevadas onde o terreno se apresenta mais acidentado e de maior inclinação.

*Esta nebulosa urbana fixa-se ao longo do Vale do Ave e dos seus afluentes, a uma altitude inferior a 300 metros e alberga uma população de cerca de 352 000 habitantes – ou seja, 77% do total de residentes nos 6 concelhos estudados [...]<sup>7</sup>*

*Em áreas mais altas e acidentadas, mesmo de solos graníticos, como acontece, por exemplo, na serra de Arga, entre Lima e Minho, e na serra do Soajo, a montante do Lima, predominam grandes extensões de solo inculto ou de floresta, muito menos povoados do que a maioria da região.<sup>8</sup>*

Apesar de o território ser o mesmo, podemos observar a formação de duas zonas que são distintas no atual território do Minho. A zona do baixo Minho apresenta, em grande parte da sua área, uma urbanização generalizada em que casa e fábrica, campo e cidade, gado e máquina, coabitam numa complexa rede que compõe a imagem que hoje em dia é representativa de uma das mais populosas regiões do país. O alto Minho representa a zona mais a norte, mais despovoada e onde o terreno é mais montanhoso. É “amplo e austero, sem que isso afete a majestosa

<sup>5</sup> MATTOSO, José; DAVEUAU, Suzanne; BELO, Duarte (1997) *Portugal – O Sabor da Terra Minho*, [s.l.]: Companhia editora do Minho p.7 e 8

<sup>6</sup> MATTOSO et al, *idem*: 9

<sup>7</sup> DOMINGUES, Álvaro (1995) *Plano estratégico do sistema urbano do Vale do Ave: projecto de plano*. Porto: Quaternaire p. 38

<sup>8</sup> MATTOSO et al, *idem*: 9



2 |



harmonia da sua paisagem”<sup>9</sup>.

Os contrastes que se estendem, chocam e coabitam em todos os lugares comuns do território português não surgiram do acaso. A cidade já não se circunscreve a uma muralha fechada, e o que está fora da cidade não é, exclusivamente, espaço rural - é, na verdade, uma mistura dos dois. Para compreender o Minho, bem como qualquer espaço português, é necessário compreender que a urbanização mudou a paisagem. No caso, as casas a intervencionar situam-se no Vale do Ave, zona conhecida pela grande presença de indústria. Mas, e apesar desta presença, as cidades dessa zona “não desempenham um papel forte enquanto “centros de gravidade” económica e demográfica da região. A maioria da população vive “entre cidades” numa malha urbana densa, percorrida por uma rede fina de estruturas viárias e onde se localiza a fatia maioritária da atividade industrial dominante.”<sup>10</sup>

*Quando o abandono dos campos e da agricultura não significa abandono das gentes, a ruralidade transforma-se por dentro ou é absorvida pelo que dá o nome de urbanização. Existem duas maneiras de entender isto. Uma, a mais correntemente usada, é a da cidade que cresce em mancha de óleo, processando e engolindo território rural como uma espécie de ceifeira-debulhadora-enfardadeira a lavrar sobre a seara limpa. Outra é a mutação in situ da ruralidade, que será também chamada urbanização porque falta outro nome que escape ao simplismo da dicotomia rural/urbano.*<sup>11</sup>

O território foi-se transformando ao longo dos tempos e passou de uma organização dispersa, virada para si e para o território em que estava inserida para uma “malha urbana densa” de fácil acesso e que se estrutura ao longo “de uma rede viária que teve origens nos antigos caminhos rurais.”<sup>12</sup>

Para que melhor se perceba o fenómeno de urbanização do vale do Ave, apresentam-se dois modelos que são distintos mas que se complementam e fazem referência às duas novas realidades, representando, ao mesmo tempo, as diferentes formas de desenvolvimento territorial.

*O povoamento difuso tradicional [...] continua a demonstrar uma relativa vitalidade e [...] capta uma parte significativa da nova edificação residencial e mesmo industrial. Predominam as tipologias arquitectónicas que permitem uma complementaridade com a pequena agricultura*

9 MATTOSO, José; DAVEUAU, Suzanne; BELO, Duarte (1997) *Portugal – O Sabor da Terra Minho*, [s.l.]: Companhia editora do Minho p.10

10 DOMINGUES, Álvaro (1995) *Plano estratégico do sistema urbano do Vale do Ave: projecto de plano*. Porto: Quaternaire p.36

11 DOMINGUES, *idem*: 36

12 DOMINGUES, *idem*: 36



*familiar de autoconsumo, a moradia unifamiliar isolada, construída por promotores individuais que, frequentemente, utilizam lotes próprios ou herdados e onde o mercado imobiliário é muito incipiente.*<sup>13</sup>

Este é um modelo que diz respeito às edificações situadas entre cidades, refletindo e representando aquele que é o meio-termo entre cidade e campo/urbano e rural.

*Por outro lado, observa-se o reforço das centralidades existentes, através da construção de novas tipologias edificatórias com características mais urbanas, e da fixação de equipamentos e serviços que permitam a expansão e a diversificação de actividades terciárias.*<sup>14</sup>

O segundo modo de intervir na paisagem aqui apresentado refere-se à intervenção em centros urbanos. Nesses casos, o interesse foca-se em dinamizar estas centralidades e atrair mais população para a sua área de influência.

*O interesse pela paisagem quotidiana como inscrição cultural pode ser entendido à luz da noção de lugar-comum de Peirce F. Lewis: “O princípio básico é este: todas as paisagens humanas têm valor cultural, por mais simples que sejam. As nossas paisagens humanas são a nossa autobiografia inconsciente, refletem os nossos gostos, os nossos valores, as nossas aspirações e até os nossos medos, de uma forma visível e tangível”.*<sup>15</sup>

O território é um mapa concreto e é também o espaço contendor de vários espaços que não possuem apenas contornos físicos. A paisagem não se constrói apenas de movimentos de terras, apropriações, divisões de terrenos e construções, e a construção desta paisagem específica provém de um carácter partilhado que se faz sentir em toda a região do Minho. Existe uma ligação com a terra, com o solo, com o clima e com o lugar, com os traçados, as estradas e os caminhos que são percorridos há inúmeras gerações e que ligam os terrenos que representam o sustento de muitos.

São estas as condicionantes geográficas locais que passam a surgir no topo da hierarquia no que diz respeito às influências que condicionam o tipo de arquitetura que se pratica, criando uma imagem distinta e dependente do local.

*O Minho é, pois, uma região relativamente pequena, mas de grandes*

<sup>13</sup> DOMINGUES, Álvaro (1995) *Plano estratégico do sistema urbano do Vale do Ave: projecto de plano*. Porto: Quaternaire p. 45

<sup>14</sup> DOMINGUES, *idem*: 45

<sup>15</sup> LEÃO NETO, Pedro [coord]; MARQUES DA SILVA, Olívia (2013) *Topografias a Norte*. Porto: Scopio Editorial Line p. 17



*contrastes e com uma enorme variedade de situações.*<sup>16</sup>

No que diz respeito à questão da paisagem e a todas aquelas que estão relacionadas com os seus próprios temas de identidade, pode dizer-se que a resposta é algo difusa para esta região. As condições climáticas bastante peculiares acabam por formar um território bastante repartido dentro de si próprio e com uma topografia acidentada, oferecendo total liberdade de construção de diferentes identidades e modos de vida, tendo, talvez como única referência, um clima similar que cobre três distintas geografias que marcam o Minho de este a oeste.

---

<sup>16</sup> MATTOSO, José; DAVEUAU, Suzanne; BELO, Duarte (1997) *Portugal – O Sabor da Terra Minho*, [s.l]: Companhia editora do Minho p. 10

Mapa de Tipos de Vias no 4 |  
Concelho de Guimarães

- Autoestrada
- Vias principais
- - Vias secundárias
- Concelho de Guimarães

- [1] Guimarães
- [2] São Torcato



## São Torcato: Fundação e estrutura urbana

Após o estudo da região torna-se pertinente conhecer a situação, passada e presente, da Vila em que se situam as duas casas.

São Torcato localiza-se a sete quilómetros da cidade de Guimarães e é, em termos de área, a maior freguesia do concelho. Tem uma população atual de 3373 pessoas, segundo os censos de 2011, em comparação com 1624 pessoas em 1864, data dos primeiros dados obtidos pelo INE<sup>17</sup>. A sua população tem vindo a crescer gradualmente numa média de 5% por década tendo como exceção as décadas de 40, 50 e 80, quando sofreu um crescimento populacional excecional que rondou os 20%. É na consequência deste último aumento demográfico que a aldeia de São Torcato é elevada a vila, no dia 21 de Junho de 1995.

A terra de São Torcato é referenciada pelo Padre António Carvalho da Costa, na *Corografia Portuguesa* (1706) como couto real<sup>18</sup> aquando da formação de Portugal - as suas origens serão anteriores a essa data.

Tal como muitas das populações a formarem-se à época, São Torcato tinha uma igreja, popularmente denominada de Igreja Matriz. A sua implantação faz-se numa zona de vantagem topográfica sobre um pequeno vale, vindo esse local a chamar-se Lugar do Assento.

*A igreja está situada em parte muito alta nem mais de baixa e está em meio da freguesia. [...] tem esta igreja um lugar exímio chamado do assento que inclui o número de quarenta pessoas. Tem Lugar de Villar = Lugar do Couto = Lugar da Cachada = Lugar das Quintãs = Lugar de Campos = Lugar de Briteiro = Lugar de Monte Negro = [...] = Lugar da Serra Doura = Lugar de Cortinhas = Lugar dos Moinhos = Lugar de Segade = [...]*<sup>19</sup>

Numa tentativa de reconstrução daquilo que seria uma organização primitiva da Vila, é desenhado um mapa, onde se apontam alguns dos antigos lugares descritos nas Memórias Paroquiais. Nesse mapa é possível comparar a atual mancha edificada com a identificação dos antigos lugares. São evidentes as diferentes entre as duas realidades. Deu-se um processo de urbanização *in situ* que, através da construção de novas habitações, maioritariamente unifamiliares, e de fábricas da indústria têxtil e do calçado, transformou a paisagem da Vila.

<sup>17</sup> Disponível em: [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt) [Consultado a 3/8/2016]

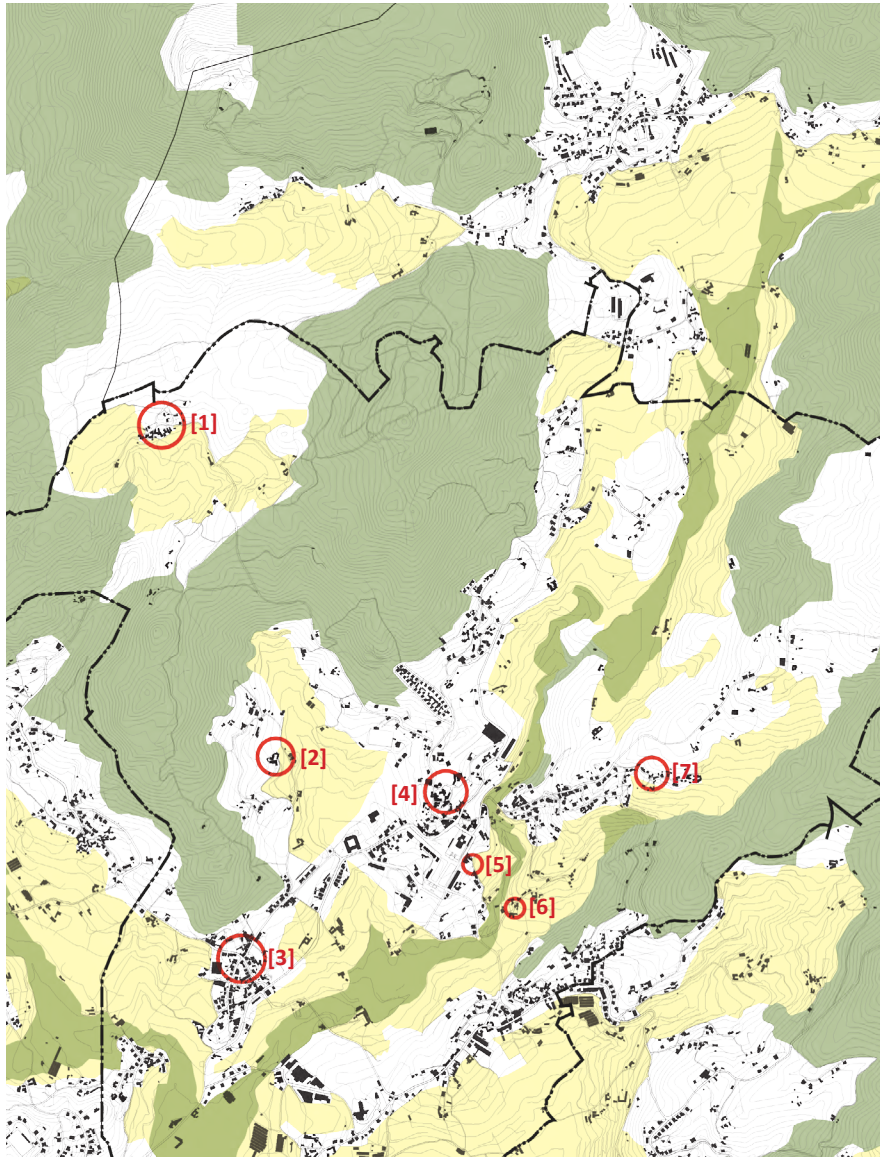
<sup>18</sup> *Toda a terra deste Mosteiro de Saõ Torcato, que se divide por marcos, he privilegiada, & couto desta Real Collegiada, em que o seu Cabido apresenta Ouvidor, que conheceu do cível, & crime por doação do Conde Dom Henrique, confirmada por seu filho El Rey Dom Affonso Henriques no anno do Senhor de 1049. Que se guarda no Archivo de seu Cabido. (Corografia Portuguesa, e Descipçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal. 1706)*

<sup>19</sup> *Memórias Paroquiais* (1758) Disponível em: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4241886> [Consultado a: 1/8/2016]

Planta escala territorial

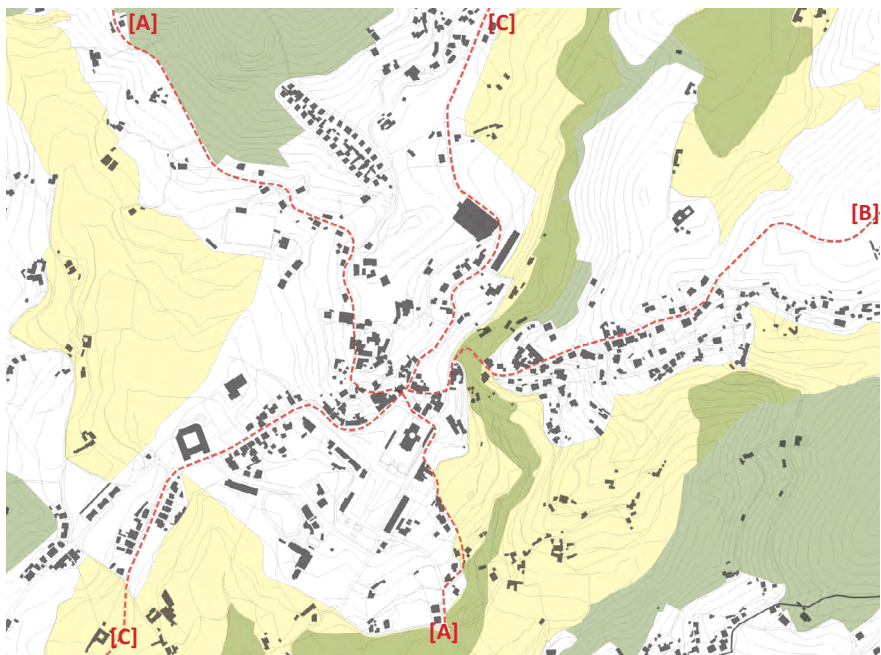
Área agrícola  
Área florestal  
Limite da freguesia

- [1] Lugar de Vilar  
[2] Lugar do Couto  
[3] Lugar da Cachada  
[4] Lugar do Assento  
[5] Lugar das Cortinhas  
[6] Lugar de Moinhos  
[7] Lugar de Segade



Planta de eixos

[A-A] Vilar - Cortinhas  
[A-B] Vilar - Segade  
[C-C] Guimarães - Povia de Lanhoso



Os lugares de Vilar, Cachada, Couto, Quintãsv, Cortinhas, Moinhos e Segade foram identificados através de uma comparação entre os nomes desses lugares e o das ruas atuais. Pela reduzida dimensão, passagem de tempo, ou abandono, não foi possível identificar os Lugares de Campos, Monte Negro e Serra Doura.

*O povoado assim formado é pequeno: uma dúzia de casas de habitação, a venda, a escola, a igreja e o adro, as ruas com um ou outro larguinho e em torno as terras, tudo causa e efeito da vida e morte do lavrador que o habita.* <sup>20</sup>

O ponto alto em que se encontra a igreja e o centro da povoação domina visualmente a área a oeste, sul e este. É possível verificar, com recurso a este mapa, que os espaços agrícolas ocupam as áreas mais planas e estáveis dentro do território.

*Como resultante das dominantes geográficas locais, e da prolongada evolução da sociedade rural minhota, o povoamento disseminado caracteriza-se, em oposição às demais formas de ocupação humana do território, pela fixação do lavrador e da sua família junta das terras que trabalham.* <sup>21</sup>

Se analisarmos o território de uma forma circular, com o centro no Lugar do Assento, verificamos que com este movimento vão surgindo habitações e dependências agrícolas. A topografia e a organização territorial apontam para a possibilidade de São Torcato ter tido como base de distribuição um sistema centrífugo. A dinâmica do lugar compreende o movimento e as deslocações dos habitantes que trabalham longe do Lugar do Assento - de geografia mais acidentada - onde podem ter os seus terrenos. Apenas em certas ocasiões se reúnem no centro, onde se encontra a Igreja.

A vila é atravessada por três eixos: o primeiro liga o Lugar de Vilar, atravessando o Lugar do Assento onde se divide em dois, até ao Lugar de Cortinhas, exatamente pelas ruas com o mesmo nome, rua do Assento e rua de Cortinhas, e outro até ao lugar de Segade, também pela estrada de mesmo nome; o terceiro coincide com a estrada nacional que atualmente atravessa a freguesia e liga a cidade de Guimarães a São Torcato, continuando até à Povia de Lanhoso.

*Hoje em dia, na maior parte das vilas e cidades, mesmo o visitante ou morador mais desatento não deixa de se aperceber que a paisagem urbana está longe de constituir um todo homogéneo. Com efeito, a grande*

20 AFONSO, João [coord]; MARTINS, Fernando [coord]; MENESES, Cristina [coord] (2004) *Arquitetura Popular em Portugal* [4ª edição]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos p. 25

21 AFONSO et al, *idem*: 37



Panorâmica sobre a Vila. A Igreja Matriz (à direita) eleva-se sobre o vale.



*maioria dos núcleos urbanos portugueses não é de origem recente, antes resulta de longas permanências humanas num determinado espaço – em certos casos, o rasto dos primeiros ocupantes perde-se por cronologias pouco precisas que chegam a recuar centenas de anos-, o qual não pode, por isso, deixar de refletir formas que ao longo dos tempos, necessitou de adquirir para ser considerado urbano.*<sup>22</sup>

Toda a área da freguesia é marcada por elementos que obedecem a um modo empírico de construir e nos permitem reconstruir um antigo modo de vida e de apropriação de espaço. No entanto, estes já não são, na maioria dos casos, os elementos responsáveis pela criação do ambiente nem pela formação da memória atual de um local, pelas mais variadas razões - o processo de urbanização das últimas décadas tem sido, em alguns casos, um verdadeiro destruidor de identidades.

*Perda de referência e confusão é o que mais há.* <sup>23</sup>

São cada vez menos as habitações que fazem parte do lugar em estudo e que ajudam a preservar aquela que foi em tempos a sua imagem, porque a maioria sofreu transformações e reparações com o objetivo de acomodar novos espaços e diferentes usos. Das que não sofreram alterações, existe um crescente número de habitações e construções agrícolas que se encontram em estado de abandono ou ruína.

A quantidade de construções nestas condições é bastante numerosa, todavia continua a não haver interesse na reabilitação deste tipo de estrutura. A construção dos recentes anos tem vindo a incidir, quase unicamente, em novas unidades de habitação, uni ou plurifamiliares, que têm vindo a alterar completamente as dinâmicas e o funcionamento destas pequenas vilas. São elementos disruptivos que fabricam uma imagem de urbanidade que reescreve a identidade local e transformam completamente a escala dos espaços em que se inserem.

22 CARITA, Helder [coord]; ARAUJO, Renata [coord] (1998) *Coleção de Estudos Universo Urbanístico Português 1415-1822*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p.13  
23 DOMINGUES, Álvaro (2009) *A rua da estrada*. Porto: Dafne p.232

Três janelas no mesmo complexo habitacional.

8|



9|



10|



## Urbanização, Abandono e Restauro

*Desruralização é um conceito que se usa nas Ciências Sociais para denominar o processo de mutação socio económica e territorial resultante da perda de importância da actividade agrícola (agro-florestal e criação de gado) e das culturas e modos de vida rurais tradicionais das sociedades camponesas.*<sup>24</sup>

O processo de desruralização veio mudar a paisagem da Vila e da Freguesia em geral, originando, como consequência, uma série alterações nos modos de sustento da população: a área destinada à agricultura diminui e o seu uso torna-se mais esporádico.

*Para além da oposição urbano/rural, existe uma outra: cidade/campo. Os significados e as hierarquias são semelhantes: cidade é o centro, o poder; campo é a vastidão dos territórios onde habitam os súbditos, o vulgo, a plebe, os rústicos..., ou os idiotas, e se produzem alimentos, lenha, carvão, ou outra coisa qualquer, coisas mais próximas das necessidades do corpo do que do espírito. Quem podia, às vezes, saía da cidade e ia para o campo administrar os seus domínios, caçar pardais ou apanhar ar. Hoje, há muito quem só tenha sossego e paz de espírito quando está ou no centro histórico (a cidade) ou na aldeia típica (o campo); tudo o resto provoca indiferença, azia e amnésia. Além do campo há também a praia e a montanha. Estranha forma de vida.*<sup>25</sup>

E é neste meio-termo entre campo e cidade que podemos encontrar a maioria da população, no espaço intermédio que resulta deste processo de urbanização, um “processo irreversível”<sup>26</sup> com consequências reais e por vezes profundas, mudando a paisagem e as dinâmicas dentro destes povoados.

*Não há paisagens para sempre. A paisagem é o registo de uma sociedade que muda e, se a mudança é tanta, tão profunda e acelerada, haverá disso sinais, para além de pouco tempo e muito espaço para compreender ou diferir as marcas e formas como se vão atropelando mutuamente, ora relíquias, ora destroços.*

*As marcas e as memórias do Portugal profundo vão-se decompondo com a desruralização e o seu rasto de efeitos colaterais: o despovoamento, o envelhecimento, o abandono da produção agrícola e dos campos, o desaparecimento de certos estilos de vida, saberes e práticas culturais [...]*

<sup>27</sup>

24 DOMINGUES, Álvaro (2009) *A Vida no campo*. Porto: Dafne p.69

25 DOMINGUES, *idem*: 71

26 DOMINGUES, *idem*: 70

27 DOMINGUES, *idem*: 23

Marcação do tipo de edificado 11|  
na área da freguesia.

- Edificação antiga
- Edificação recente



O mapa mostra dois tipos de edificado: as estruturas que apresentam provas de terem sido construídas de um modo empírico, marcadas a preto, consideram-se elementos representativos da antiga imagem da Vila e da restante Freguesia; as edificações que se excluíram do estudo e que resultam de processos de urbanização mais recentes, encontram-se marcadas a cinza. Pode concluir-se que a desproporção entre o número de edifícios marcados pelas duas cores é evidente.

*Se atentarmos em certos aspetos das feições populares e das feições eruditas de edificar, ressalta claramente esse antagonismo.*

*Nas primeiras, assumem capital importância a correlação estreita entre com as condições naturais da região, o seu radical utilitarismo, a rusticidade e a permanência.*

*A arquitetura popular regional não é urbana de origens nem de tendências. Pode “urbanizar-se”, melhorar de cuidados construtivos e apuros formais, mas, se lhe cortam as raízes que a prendem fortemente à terra e aos seus problemas, desvirtua-se, perde a força e a autenticidade.*

*Por outro lado, uma certa imunidade à inquietação espiritual que se submete as feições eruditas da Arquitetura a frequentes renovações; uma acomodação ao desconforto e à desbeleza, de que se nutre uma inércia poderosa; e o hábito dos mesmos gestos de semear, de plantar, de tratar e colher, geração após geração, tudo isso imprimiu à vida dos rurais, às suas ideias e às suas iniciativas uma marcada tendência para a estabilidade que falta noutros meios, com outras ocupações – e que a arquitetura popular reflete fielmente.<sup>28</sup>*

O processo de urbanização não acontece de um dia para o outro, é algo complexo e demorado, e uma vez iniciado acaba por afetar diretamente as construções do território. Destas, algumas podem ser adaptadas e/ou “modernizadas”, outras rapidamente perdem o seu sentido, tornando-se obsoletas.

É com base nesta premissa, e tendo em consideração a desatualização e o abandono da arquitetura mais popular e vernácula, que surge a necessidade de inclusão de um trabalho de transformação e readaptação destas realidades. Estas peças fazem parte de um antigo património edificado e são uma parte fulcral e fundamental da dinâmica destas povoações. Fazem, hoje, parte de uma imagem que se encontra fragmentada com elementos diversos em lugares dispersos e difusos. Desta forma, a premissa para a mudança reside, exatamente, e como se encontra referido em *Arquitectura popular em Portugal* (1961), na

<sup>28</sup> AFONSO, João [coord]; MARTINS, Fernando [coord]; MENESES, Cristina [coord] (2004) *Arquitectura Popular em Portugal* [4ª edição]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos p.19

observação cuidada dos elementos para aplicação de medidas que tenham em conta o contraste entre o meio atual e o meio para o qual estas formas foram criadas. A nova construção incide em lotes, herdados e repartidos pelas famílias, onde blocos de habitação, em banda ou em altura, vieram substituir a necessidade de se reabilitar e readaptar as construções de raiz popular.

*Destruir ou esquecer os sinais da memória coletiva, de forma voluntária ou premeditada, demonstra fraqueza de identidade social e medo do efeito do passado sobre o presente.* <sup>29</sup>

Com a recente evolução tecnológica e a rápida melhoria de qualidade de vida, algumas destas habitações viram-se muito rapidamente desajustadas às necessidades dos seus habitantes. No entanto, estas continuam a ser parte integrante dos locais, e podem e devem ser reabilitadas para que se garanta a sua preservação, dando-lhes novos usos e a importância devida.

É este o ponto em que o arquiteto pode intervir, como ator que desempenha um papel fundamental na correta preservação destes edifícios que fazem parte do vernáculo e da imagem popular. Importa aqui preservar a questão da autenticidade esquecida que não se resume a fazer parte de uma época que está já ultrapassada: a autenticidade existe mas está adormecida em cada um destes edifícios que apenas precisam de ser adaptados às necessidades atuais.

Existe a necessidade de atualização e renovação da organização interna destas casas independentemente de serem arquiteturas rurais ou eruditas. Os exemplos existentes representam, na sua maioria, casas que eram usadas para a exploração agrícola e, como tal, os seus espaços interiores refletem esta necessidade. As casas apresentam, por um lado, o piso térreo associado ao trabalho agrícola ou à criação de gado, necessitando, como tal, de ser reformulado para acomodar novas áreas e funções. Já os pisos de habitação exibem por norma, áreas pequenas na sua compartimentação. Quando inalteradas, estas questões de desadequação dão azo ao desinteresse e abandono deste tipo de construção.

*[...] para certos autores, a casa popular, e sobretudo a casa rural, é mesmo concebida não apenas como um abrigo, mas sobretudo como um instrumento agrícola que é preciso adaptar às necessidades de exploração da terra [...] Dentro desta orientação, Demageon define com efeito as habitações rurais não segundo os materiais de que são construídas, nem as suas formas exteriores, mas segundo o seu plano interior, sobretudo de acordo com as relações que nelas se verificam entre os homens, o gado e as coisas, ou seja: segundo a função agrícola, expressão do ambiente*

<sup>29</sup> BERTI, Maurizio (1998) *O restauro na história e o restauro corrente*. Maputo: Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico, Imprensa Universitária, UEM p. 5

*natural. “A casa rural”, diz este autor, “é essencialmente um facto de economia agrícola, e é principalmente como tal que ela exprime o meio geográfico [...]”* <sup>30</sup>

Posto isto, e tendo como base esta premissa de que a observação da disposição interior será a melhor maneira de conseguir analisar as diferentes modalidades de vida presentes em algumas casas, acha-se pertinente a inclusão de um breve estudo da casa popular portuguesa, seguindo-se um levantamento de algumas habitações presentes na freguesia. Para tal, foram escolhidos cinco casos que se consideram representativos da forma de construção na zona. Estes casos de estudo são exemplificativos e representam diferentes tipologias habitacionais; salienta-se o seu modo particular de implantação e contacto com a rua, bem como a sua repetição e difusão pelo território.

<sup>30</sup> VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando (1992) *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote p.13



## Casa Popular Portuguesa

*A casa popular é um dos mais significativos e relevantes aspetos da humanização da paisagem, em que, na sua grande diversidade de tipos, afloram, com particular evidência, numerosos condicionalismos fundamentais – geográficos, económicos, sociais, históricos e culturais – das respetivas áreas e dos grupos humanos que a constroem e habitam.* <sup>31</sup>

As casas na região em estudo são, sem exceção, construídas a partir de granito, justificando-se o uso do material pelas características da geografia granítica que domina o território. O desenho e corte dos elementos apresentam variações, sendo mais ou menos trabalhado conforme as posses dos seus proprietários.

*E a capacidade, sempre surpreendente do homem medieval, de aproveitar da melhor maneira todas as disponibilidades do meio natural que lhe era familiar transparecia claramente nas soluções encontradas para a casa de morada, bem como na escolha dos materiais utilizados na construção de edifícios.* <sup>32</sup>

Iniciando-se, nesta fase do trabalho, a explicação da construção deste tipo de casas, importa introduzir que as casas deste tipo de povoação, se dispõem “de face para o caminho, emparedando-o e dando assim nascença à rua”<sup>33</sup>. É através desta primeira explicação que se compreende a forma como a grande generalidade das construções se implanta e como a adição de cada vez mais volumes adjacentes começa a criar uma primitiva organização das povoações. No entanto, e como em todos os casos surgem algumas exceções à regra, o aproveitamento da parcela nem sempre era feito por um único volume que virava a face à rua.

As diferentes formas de organização espacial, concentrando ou dispersando as funções e diferentes usos pelo terreno, são consideradas fatores que definem as hierarquias sociais e as distintas necessidades que caracterizam cada caso.

| Casa-bloco | casa pátio |

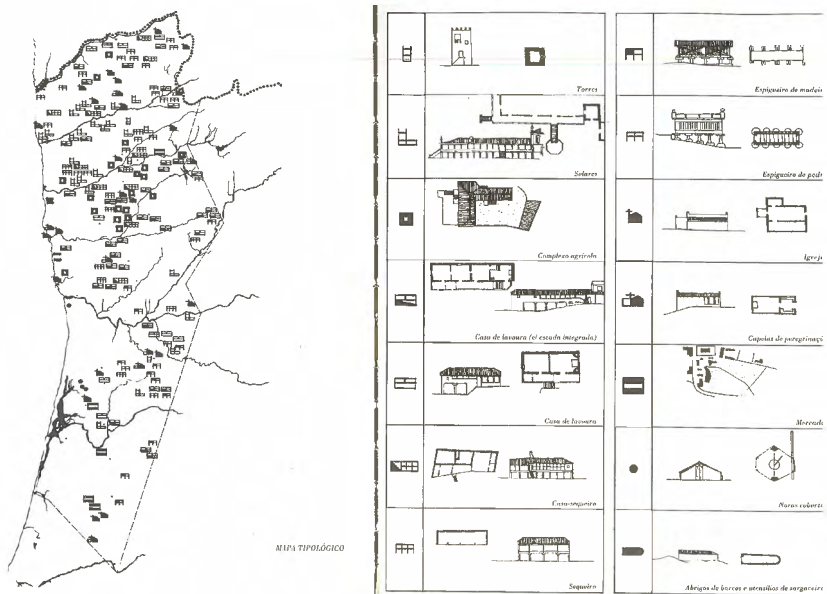
No que diz respeito às tipologias, surgem dois agrupamentos que se podem definir logo à partida quando se referenciam as construções populares no norte do país: a Casa-bloco, que como o próprio nome indica, concentra todos os diferentes usos num mesmo volume, e a Casa

31 VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando (1992) *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote p.13

32 CARITA, Helder [coord]; ARAUJO, Renata [coord] (1998) *Colectânea de Estudos Universo Urbanístico Português 1415-1822*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, p. 24

33 AFONSO, João [coord]; MARTINS, Fernando [coord]; MENESES, Cristina [coord] (2004) *Arquitectura Popular em Portugal* [4ª edição]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos p.26

12 |





Pátio, que contrariamente ao modelo anterior, distribui os espaços por diferentes volumes, que recuam em relação ao limite público da rua, criando um pátio no seu interior.

*Demangeon estabelece uma classificação basilar das casas rurais focada na distinção essencial entre as casas em que todas as dependências – de habitação, dos gados, de arrecadações – se situam sob o mesmo telhado – a casa-bloco, nas suas variadas formas e modelos – e as casas em que cada um desses sectores compete um edifício próprio e independente que se dispõe, a par dos demais, em torno de um recinto central – a casa pátio – podendo este ser fechado ou aberto.<sup>34</sup>*

A tipologia da Casa-bloco aplica-se à maioria das edificações, apresentando, por norma, dois pisos. Estas casas estão associadas a uma classe social de menor rendimento e sem possibilidades de ter a sua própria terra, gado e qualquer mecanismo de produção agrícola, pelo que representam exemplos de famílias que trabalham por conta de outrem.

A casa de dois pisos repartia-se num rés-do-chão que albergava lojas para os animais, alfaias agrícolas e eventual armazém de cereais, seguindo-se um primeiro andar, que podia comunicar com uma cota mais alta do terreno, destinado à habitação. Nos casos em que o primeiro piso não comunicava com uma cota mais elevada, a solução passava pelo acesso através de uma escada de pedra, exterior, que podia ser rematada por uma varanda, normalmente aberta, em madeira, que serviria de logradouro ou de sequeiro para cereais. Associadas a proprietários com mais posses, surgem ainda soluções de varanda fechada com o objetivo de aumentar o espaço interior.

*A casa sobrada, além de ser do tipo urbano normal, mostra, nos níveis rurais, as mais das vezes e nos casos mais expressivos, o térreo para gado e arrumações, o andar para a habitação das pessoas. Ela é fundamentalmente a casa campesina nortenha característica, de Entre-Douro-e-Minho, Trás-os-Montes, Beira Transmontana, Beira Alta e Beira Baixa, região de Coimbra e terras saloias dos arredores de Lisboa.<sup>35</sup>*

A outra variação da Casa-bloco seria a casa de piso térreo, usualmente habitada pelos estratos sociais mais baixos. Esta é uma variação muito menos presente em povoações de médio ou grande desenvolvimento e mais provavelmente encontrada em situações de menor população.

Esta variante possibilita uma facilidade na leitura dos diferentes estratos sociais e do redesenho das estruturas urbanas antigas, localizando

<sup>34</sup> VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando (1992) *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote p.18

<sup>35</sup> VEIGA DE OLIVEIRA *et al*, *idem*: 18

com precisão, através das diferentes tipologias, quais seriam as casas que possuíam e cultivavam terrenos e quais as casas que apenas serviriam para a habitação de trabalhadores.

*Em termos muito gerais, pode dizer-se que a casa de térreo e andar é a casa do Norte. De facto, aí, a casa popular mostra esses dois pisos, com nítida distinção funcional entre si – o térreo para recolha de gados, alfaias e produtos da lavoura, e o andar sobrado para a habitação das pessoas –, na categoria característica casa-bloco, que se ajusta convenientemente às necessidades do tipo económico-social que domina esta região – o pequeno ou médio proprietário rural que trabalha a terra com a ajuda da sua gente ou de alguns raros assalariados e que possui, em escala reduzida, gados e alfaias próprias –, de formas lineares, paredes lisas e nuas, quando não mesmo toscas e rudes, feitas de pedra –, que aí abunda e muitas vezes fica à vista – e telhados de quatro e, menos frequentemente de duas águas [...] <sup>36</sup>*

A casa pátio, por outro lado, é usualmente associada a habitações de maior dimensão. Esta associação deve-se à área que ocupam os seus múltiplos volumes e ao espaço privado próprio que originam. Esta tipologia associa-se a famílias de maiores posses e ocupava lugares isolados do resto da povoação, uma possibilidade relacionada com a capacidade do autossustento. Estes múltiplos volumes podem ser agrupados em “U” criando um “único” volume e um espaço central, apresentando a residência como peça principal da composição, no entanto, é possível encontrar nestas parcelas de terreno alguns volumes destinados à prática da agricultura substancialmente afastados da parte residencial.

Desta forma, e para compreender o modo específico de construir e habitar em São Torcato, torna-se necessária a distinção entre construções, sendo que muitas destas não contribuem para uma leitura limpa e pertinente do território. Para além disso, e como já foi previamente referido, acha-se pertinente que o estudo das habitações e construções seja limitado apenas à área da freguesia de São Torcato, captando as diferenças e/ou similitudes dos modelos tipológicos presentes na zona em comparação com os da região.

Como não é possível fazer-se uma ponderação exata desta distinção, coloca-se em menor destaque um conjunto de edifícios que, pelas suas características (construtivas, de implantação, dimensões, linguagem) revelam ser irrelevantes para o estudo.

É notória a ambiguidade e descaracterização de uma grande parte do edificado da Vila, onde proliferam edifícios que aparentam possuir

<sup>36</sup> VEIGA DE OLIVEIRA *et al*, *idem*: 21

raízes remotas, apesar modificações que sofreram ao longo do tempo. Alguns destes exemplos não estão incluídos no objeto de estudo pela ambiguidade e dificuldade da distinção entre as construções consideradas originais e as reconstruções totais que têm por base uma espécie de procura e revisão da identidade perdida. No entanto, ainda é possível encontrar alguns exemplares de construções que sobreviveram ao passar do tempo e a todas as metamorfoses que os rodeiam, mantendo-se intatos, representando com clareza o modelo vernacular presente.

Dentro da mancha edificada, existem três tipos de construção que se distinguem: edifícios de habitação, em maior número; edifícios religiosos; e construções relacionadas com a atividade agrícola (palheiros, canastros, sequeiros e eiras). Nesta abordagem debruçar-nos-emos sobre alguns exemplos de edificado habitacional e construções de apoio agrícola, marcando como único elemento religioso a Igreja Matriz da Vila que se lê como um objeto de destaque na topografia da zona.

O levantamento incide sobre cinco edificações que se consideram representativas das diferentes tipologias e que se multiplicam pelo território, verdadeiros testemunhos da construção local.

Os exemplos são numerados de 1 a 5 e analisados pelos seguintes parâmetros: implantação numa situação de desnível ou em plano; fachada pública e sua composição; organização interior; acesso, caso exista, à respetiva parcela de terreno.

[1] O primeiro exemplo situa-se perto do Lugar do Assento, numa parte da rua que apresenta uma ligeira inclinação. A fachada voltada para a rua é a maior da casa, e nela se podem ver duas escadas de acesso ao primeiro piso. Uma destas escadas vence um desnível maior e é exterior ao volume, a outra cresce e apresenta-se sob a cobertura do volume, subindo apenas meio piso até à entrada. O desnível da rua garante que exista uma porta, de maiores dimensões, de acesso ao piso inferior.

A casa apresenta uma distribuição de pisos que já foi mencionada neste trabalho: habitação no primeiro piso e uso agrícola no rés-do-chão. O acesso ao terreno é feito pela cota superior onde existe um pequeno portão que também possibilita acesso à entrada superior.

Este exemplo é uma mutação da “casa de lavoura com escada integrada”, uma das tipologias do Inquérito realizado em *Arquitetura Popular em Portugal* (1961), e relativo à zona do Minho. Apresenta, no entanto, uma reconstrução parcial da construção original e um redesenho de alguns elementos da fachada.

[2] Esta habitação é parte de um complexo maior de casas e apresenta

uma plataforma, à cota da entrada, para combater o desnível da rua. A casa é de planta quadrangular e desenvolve-se em dois pisos de habitação. Atualmente é a única casa do complexo que tem acesso ao terreno. Este dá-se por umas escadas exteriores, paralelas à fachada, que sobem em direção contrária ao declive e que criam um muro de contenção de terras que limita a parcela de terreno.

[3] Como o exemplo anterior, esta habitação desenvolve-se de numa situação de desnível, criando plataformas à entrada. Este complexo de habitações desenvolve-se em três pisos, o rés-do-chão e o primeiro piso são ocupados por habitação, enquanto o terceiro piso se desenvolve na cota inferior à de entrada. Esta cota mais baixa é onde se encontra a parcela da casa e do resto do complexo.

[4] Esta tipologia representa os objetos de estudo. Estes encontram-se numa situação de desnível, o que faz com que a cota de entrada não seja a mesma ao longo de toda a parcela de terreno.

A característica mais marcante será dar a menor fachada à rua, desenvolvendo-se o resto do corpo dentro da parcela. Esta particularidade permite que as fachadas que se viram para o terreno sejam mais abertas e as que faceiam a rua seja mais fechadas.

Apresenta três pisos que se dividem, respetivamente, em loja e armazém agrícola, habitação no primeiro piso e espaço de sótão no seguinte.

O acesso ao terreno é feito a partir de uma entrada lateral à mesma cota da entrada principal. O terreno desenvolve-se para um dos lados da casa, o da fachada com mais aberturas.

[5] O último exemplo é representativo da Casa Pátio, também referenciado no Inquérito feito quando da *Arquitetura popular em Portugal* como “complexo agrícola”.

O exemplo escolhido situa-se no Lugar do Assento e desenvolve-se dentro da sua parcela de terreno, fazendo apenas fachada com a rua um corpo usado para armazém de alfaías agrícolas.

Representativas de algum poder económico, estas residências estavam ligadas a grandes parcelas de terreno que no caso de São Torcato se aliam a certos lugares; são exemplos os Lugar de Couta e Lugar de Quintãs.

Hoje em dia estão algo desligados da sua antiga imagem, seja pela apropriação dos terrenos, que tiveram mais construção a surgir dentro dos seus limites, ou pelo abandono ou pelo colapso total da construção.



Exemplo [1]

13|



Exemplo [2]

14|



Exemplo [3]

15|



Exemplo [4]

|16



Exemplo [5]

|17





Exemplo 1: casa na esquina de 18|  
Avenida dos Benfeitores e Rua  
Arquiteto Cesário A. Pinto



Exemplo 2: casa na continuação 19|  
da estrada nacional



Exemplo 3: Objetos de estudo 20|



As edificações estudadas revelam ser de extrema importância para que se perceba o modelo local de construir, tendo em conta a topografia geral do lugar. Para isso, importa analisar a tipologia que se enquadra nos objetos de estudo e de que maneira é que ela se aplica a outros exemplos na Vila.

Os dois objetos de estudo enquadram-se na tipologia [4] com mais dois outros exemplos presentes na Freguesia. A sua relação prende-se com a implantação e aproveitamento do terreno, um tipo de apropriação que pode apenas ser encontrado dentro da Vila. O seu programa começa a desvincular-se da prática da agricultura como sustento e começa a relacionar-se com questões ligadas ao espaço público e privado.

Os terrenos associados aos edifícios são pequenos e pressupõem um menor foco na atividade agrícola. No que diz respeito ao desenho destes elementos, apresentam um maior detalhe na construção da fachada da rua e uma maior área interior em relação a outros exemplos, dando uma maior ênfase à função habitacional.

A primeira imagem ilustra uma habitação que se apresenta como uma exceção por se encontrar numa esquina, mas que mantém os mesmos princípios construtivos e organizadores de espaço. O seu rés-do-chão, comunicante com a rua através de uma fachada marcada por aberturas ritmadas, albergava uma loja que se abria totalmente para o espaço público, e o segundo piso era, tal como os seguintes exemplos, ocupado por habitação.

Os próximos exemplos enquadram-se todas na mesma linha de desenho e de organização. As habitações são limitadas pela rua e apresentam portões laterais que se abrem para áreas privadas da casa. Existe uma marcação comum de três aberturas (portas e janelas) na fachada entregue à rua, dando indícios sobre o uso do rés-do-chão. Disto é exemplo o caso da casa que apresenta apenas uma porta e um uso misto entre habitação e armazém agrícola.

Todos os exemplos apresentam três pisos e um terreno que se desenvolve paralelo às suas maiores fachadas, que segue a rua, e é fechado em todo seu perímetro. A tensão entre público e privado é um dos fatores mais marcantes das habitações desta época: o confronto direto com a rua e com o exterior revê-se numa falta de privacidade e numa desadequação aos modos de vida atuais.

# 2

## Caso prático

*A casa é acima de tudo um produto do Homem, um facto de cultura, e será no próprio Homem e nas leis da sua criação cultural que se deve procurar a razão de ser e a explicação decisivas da casa que é a sua obra – a história e “correntes de civilização”, movimentos de difusão e influências, componentes sociais e conceitos de família, status económico e profissional, tradição e traços de psicologia de grupo e gosto pessoal, etc”*

VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando (1992) *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote p.14

### Duas casas de família

Os dois objetos apresentam-se como dois volumes em lotes adjacentes, sendo que os seus terrenos, longe da forma original, foram-se adaptando à Vila que cresceu à volta.

Não se encontram registos camarários que determinem, com rigor, o ano de construção das casas. Ambas datam, aproximadamente, de meados do século XIX e possuem, portanto, uma história recente em comparação com a Vila em que se inserem; trata-se, no entanto, de um fator que não diminui a importância do trabalho.

O estudo destas habitações permite uma melhor compreensão, tanto do modelo das próprias casas como do modo particular de as habitar. Este trabalho só é possível após um extenso e necessário levantamento dos dois objetos para que seja possível assimilar-se e compreender-se o seu estado atual e a imagem do lugar no presente: é preciso perceber de que modo é que as formas e os espaços foram, mudando e de que forma se adaptaram.

A evolução das habitações foi um processo moroso. Sofreu, mais do que tudo, uma passagem drástica de gerações e de modos de vida, sendo que houve uma longa passagem de tempo durante o qual foram feitas profundas alterações. Seguramente, pode-se afirmar que ambas as casas já não representam um modo de habitar que se adapte perfeitamente ao que se pretende hoje: as pessoas e os espaços não se fundem com a realidade atual.

Algumas divisões caíram em desuso e encheram-se de objetos que não têm outro lugar para ficar. Cheios, estes espaços tornam-se, paradoxalmente, vazios que os habitantes evitam. As janelas deixam de se abrir, ganham pó e o ambiente pesa, afastando-se cada vez mais da vida da casa; são crescentes espaços mortos.

O tempo foi passando, e da contínua presença cria-se uma identidade que não é facilmente esquecida. Aos poucos, foram-se criando histórias e memórias de uma família que serão certamente lembradas por longos anos, esperando-se a não estancicidade, esperando-se ainda que surjam novos habitantes, com novas histórias.

Estas casas começaram no mesmo ponto de partida, mas acabam por ter cronologias bastante distintas.

Pela estreita e inevitável relação que existe entre mim, as duas habitações e as pessoas que lá habitam e habitaram, referir-me-ei às duas habitações como [1] Casa da Avó e [2] Casa do Tio, de forma a representar,



Fotografia panorâmica sobre as 1 | duas casas.



Planta de implantação | 1:5000

- Zona de cultivo
- Zona Construída
- Objetos de estudo

2 |



respetivamente quem as habita e quem as habitou.

Originalmente, apenas uma das casas (a de cima) foi comprada e habitada pela minha família, onde viveria durante vários anos a minha avó, com sua mãe e duas tias. Com o passar do tempo a casa do lado foi alugada e posteriormente comprada e para aí se mudaram os meus avós. A casa de cima foi herdada pelo meu Tio-Avô, que se mudou de Guimarães para São Torcato; assim começa a história das duas casas.

Aplicando e reforçando uma ideia já defendida por Demangeon em *Arquitetura Tradicional Portuguesa* (1992), uma das melhores maneiras para estudar uma habitação será olharmos para o seu interior e a partir daí retirarmos conclusões, lado a lado, a partir de uma comparação da história de ocupação das casas e sucessivos usos.

O processo de levantamento destas duas casas aconteceu em paralelo, e o mesmo se pode dizer do processo de projeto. No entanto as peças são válidas por si só, e como tal, serão apresentadas individualmente.

A apresentação deste levantamento terá início com a [1] Casa da Avó, mostrando a análise da distribuição e as hierarquias espaciais dentro da casa, bem como a análise das condições construtivas e estruturais atuais; transitará posteriormente para [2] Casa do Tio, seguindo uma mesma organização.

Esta descrição das condições atuais das casas será feita através de um percurso, desde o exterior até o interior. O percurso será uma interpretação pessoal das casas, de um uso de uma memória já formada e de uma vivência do espaço. A leitura das diferentes condições e identidades serão o ponto de partida para um processo de projeto que, sem dúvida, foi influenciado pela vivência e permanência neste mesmo espaço.

As casas representam duas abordagens distintas, baseadas na diferença de vivências entre si.

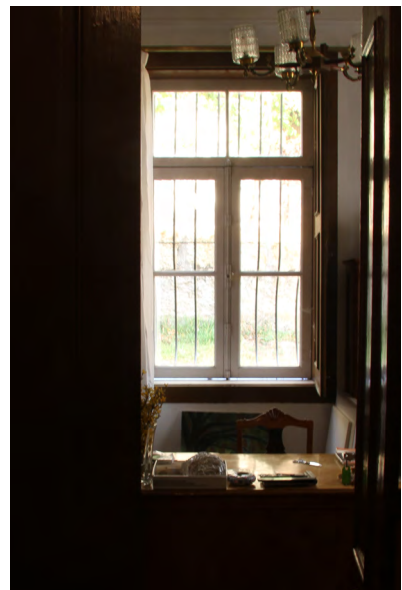




|3



4 |



|5



6 |



|7



8 |

## Casa da Avó

### Estado Atual

Pela porta da rua, entramos num espaço de corredor com uma porta ao fundo, normalmente sempre aberta; o chão é de uma tijoleira avermelhada polida que apenas se encontra nesta entrada. Do lado direito existe a entrada para o “escritório”, com um pequeno desnível, já em soalho, aplicado por cima da tijoleira. Este compartimento vira-se, simultaneamente, à rua e à casa vizinha. As janelas nunca estão abertas mas as suas portadas deixam, no entanto, entrar alguma luz. Há anos que deixou de ter função, tornou-se num depósito de livros e documentos. Um espaço valioso, perdido dentro da casa.

Voltando ao corredor e olhando em frente, entramos na porta que se abre para um quarto, alcatifado, com uma casa de banho ao fundo. Esta divisão foi remodelada na década de 1980 quando foi necessário um quarto extra que fosse autónomo. A humidade tem vindo a degradar cada vez mais a moldura de madeira das janelas que nesta divisão já se começa a desfazer, afetando o teto e a parede em contacto com o exterior.

Avançando para o espaço das escadas observamos outra porta, esta de grandes dimensões e de folha dupla, que nos dá acesso à loja. O pavimento muda, transforma-se, de um vermelho polido para uma betonilha crua, do mesmo tom das paredes cinzentas graníticas. As janelas voltadas a norte, sempre fechadas, não deixam a luz entrar, o maior espaço da casa está ao abandono. À entrada existem duas cubas metálicas para o armazenamento do vinho que aqui se produzia mas que são cada vez menos usadas, uma vez que as uvas e a paciência escasseiam.

Do lado esquerdo uma porta conduz a outro espaço outrora usado todas as vindimas. Hoje, nesta sala, podemos encontrar um pequeno trator e um lagar, com base de granito mas construído em betão, que serve, como o espaço anterior, de armazenamento de pequenas máquinas, materiais e mobílias. O teto aqui foi transformado, as traves de madeira foram substituídas por betão e tijolo. A parede do fundo, que separa o quarto desta divisão, é de tabique e costumava ter uma pequena janela para este espaço, agora selada. Esta divisão, tal como a anterior, foi adaptada para a produção de vinho, não sendo essa a sua função original.

Ao fundo, saindo pela porta em direção ao exterior, vemo-nos abrigados por uma cobertura de betão, uma adição recente dos anos 1980. À direita, dois cachorros em pedra apoiam-se nas escadas e repousam sozinhos, servem de memória à antiga varanda de madeira retirada aquando da adição do novo volume. Encontram-se também duas portas: a da frente esconde um pequeno espaço de lavandaria com máquinas de lavar, secar





|9  
10|



11|



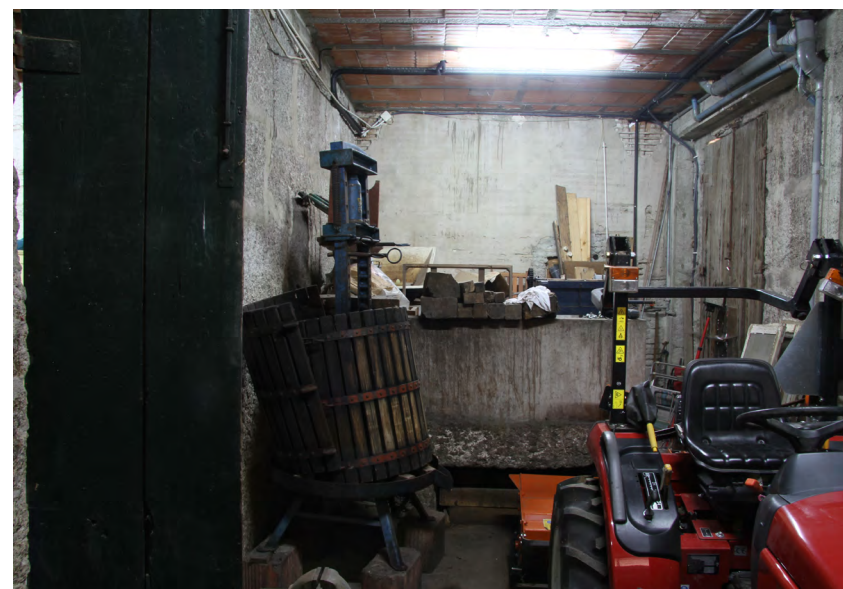
|14  
15|



12|



|16  
17|



|13



|18

19|



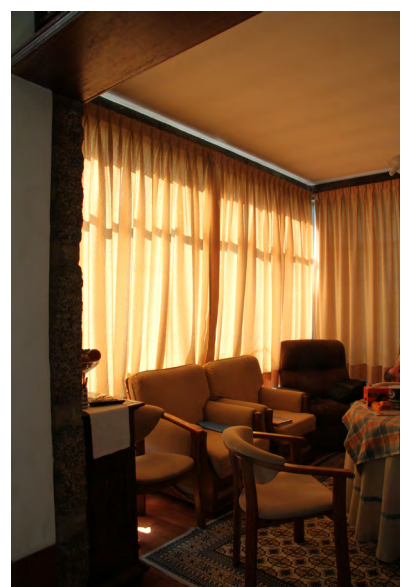




|20  
21|



22|



|23  
24|



e um cilindro (antigamente usado como fossa da única casa de banho da casa); a da esquerda conduz-nos a uma adega. As paredes estão cobertas por garrafas com o vinho produzido na sala do lado. Este escuro espaço é iluminado apenas por duas aberturas e dividido por uma plataforma de madeira, que cria dois níveis. Era usado como corte para os porcos e apresentava uma porta, agora tapada, que comunicava com o espaço hoje ocupado pela garagem.

Subindo as escadas exteriores, chegamos a uma outra entrada no piso superior. Duas portas dão acesso ao interior: à esquerda, uma de madeira maciça permite entrada direta na cozinha. Aqui uma trave de madeira, apoiada nas duas paredes, divide o espaço e suporta a estrutura de tabique que dá forma a uma chaminé e que transforma completamente o espaço interior (a estrutura foi recentemente remendada, pelo que não estará na melhor das condições); pela porta em frente entramos para um espaço claramente de passagem que está em contato direto com o corredor principal da casa.

Percorrendo o corredor e abrindo a primeira porta à direita, entramos na sala de jantar onde as portas da varanda, protegidas por portadas interiores de duas folhas cada, dão uma forte luz ao espaço. Na continuação, surge um compartimento de planta quadrangular, mais pequeno, que veio substituir a antiga varanda de madeira (esta apoiava-se numa trave e num tosco pilar de granito). Hoje é usado como sala de estar e é o lugar mais vivo da casa. Todo envidraçado e com cortinas que correm ao longo do pano de vidro, acaba por se tornar numa zona desejável e confortável. O calor que se faz sentir no verão é combatido com “ar-condicionado”. A porta que daria acesso à zona de entrada encontra-se barrada por um móvel que cobre a parede.

Do lado oposto surgem dois quartos duplos, ambos apenas com uma janela que se vira para as traseiras. No quarto posicionado em frente à sala existe uma porta que daria acesso à entrada da casa, mas que está tapada por móveis. Este espaço foi usado como sala de jantar e sala de banhos (aquando das anteriores ocupações).

Transpondo a porta oposta ao segundo quarto chega-se a uma divisão que foi usada como quarto de dormir até à década de 1980, e que se viu dividida em duas casas de banho de apoio aos restantes quartos. É ainda possível observar-se que o teto original cobria uma divisão única e de maior dimensão.

Seguindo o corredor e chegando ao espaço das escadas vemos que as molduras das portas mudam, transformam-se em peças de maior detalhe. À direita está o maior quarto, o único da casa com casa de banho própria, tendo passado também por diferentes ocupações, e sido usado como sala



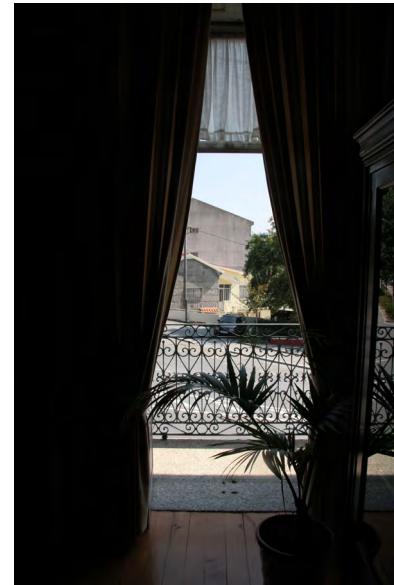


|25  
26|

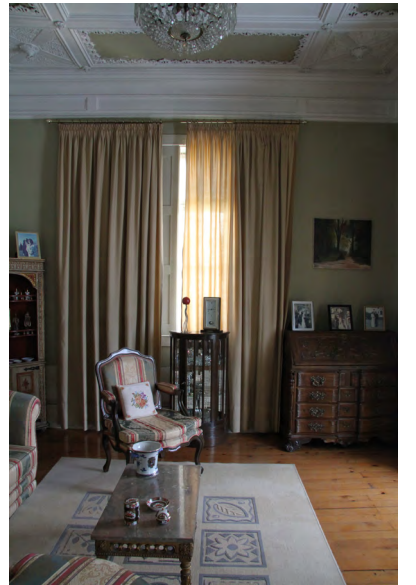


|29

27|



|30  
31|



|28

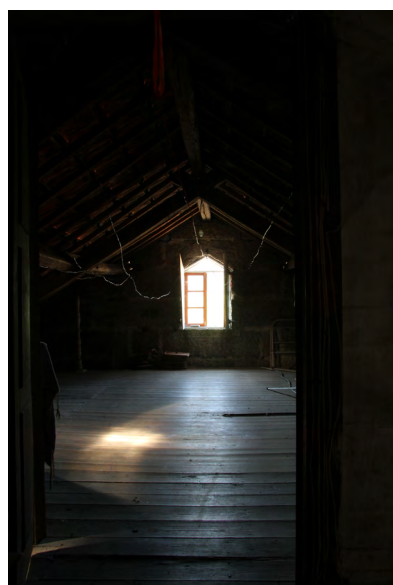


|32





|33



|34  
35|



|36



de estar até aos anos de 1970.

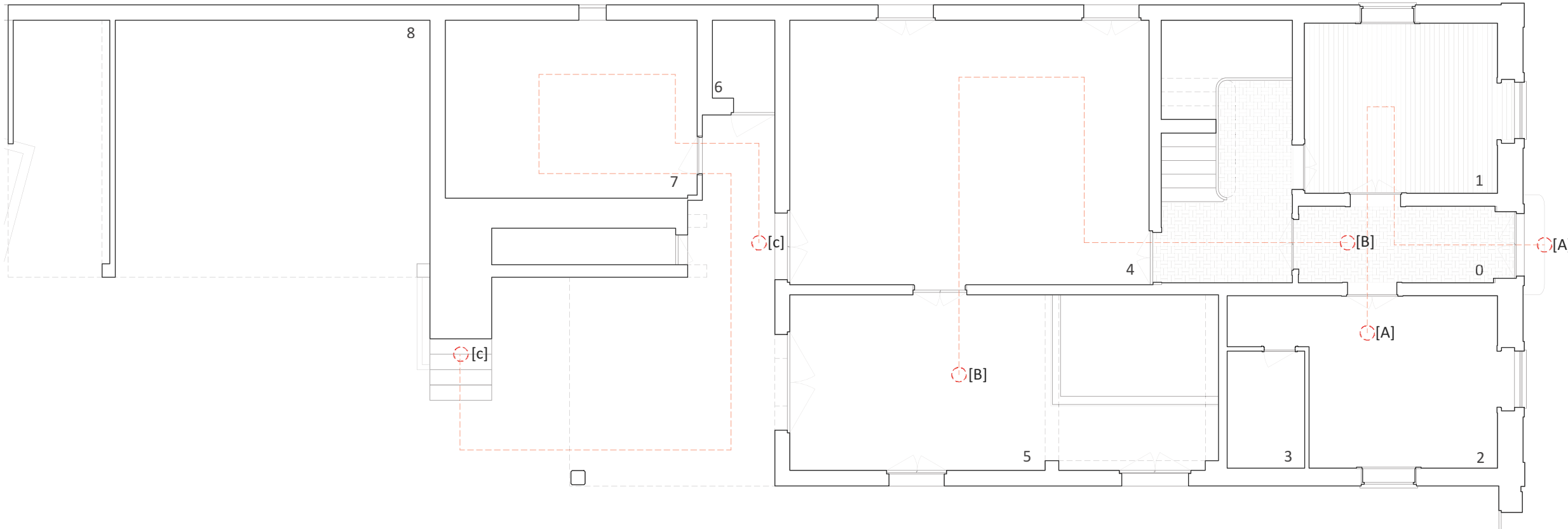
É em frente que surge uma segunda sala, usada originalmente como quarto principal. A primeira impressão é de que esta divisão está em melhores condições que as restantes. Ressaltam as suas paredes e teto (de gesso trabalhado) de tom verde e uma disposição específica de mobília que sugerem que esta seria uma sala de representação, sendo que hoje quase nunca é usada. Tem ainda um acesso à única varanda da fachada principal e oferece uma vista desimpedida sobre a rua.

Voltando atrás e subindo as escadas notamos que o lance que sobe a partir do rés-do-chão se distingue daquele que conduz ao andar superior. Este segundo lance de escadas foi totalmente refeito e o seu pavimento difere claramente do soalho original da casa. Chegando ao patamar superior surge um pequeno espaço que se marca na fachada com uma janela que se abre para a rua. Do lado oposto, alonga-se um espaço onde podemos observar a estrutura à vista, o soalho e o seu encontro com a parede exterior e, sem qualquer revestimento, ao fundo, a parede de granito e uma pequena janela que se volta para o terreno atrás da casa. As condições do espaço fazem com que este esteja em contacto quase direto com o exterior e que as temperaturas dentro sejam muito similares às de fora. Normalmente é usado para estender a roupa, prática que se foi evidenciando com o passar dos anos no soalho do centro da divisão.

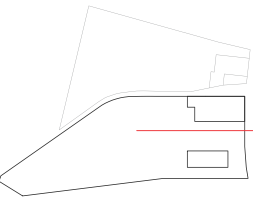


Fachada sul  
Planta rés-do-chão  
Escala 1:100

- [0] Átrio de entrada
- [1]Escritório
- [2] Quarto
- [3] Casa de banho
- [4] Loja
- [5] Loja
- [6] Arrumos
- [7] Adega
- [8] Garagem



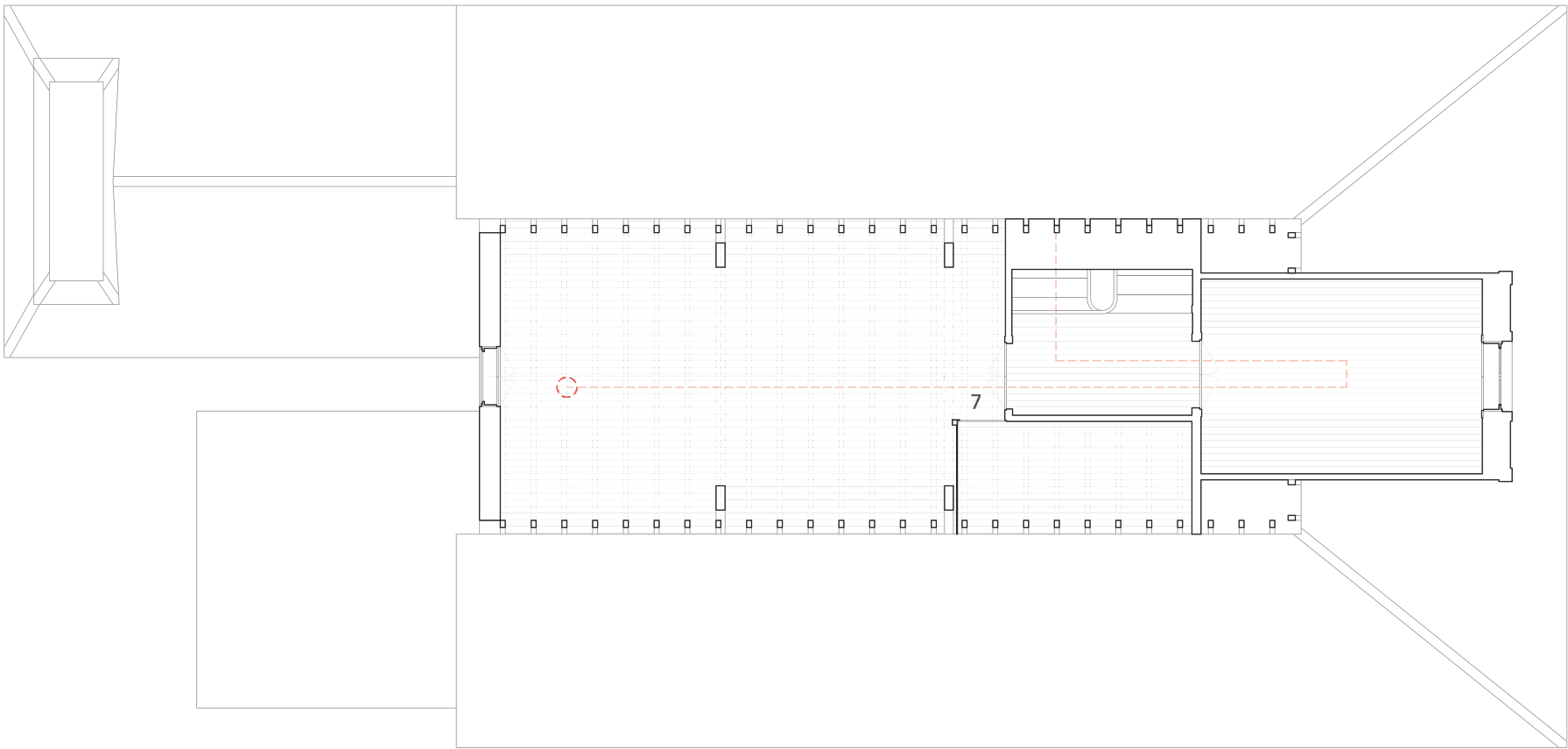
[A-A] Página 48  
[B-B] Página 50  
[C-C] Página 51



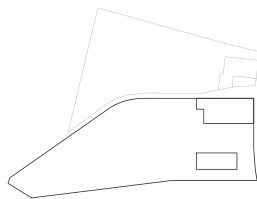
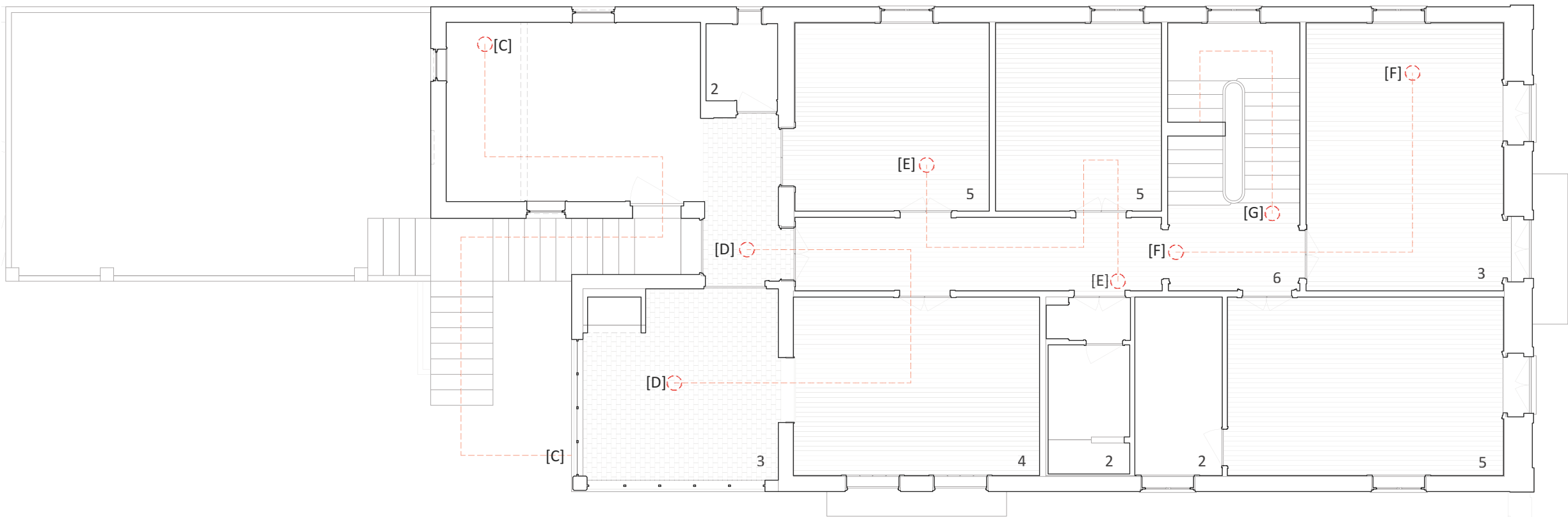


Planta segundo piso  
Planta primeiro piso  
Escala 1:100

- [1] Cozinha
- [2] Casa de banho
- [3] Sala de estar
- [4] Sala de jantar
- [5] Qaurto
- [6] Corredor
- [7] Sotão

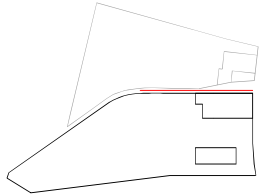
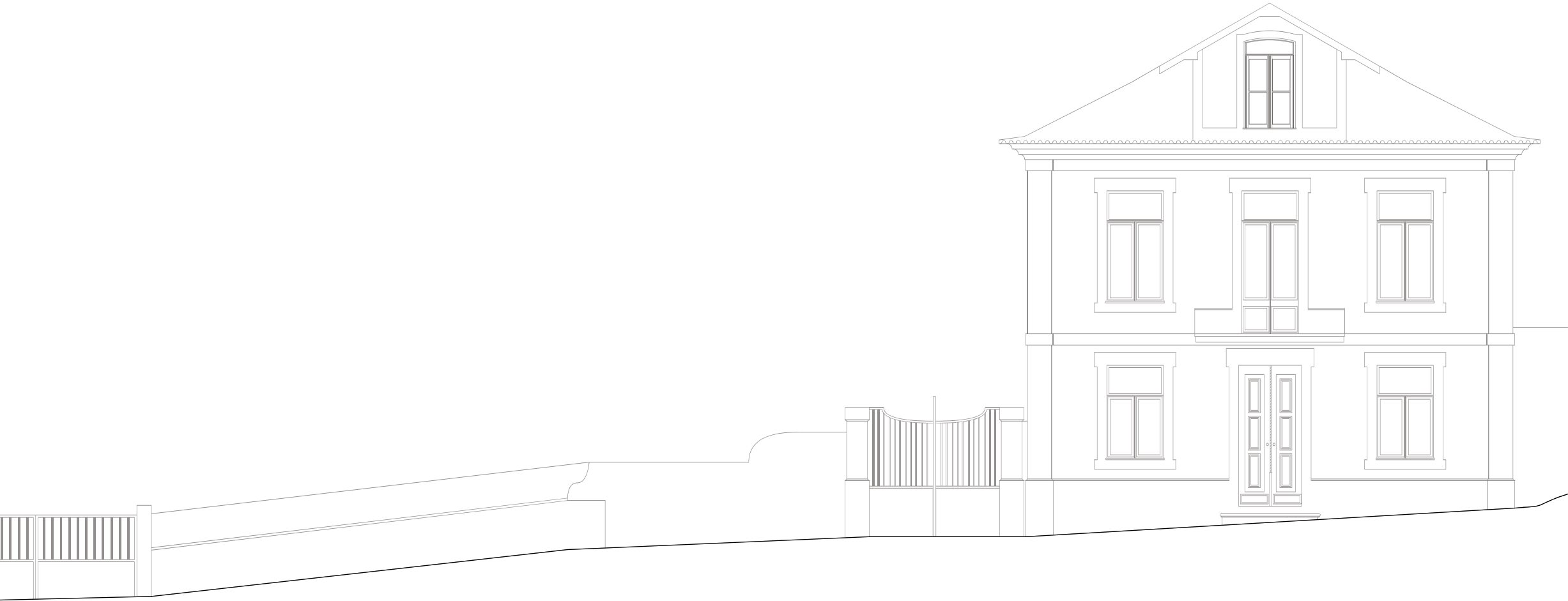


- [C-C] Página 51
- [D-D] Página 52
- [E-E] Página 54
- [F-F] Página 55
- [G-G] Página 56



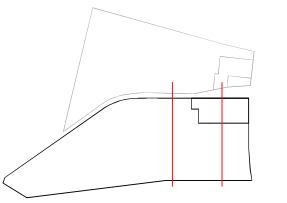


Fachada norte  
Fachada este  
Escala 1:100





Corte transversal  
Fachada oeste  
Escala 1:100



É apenas através do resumo deste percurso pela casa que aqui resultou numa importante introdução da espacialidade e identidade da mesma, que se torna possível atentar e realçar as diferentes fases que ela regista.

A volumetria atual é composta por uma soma de partes que foram adicionadas em diferentes épocas através de diferentes ocupações. Na composição lêem-se três distintas formas: um volume inicial, retangular que alberga a parte da habitação, loja, sótão e que era rematada, na fachada oposta à rua, pela varanda de madeira e o corpo, ainda hoje presente, da casa de banho exterior que limitava a plataforma exterior de chegada; a segunda adição será o volume retangular de pedra que atualmente contém a cozinha e a adega; finalmente, o volume mais recente, em betão armado, que veio substituir uma pequena varanda de madeira, e se torna uma extensão da sala de jantar e se transforma na zona de estar da casa.

A casa exhibe mais aberturas nas suas fachadas este, sul e oeste, aproveitando a exposição solar, em comparação com a sua fachada norte que se mostra mais descuidada e fechada

Existem cinco entradas: quatro no rés-do-chão e uma no piso superior, de acesso apenas através das escadas exteriores. Apenas a porta da fachada principal dá entrada na zona de habitação; as outras três portas ligam o espaço de loja à parcela de terreno.

A evolução da casa passou, não só, pela mudança da volumetria inicial mas também pelos diferentes usos atribuídos às diferentes divisões ao longo dos anos. Rastreiam-se então as diferentes funcionalidades dos espaços:

No rés-do-chão, e como já foi referido, a adega seria uma corte para porcos que comunicava através de uma porta, agora selada, com o espaço hoje ocupado pela garagem.

O espaço de loja não teria o fabrico de vinho como função original, os instrumentos (cubas e lagar) que hoje lá se encontram são recentes e não poderiam, como tal, corresponder a uma primeira apropriação.

Todavia, e tal como é indicado pelos seus materiais e pela sua espacialidade (que apresenta um “excessivo” pé direito de três metros), pelo seu contacto direto com o interior da casa e consequentemente com a rua e a fachada principal, conclui-se que a sua função nunca passou pela criação de animais.

Durante as diferentes ocupações o piso de rés-do-chão foi utilizado de maneiras distintas das atuais. A entrada através da rua não era

pavimentada com a tijoleira que hoje podemos ver e o escritório teria sido usado como celeiro. Os antigos proprietários teriam mais terrenos de cultivo e seria ali que guardavam parte da sua produção. No entanto, a divisão que se lhe opõe ganhava contornos sociais e era utilizada como sala de representação, tendo sido posteriormente, já na ocupação da minha família, transformado em sala de banhos. O piso foi gradualmente transformado de um uso quase totalmente agrícola para uma crescente ocupação habitacional e social.

O piso de habitação sofreu, também, algumas alterações, sendo de destacar a transformação da varanda num espaço interior de estar. Em menor escala, notam-se alterações de usos em praticamente todas as divisões e a adaptação da fachada para acomodar os volumes da cozinha e da nova sala.

A casa apresenta algumas provas, apesar de ainda se apoiar na exploração da terra, de não ser este o seu principal sustento. Chegou *inclusive*, numa das ocupações prévias, a ser usada como casa de férias e de repouso para a recuperação de saúde de uma das filhas do proprietário. Pode afirmar-se que, estilisticamente, a casa se encontra num ponto intermédio entre vernacular rural e o urbano eclético, e é possível especular-se, tendo em conta a sua organização interna e a área total da construção, que o estatuto social dos primeiros ocupantes terá sido de uma família com algum poder económico.

Apesar das alterações e dos acrescentos, é seguro dizer que o piso superior era habitacional e que o piso inferior se dividiria entre habitação e espaços para a exploração da pequena parcela anexa ou de outros terrenos.

Apesar de todas as diferenças na distribuição interior, a casa obedece ao modo tradicional de construção. A sua imagem exterior é, no entanto, mais polida e detalhada que a casa rural e a atenção concentra-se no seu aparelho de pedra regular e nos pormenores da fachada que dá a face à rua, na varanda lateral e na antiga varanda que rematava o volume.

O terreno foi sofrendo algumas alterações, sendo que foi crescendo e diminuindo alternadamente ao longo do tempo. O terreno que se crê original teria como limites a continuação do pequeno muro de pedra que existe na parte traseira da casa e estender-se-ia até ao fim da residência vizinha. Era um terreno retangular paralelo à fachada sul da casa.

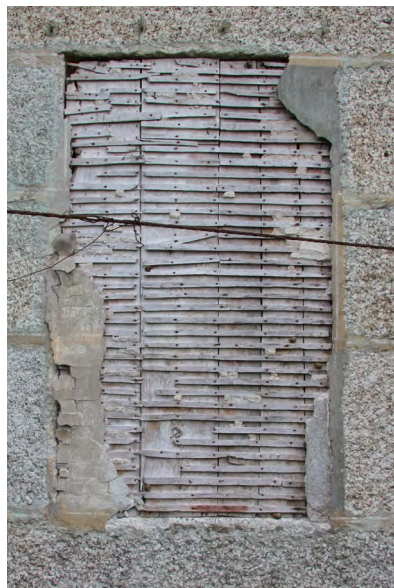




|37|



38|



39|



40|



|41|

42|



## Casa do Tio

### Estado atual

Esta casa, ao contrário da outra, está fechada há cerca de 15 anos e importa realçar, para este estudo, o facto de o seu estado de conservação me ser desconhecido aquando do início das visitas; como tal, explorar esta casa foi um processo de descoberta.

Da rua vemos a casa fechada, a imagem de uma identidade distorcida. Os seus dois portões enferrujados estão trancados com uma corrente; aproximando-nos e abrindo o portão, entramos para o pátio lateral direito para onde em tempos a casa crescia. A nova rua veio transformar o lote que, originalmente, continuava para o lado, mas que neste momento se estende paralelamente à nova rua. Subindo as escadas em direção ao patamar superior, onde se sabia existir uma entrada, nota-se que as duas janelas que dobravam a esquina foram fechadas com tabique e massa. Numa delas, a da fachada da porta principal de tardoz, o revestimento começa a cair.

O patamar foi tomado pela vegetação e o jardim engolido por plantas selvagens e arbustos. A porta de entrada, de duas folhas de madeira pintada a branco, está aberta, mas as portadas interiores estão barradas. Do lado direito, existe uma porta pintada de vermelho que esconde uma minúscula casa de banho de acesso exterior, presumivelmente a única da casa, em determinado momento. Aproximando-nos do fim da plataforma chega-se a um espaço mais aberto onde se consegue abrir a porta da cozinha.

O espaço interior é iluminado por uma janela, já sem vidro, ao fundo. À direita, logo na entrada, está um forno de lenha, a chaminé desce para o receber e cobre a área à volta. A única porta conduz-nos a uma pequena sala. Abrem-se as portadas da única janela da divisão. O vidro das janelas partidas cai no chão e junta-se a papéis e objetos que se amontoam nos cantos da sala. A madeira do soalho está podre e os tetos começam a ceder, nos cantos. Do lado esquerdo, uma casa de banho toma forma, a janela que a iluminava está barrada e não se consegue abrir.

De volta à sala sobem-se dois pequenos degraus rematados por uma porta que se encontra aberta. A divisão que se segue é um pouco maior. Está cheia de pequenas mobílias, mas, no canto, nota-se a falta de um móvel que, quando retirado, revelou a pintura original da divisão.

Seguindo em frente, chegamos ao corredor da casa, apenas a luz ténue da divisão ao fundo se faz notar. O corredor, como na casa vizinha, tem duas portas de cada lado. Quatro quartos ocupam as diferentes divisões.





|43



|47  
48|



44|



45|



|49



50|



|46



|51  
52|







|53  
54|



55|



|56  
57|



Ao abrir as janelas, revela-se o mau estado da casa: o soalho, em alguns sítios partido, noutros podre; as paredes de tabique tornaram-se curvas com o tempo e com as infiltrações que se notam por todo o lado; os tetos estão a cair; as molduras das janelas apodreceram; os rodapés soltaram-se e mostram a pedra crua da parede de granito.

Ao fundo do corredor, seguindo a luz, surge uma sala, aparentemente, a divisão em melhor estado. As janelas mantiveram-se fechadas e os vidros intactos, protegidos pelas persianas exteriores.

Tal como na outra casa, as áreas comuns estão em contacto com a fachada principal e mais uma vez existe uma varanda virada para a rua, todavia inacessível.

Voltando atrás e apenas com a luz ténue de uma lâmpada, coberta de pó e teias de aranha, descemos as escadas. No patamar intermédio as paredes exteriores começam a espreitar, o revestimento interior, uma argamassa pintada de acordo com o resto da casa, está muito deteriorada e começa a desfazer-se. No fim dos degraus, que descem em “L”, chegamos a um espaço quadrangular, ainda pintado com as mesmas cores do piso superior. Apresenta duas portas, uma para fora, mais uma vez barrada, e outra para a parte de trás da casa.

O piso está coberto por terra, trazida por fortes chuvas nos últimos anos, e não se consegue distinguir os materiais que cobrem o chão. Atravessando a única porta que se manteve aberta, chega-se a um espaço onde, em frente, se vê a estrutura da escada acabada de descer e uma parede de aparelho irregular que limita o fim da casa. Mais uma vez, mobílias e caixas de objetos deixados para trás encham a divisão.

Ao fundo, depois de subirmos um degrau, entramos naquilo que seria uma antiga corte para porcos, o chão é de granito irregular, o piso superior é sustentado por vigas de madeira que se apoiam na parede exterior e que penetram no terreno atrás da parede do fundo. Dois pequenos buracos ligam este piso ao superior: um, diretamente por baixo da cozinha, o segundo, no local da casa de banho. A porta que leva ao exterior está partida, deixando entrar luz e ar fresco.

O acesso à maior divisão deste piso, a loja, é apenas possível pelo exterior, já que a terra que se encontra no chão bloqueia a abertura da porta que liga as duas divisões. Através da porta exterior, localizada no pátio inicial, entramos num espaço que o grande número de aberturas torna, imediatamente, marcante, em total contraste com a falta de luz sentida do outro lado da parede. O pé direito ronda os três metros e as vigas de madeira que sustentam o piso superior aparentam estar em bom estado. No canto, impedindo a abertura de duas portas, está uma





|58  
59|



60|



61|



|62  
63|



64|



|65  
66|



67|







|68  
69|



|70



|71  
72|



estrutura de madeira, independente, que servia para o armazenamento de cereais.

As paredes de granito marcam a sala com a sua forte presença, fazendo com que as já grandes dimensões pareçam ainda maiores. Os dois pátios comunicam entre si através desta zona e as duas portas, as únicas que se abrem, criam duas fontes de luz que dão um certo encanto ao espaço abandonado.

De volta ao interior e em direção ao segundo piso podemos reparar que a cobertura nesta área foi refeita recentemente (veio substituir uma claraboia que ruiu, deixando esta parte da casa desprotegida). A madeira das escadas até ao patamar apodreceu e apenas a estrutura se mantém em bom estado.

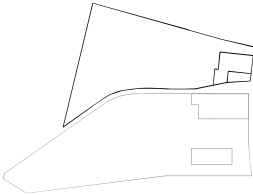
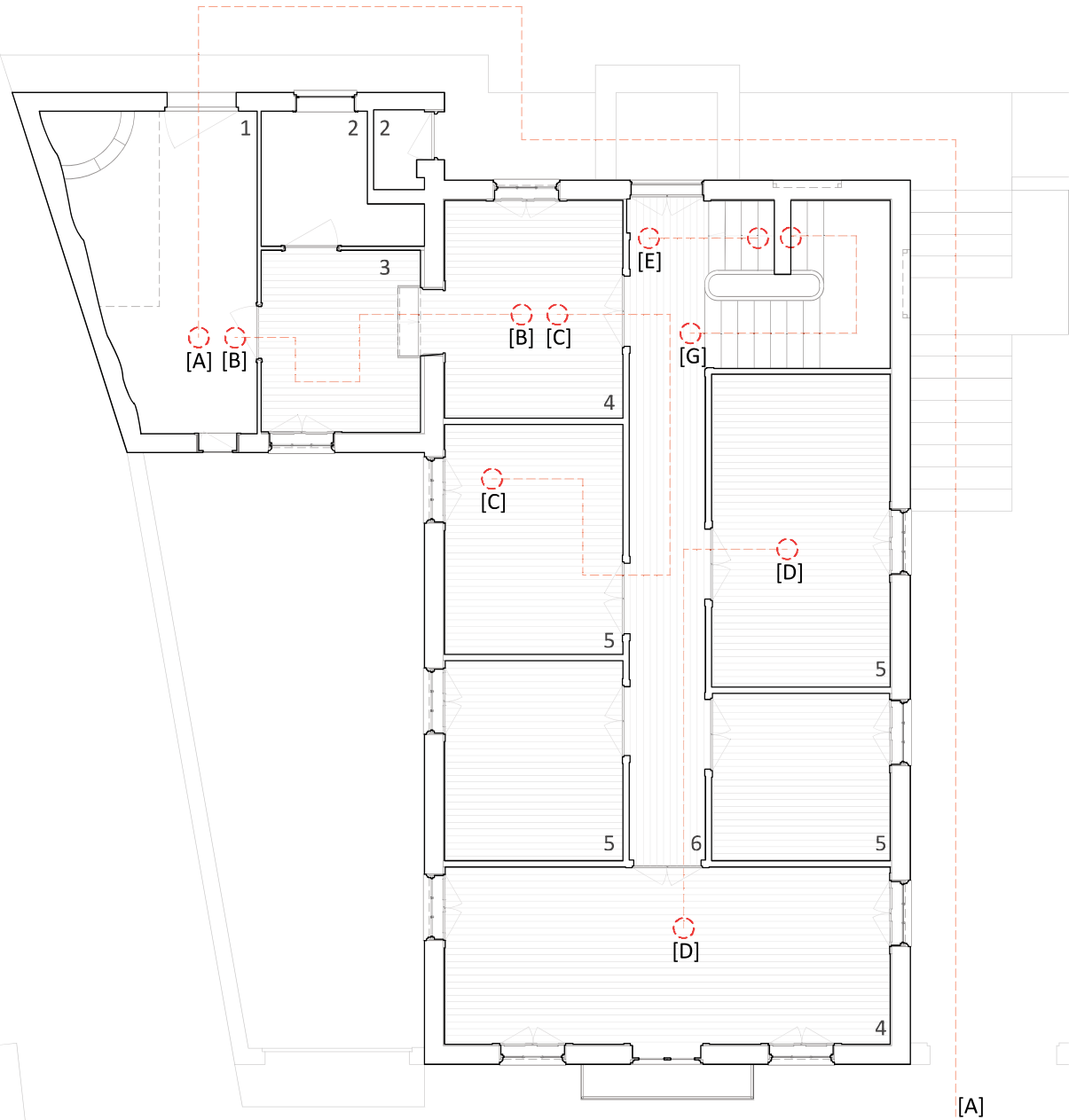
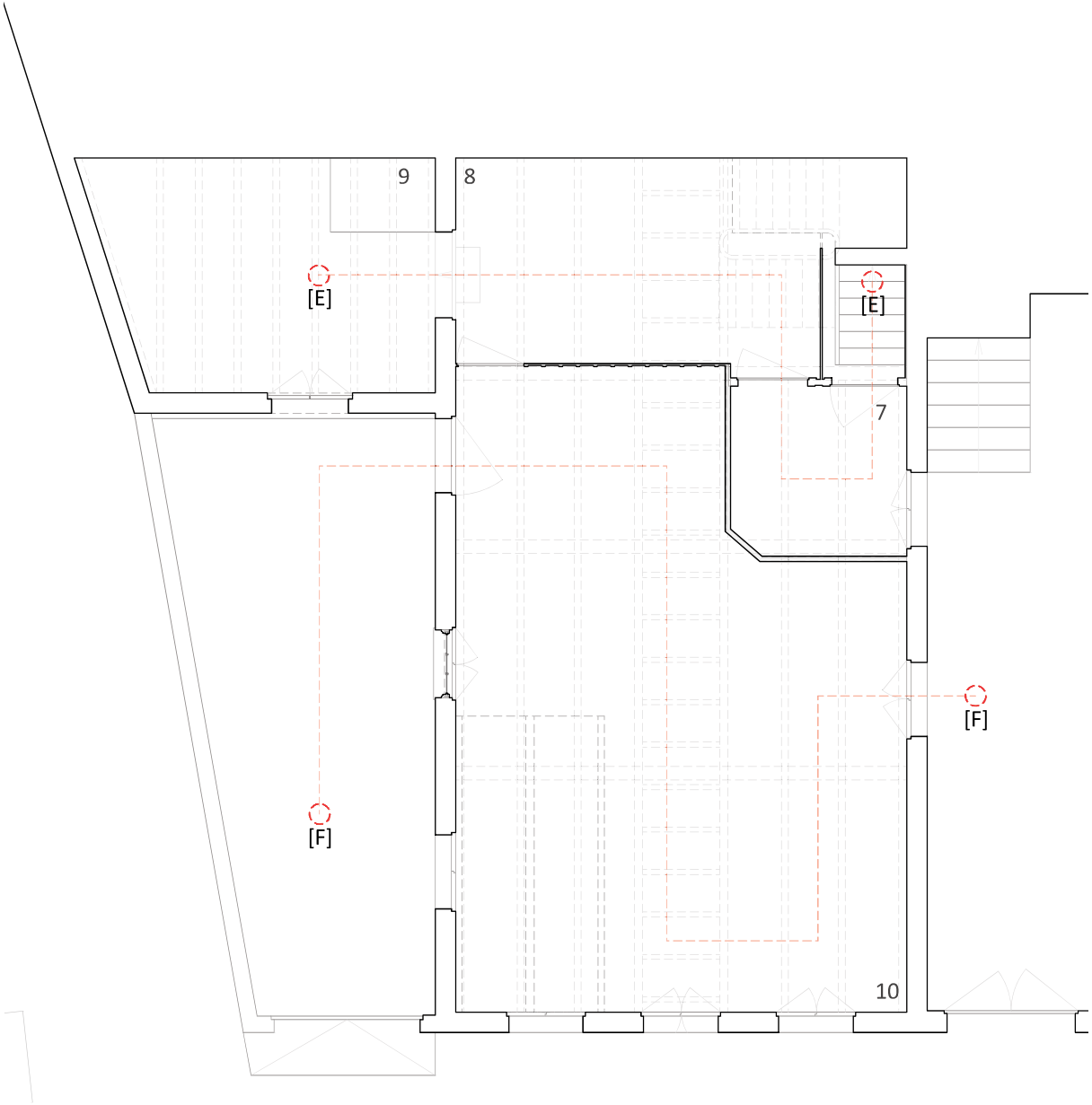
No piso superior revela-se uma sucessão de espaços de pequenas dimensões, com a estrutura da cobertura à vista. A direção da luz solar alterna de divisão para divisão conforme a existência de telhas de vidro. No último espaço, de uma forma que é similar à casa vizinha, existe uma janela que se abre para a rua e que ilumina mais ativamente a divisão. A ténue luz e o baixo pé direito carregam este sótão, deixado ao abandono, com uma beleza marcante.



Planta rés-do-chão  
Planta primeiro piso  
Escala 1:100

- [1] Cozinha
- [2] Casa de banho
- [3] Sala de refeição
- [4] Sala de estar
- [5] Quarto
- [6] Corredor
- [7] Átrio
- [8] Arrumos
- [9] Corte
- [10] Loja

- [A-A] Página 68
- [B-B] Página 70
- [C-C] Página 71
- [D-D] Página 72
- [E-E] Página 74
- [F-F] Página 75
- [G-G] Página 76



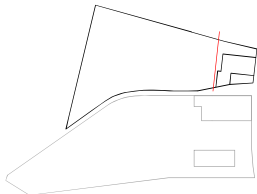
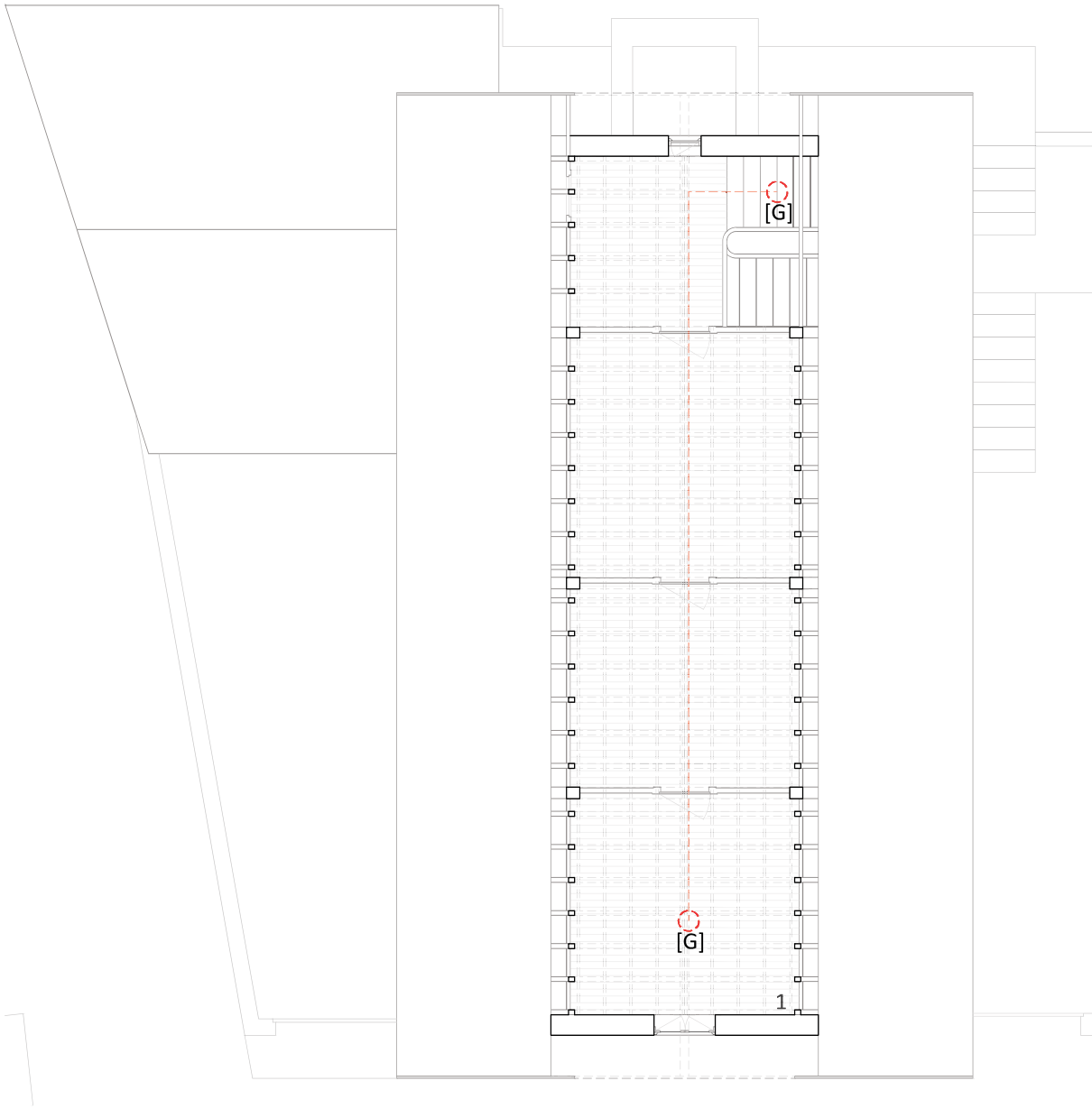




Planta segundo piso  
Fachada oeste  
Escala 1:100

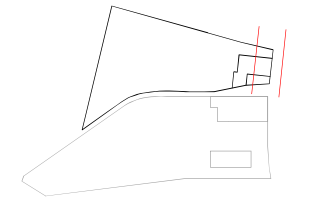
[1]Sotão

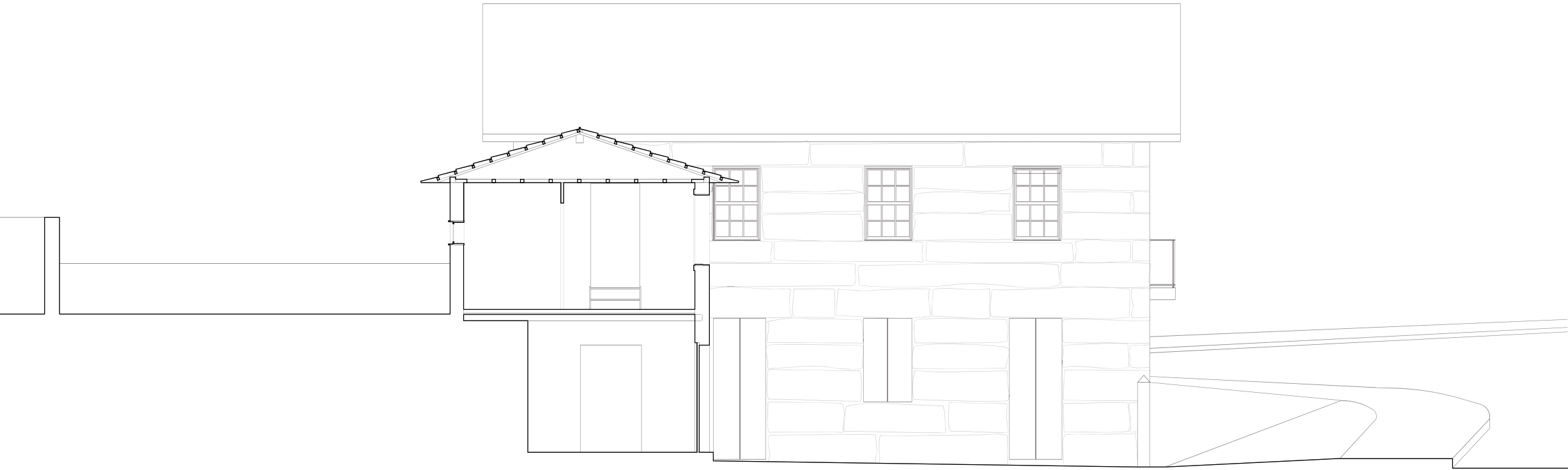
[G-G] Página 76



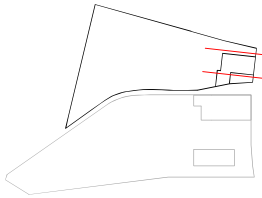


Corte transversal  
Fachada este  
Escala 1:100





Corte/fachada Sul  
Fachada norte  
Escala 1:100



Mais uma vez, este modelo apresenta várias características comuns com as casas rurais; no entanto, revela-se mais desenvolvido e com maior detalhe.

A casa tem uma hierarquia bem definida, sendo no rés-do-chão que se situavam todos os espaços ligados a agricultura e à criação de animais, desenvolvendo-se, nos pisos superiores, a habitação.

O aparelho de pedra não é, neste caso, tão cuidado como na casa vizinha, apresentando-se, de certa forma, mais ligada à terra e à exploração agrícola. Certos detalhes presentes nas fachadas e, também, no modo de construir, aliados às reduzidas proporções dos espaços interiores, contribuem para trazer a casa para um pouco mais perto do modelo rural da região.

A casa divide-se em dois volumes: um maior, com três pisos e um mais pequeno, perpendicular ao primeiro, com dois pisos.

O segundo volume serviria, no piso inferior, de corte e seria o piso superior o lugar que albergava a cozinha e a zona de refeições que apoiaria a casa inteira. Estes dois pisos teriam, como referido, um contacto vertical entre si através de duas aberturas: uma na cozinha e outra na casa de banho. Tal como a zona de refeições, as dimensões e proporções dos espaços interiores da casa são bastante reduzidos, sustentando o carácter mais humilde da construção.

O volume principal é formado, no rés-do-chão, por três divisões: uma sala que liga os dois pequenos pátios de ambos os lados da casa e que serviria para armazenamento e secagem de cereais, um pequeno átrio de entrada, que permite a entrada no piso e faz a separação entre habitação e espaço de loja, e, por último, um espaço nas traseiras do edifício sem acesso a qualquer fonte de luz que apenas funcionava com espaço de passagem e armazenamento de produtos. No segundo piso desenvolve-se todo o programa de habitação, com três quartos, duas salas e um escritório, posteriormente transformado em quarto. Direccionando-se para fachadas opostas, as salas visam diferentes funções: de receção, no caso da sala junto à entrada, e de estar, na fachada oposta, ocupando a maior área do piso superior e criando contacto visual com a rua.

A casa não terá sofrido grandes alterações interiores pelo que a sua disposição atual será muito próxima da inicial. As principais mudanças encontram-se na colocação de tetos falsos, neste momento estão muito degradados, que ilustram diferentes aproveitamentos espaciais. O piso superior do anexo demonstra que a porta que liga os dois volumes se estendia até ao topo do pé direito mas que foi tapada e, como tal, as paredes que dividem os pequenos espaços da cozinha, sala de jantar e

casa de banho, terão sido construídos numa segunda fase.

Apesar de reduzidas para uma habitação contemporânea, as áreas da casa eram generosas na época. A presença de um corredor central, evidencia um avanço quando comparado com a organização de apenas um corredor de distribuição lateral das casas rurais.

A fachada é também um dos fatores que mostra uma evolução e um apuro de desenho nesta casa. A aplicação das peças de madeira, a varanda e o tamanho das próprias janelas na fachada principal demonstram a procura de um desenho mais depurado e um modo mais complexo de construir que contrasta com a simplicidade de modelos mais humildes.

Mais uma vez o terreno atual da casa não se circunscreve aos limites originais, tendo sofrido uma profunda alteração em anos recentes aquando da construção da rua lateral. Antes da alteração o terreno era limitado, nas traseiras, pela continuação do muro existente e, desenvolvendo-se lateralmente, limitado pelo confronto com a estrada nacional e pelo lote da casa seguinte.

# 3 | O Projeto

*El hogar no es un simple objecto o un edificio, sin un estado difuso y complejo que integra recuerdos e imágenes, deseos y miedos, pasado y presente. El hogar es también un escenario de rituales, de ritmos personales y de rutinas del día a día.*

PALLASMA, Juhani (2016) *Habitar Barcelona*: Editorial Gustavo Gili, p.18 [ed. original: *Encounters. Architectural Essays*, 2005 (trad. Àlex Giménez Imirizaldu)]

## O pedido - O programa

A oportunidade de renovação destas duas casas nasceu de um desejo de recuperação e melhoria de algum património familiar. Ambas as casas apresentam situações distintas e, como tal, demonstram diferentes desafios e objetivos. Deverão ser redesenhadas de modo a responderem a novas exigências, condições e programas.

A casa [1] continuará com o carácter de habitação permanente que tem neste momento, transformando alguns dos espaços que estão desaproveitados e em más condições. Foi expressado o interesse em aproximar a casa ao seu estado original, eliminando e redesenhando alguns dos elementos adicionados ao núcleo inicial.

A casa deverá ser adequada ao seguinte programa:

4 Quartos | 2 simples + 2 casal |  
Cozinha  
Lavandaria  
Sala Estar  
Sala Jantar  
Escritório  
Garagem | 3 carros + 1 Trator |  
Espaço de arrumos

A casa [2] deverá ser transformada numa habitação sazonal, uma casa de férias que possa servir para repouso. Perante as suas condições atuais decidiu-se, como ponto de partida, remodelar completamente o interior. O terreno pertencente à casa deverá também ser incluído no processo de desenvolvimento da nova proposta.

O programa da casa está dirigido para albergar um casal mas deverá possibilitar a acomodação de mais duas pessoas. Como elemento excecional, foi pedida a inclusão de um elevador e de uma garagem, para o armazenamento e exposição de dois carros de coleção.

Definiu-se então um programa:

3 Quartos | 2 simples + 1 casal |  
Cozinha  
Lavandaria  
Sala de Estar  
Sala de Jantar  
Escritório  
Elevador  
Garagem | 2 Carros + 2 Carros de coleção |



Após o estudo da região e da zona envolvente, da execução de um levantamento dos dois objetos e da consequente compreensão da sua evolução e do estado em que se encontram, pode ser iniciado o desenho de uma proposta. Esta irá transformar a realidade existente adaptando-a a novas necessidades, mas respeitando sempre a sua imagem e identidade originais.

## Inquietações e Estratégia

Os projetos finais são produto de fases distintas que se interligam, e, assim, constroem uma linha cronológica do processo de (re)desenho das casas.

A maior diferença entre os dois casos reside no seu estado de ocupação. A casa [1] continua habitada e, ao longo dos anos, foi encontrado um ritmo próprio, uma específica apropriação, no modo como os seus habitantes usam os espaços. Por outro lado, a casa [2] encontra-se desocupada, sendo que o abandono e o passar do tempo permitiram a deterioriação hoje visível.

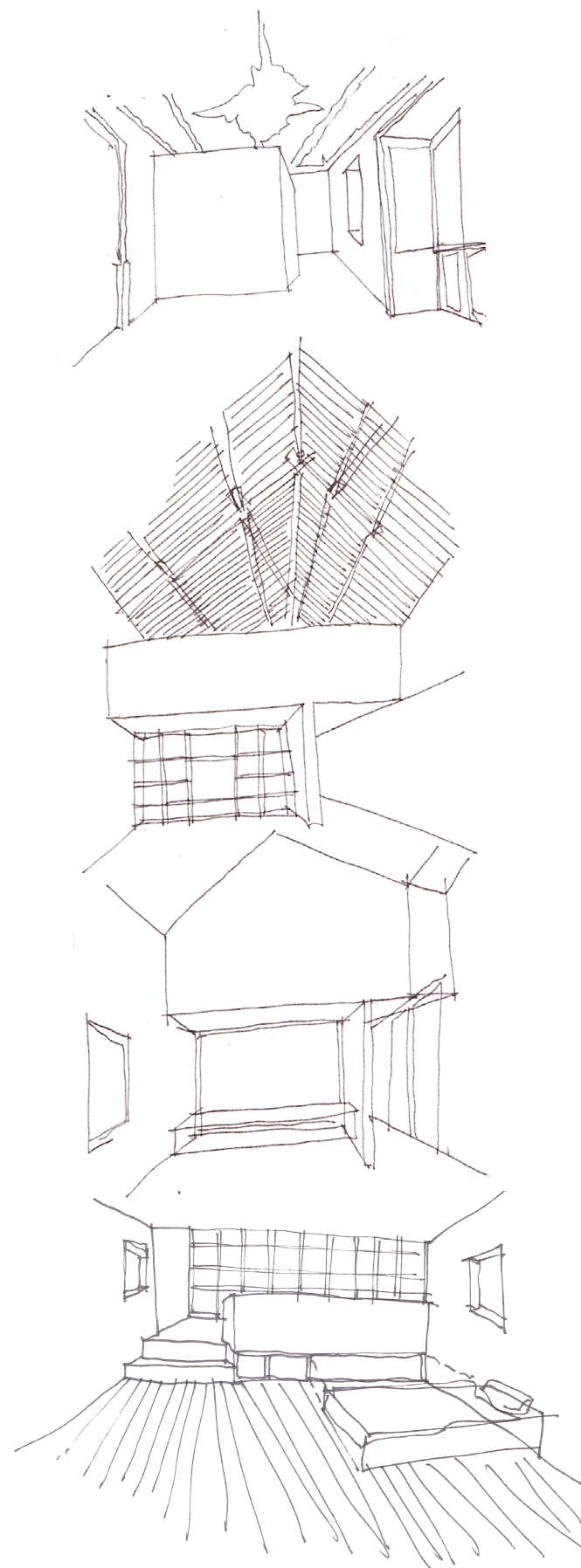
*La vivienda tiene su psique y su alma, además de sus cualidades formales y cuantificables. El hogar es una vivienda individualizada, y el significado de esa sutil personalización parece hallarse fuera de nuestro concepto de arquitectura. La casa es el contenedor, la cáscara, de un hogar. Es el usuario quien alberga la sustancia del hogar, por decirlo de algún modo, dentro del marco de la vivienda. El hogar es una expresión de la personalidad del habitante y de sus patrones de vida únicos. En consecuencia, la esencia del hogar es más cercana a la vida misma que al artefacto de la casa.*<sup>1</sup>

Na casa [1] o modo de habitar é claro. Entende-se facilmente a dinâmica de interação dos habitantes com as várias divisões.

Na casa [2], apesar de não haver habitantes, existe ainda a organização e a memória dos espaços que as divisões representavam.

Numa primeira fase as duas propostas apoiam-se numa tentativa de restauro da imagem original das casas, e, por outro lado, de criar novas espacialidades que aproveitassem o espaço considerado perdido e inutilizado.

<sup>1</sup> PALLASMA, Juhani (2016) *Habitar* [trad. Àlex Giménez Imirizaldu] Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p.16 [ed. original: *Encounters. Architectural Essays* (2005)]



## Casa da Avó

A primeira aproximação a esta casa resultou numa reorganização quase total das espacialidades, mantendo grande parte das áreas sociais nas mesmas divisões.

No piso superior, o número de quartos foi reduzido em função de um aumento da sala de jantar existente. Esta ganhou uma área considerável e estender-se-ia, então, visualmente para o piso superior, onde se um *mezzanino* sobre o novo espaço. A antiga cozinha, seria ocupada por um escritório, podendo abrir-se ou fechar-se para as salas. O volume, de betão, da antiga sala de estar, seria demolido, numa tentativa de restaurar a imagem do volume original da casa e de criar um contato mais direto entre a nova sala e o exterior.

No rés-do-chão, as paredes do antigo escritório seriam demolidas, abrindo o espaço de entrada até ao átrio das escadas. O quarto oposto à entrada manter-se-ia e continuaria independente do resto da casa.

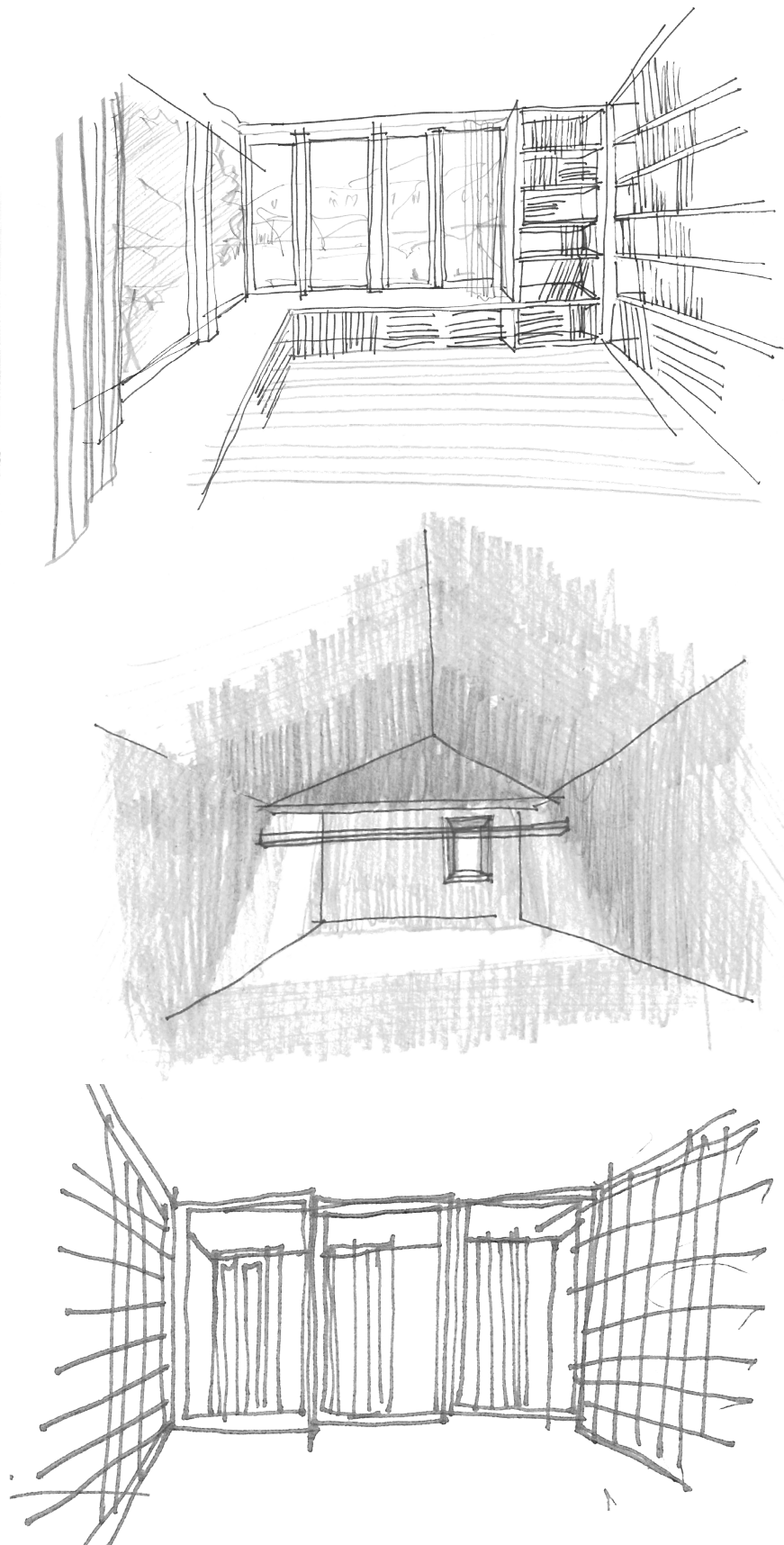
Por fim, todos os espaços de loja seriam reformulados. A cozinha e sala de jantar ocupariam o maior espaço, que se abre a norte, e a sala de estar ocuparia o espaço mais estreito que comunica com o logradouro e se abre a sul. O antigo espaço da adega seria renovado mas ocuparia a mesma função, permitindo o contacto direto com a cozinha.

A tentativa de manter as mesmas funções e de redesenhar os espaços, de maneira a que a casa reaproveitasse alguma da área que tinha perdido ao longo dos anos, revelou-se infrutífera: a ideia inicial de manter as mesmas funções e reaproveitar os espaços perdidos não obedecia a uma hierarquia bem definida e resultava numa repetição do programa pelas restantes divisões.

Os elementos que se encontravam a destoar da composição foram repensados tendo em conta novas regras: foram definidas hierarquias, no que toca à distribuição das áreas sociais e privadas, em função da própria evolução formal da casa. Respeita-se o volume inicial, que se mantém intocado, e procura-se restaurar, introduzindo o mínimo de modificações possível, de modo a obedecer ao programa e a manter a linguagem original. Transformam-se os dois volumes, que se consideram adições ao volume original, com programas e espacialidades excecionais.

Procura-se distinguir, em primeiro lugar, a zona de dormitórios, que ocupa todo o primeiro piso, da zona social e de chegada, que ocupa o rés-do-chão.

O corredor de entrada através da rua é transformado num espaço



de chegada. Retira-se a parede e cria-se um móvel que define e introduz transparência entre os dois espaços, criando a possibilidade de serem usados autonomamente ou em conjunto. Do lado contrário reposiciona-se a cozinha, que contacta com a sala de jantar através de um corredor de serviço, que por sua vez dá acesso à lavandaria e ao exterior.

Ocupando os antigos espaços de loja, que representam as maiores áreas e, portanto, a melhor opção para acolher os espaços sociais, estão a sala de estar e jantar. As salas são paralelas e ligam-se por uma abertura existente na parede de granito. Propõe-se que a sala de jantar ocupe a divisão que está em contato com a fachada sul. Esta contacta com o exterior através de uma grande abertura que existe na sua continuidade. O espaço coberto pelo volume de betão do piso superior protege a saída da sala para o exterior.

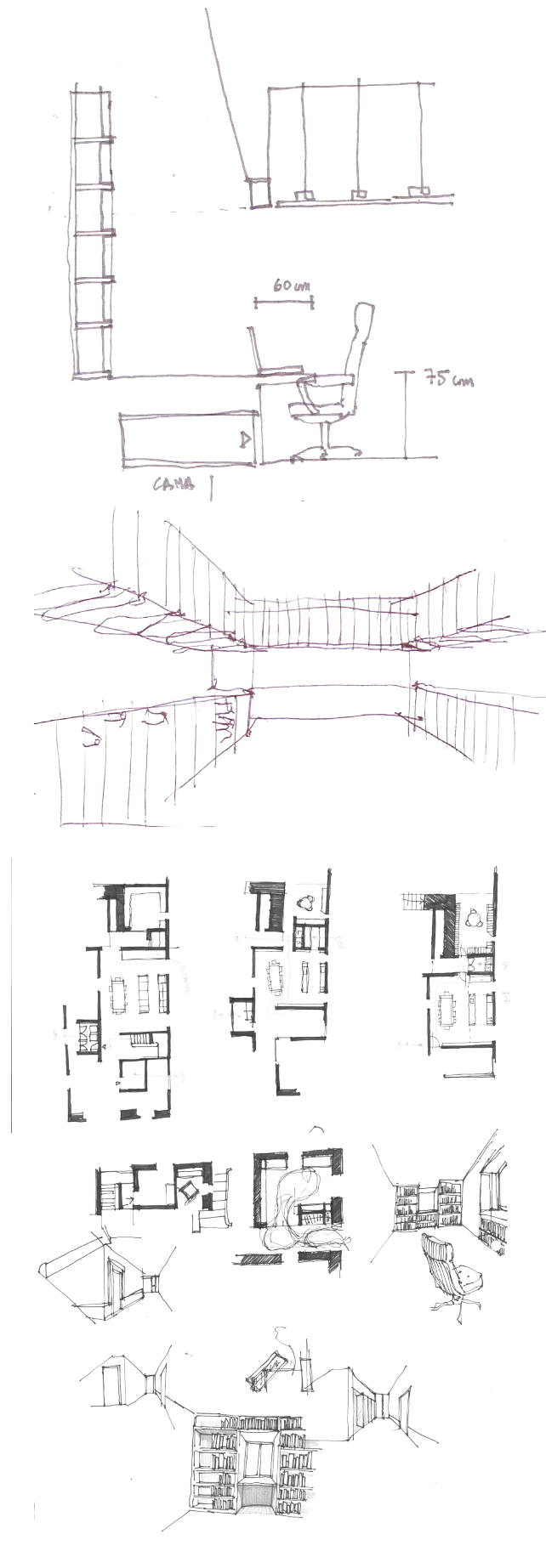
Nesta mesma zona cria-se uma nova entrada de modo a unir os espaços previamente exteriores. Mantém-se o programa da adega no mesmo volume. Reduz-se-lhe a área e abre-se a fachada, anteriormente em contato com a garagem (que deverá ser demolida). Desenha-se, no plano da fachada, um sistema de portadas que permite que a adega esteja afastada da luz e do calor. Num segundo plano, desenha-se a caixilharia, que permite a abertura para o exterior e que cria, entre os dois elementos, um espaço coberto.

No andar superior destacam-se as duas divisões, da antiga cozinha e sala de estar, completamente renovadas. Transformam-se em espaços de trabalho e lazer, sendo resultado de uma reinterpretação das espacialidades que as antecederam.

O volume de betão é recebe o programa do escritório. O volume em si não sofre alterações mas o seu interior transforma-se totalmente. O contacto com a antiga divisão da sala de estar é fechado, destacando-se o contacto com a paisagem. O plano de vidro recua em relação à fachada, e com a criação de prumos de madeira cria-se um sombreamento do interior. Do fundo da janela surge um banco que acompanha o vão da fachada uma cortina, que filtra a luz exterior. As paredes são ocupadas por uma estante que percorre todo o espaço e o fecha sobre si mesmo.

Do lado oposto, a antiga cozinha terá a cobertura totalmente reconstruída. Um novo volume em betão substitui a velha chaminé de madeira e tabique. O espaço contrasta com o escritório que se lhe opõe. O interior é rematado pelo novo volume de betão que se revela numa claraboia, iluminando a parede do fundo e dando um carácter diferente ao espaço. Torna-se numa situação pontuada por distintos momentos que oferecem diferentes possibilidades de apropriação.

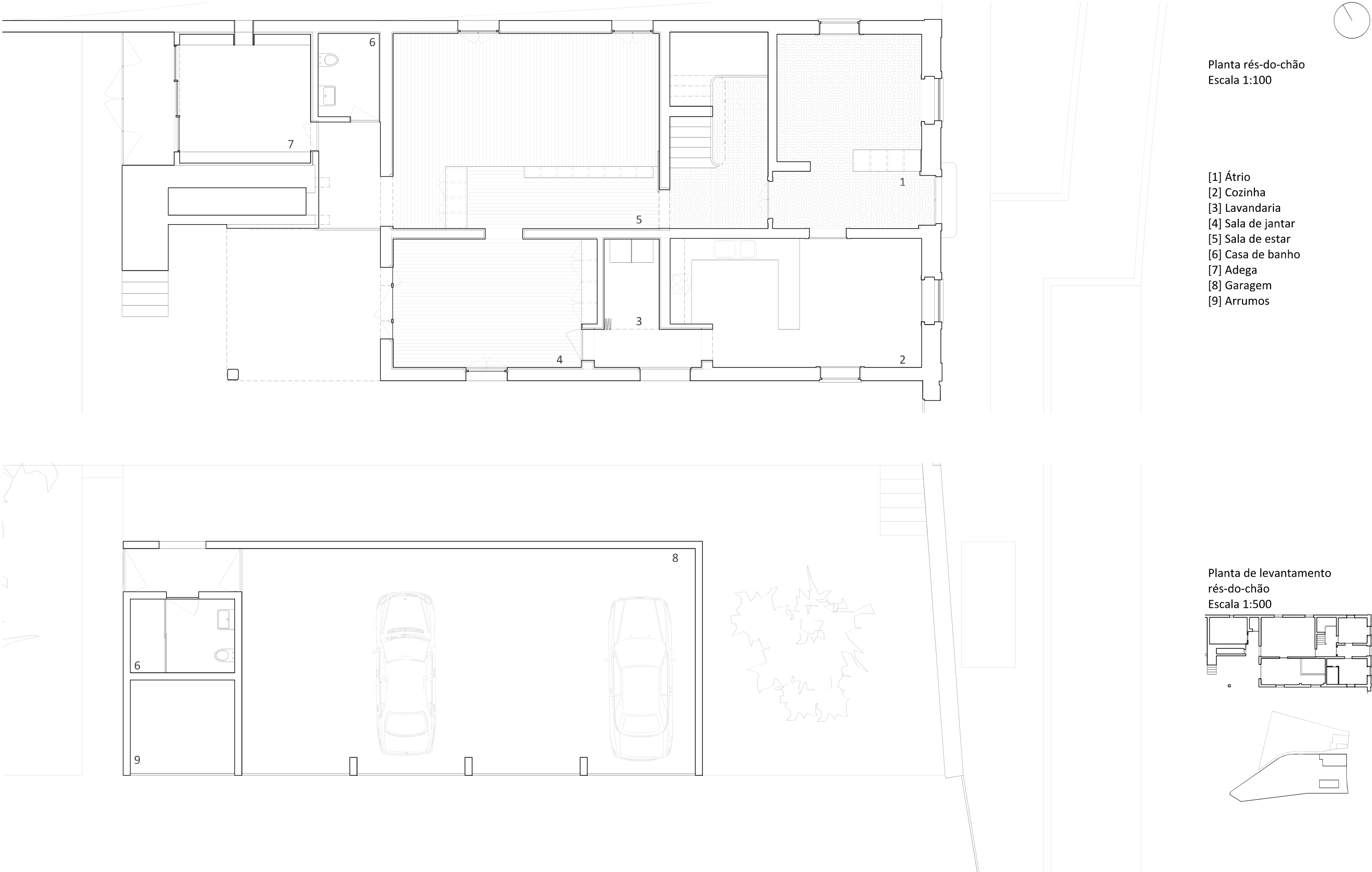


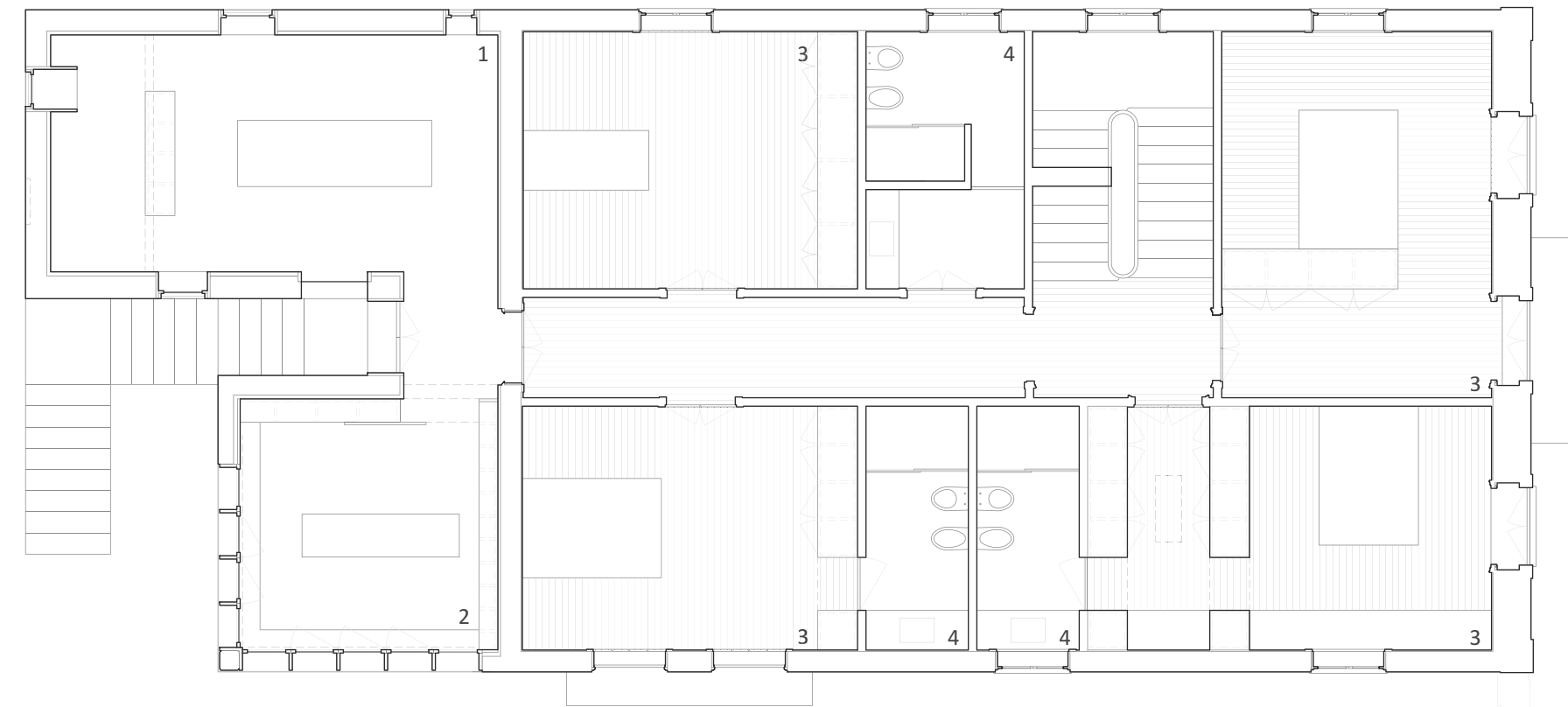


Os quartos desenvolvem-se ao longo do corredor central da casa obedecendo à organização original. As portas mantêm-se e os interiores restauram-se e enriquecem-se. São pensados à luz do novo programa e de novas comodidades.

O piso superior continua livre; desenham-se, contudo, alguns móveis que poderão vir a servir de arrumos e que definam melhor o espaço de sótão. Considera-se a possibilidade da divisão que se volta à rua ser mais um quarto de apoio.

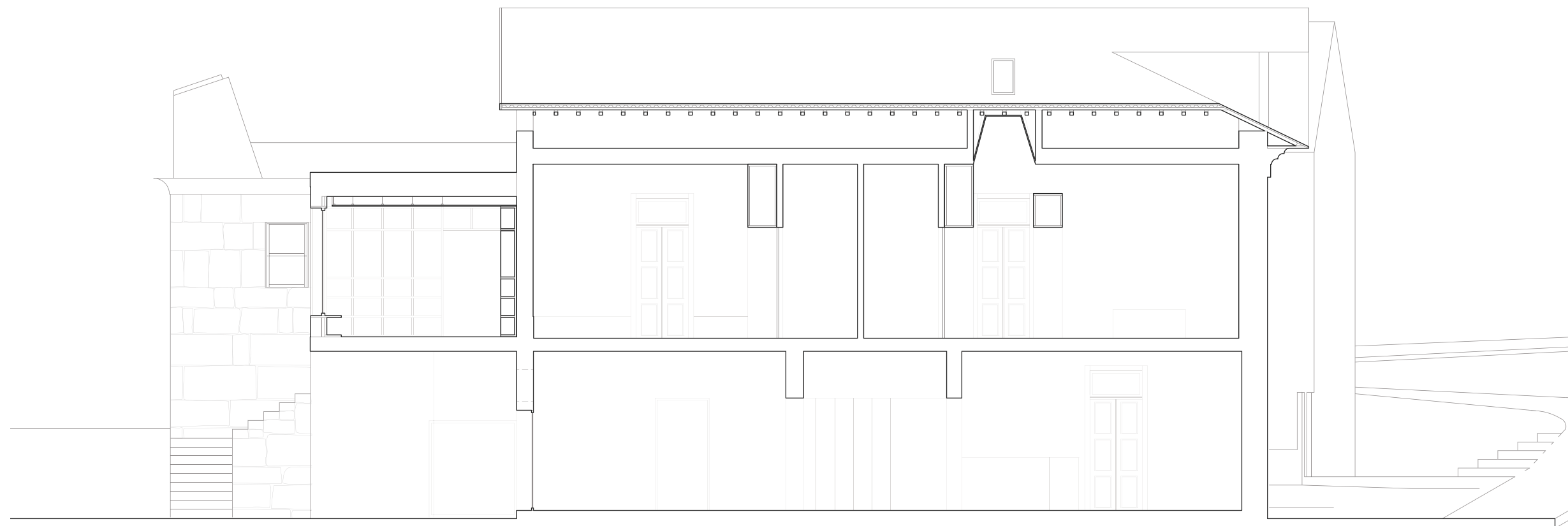
No exterior reorganizam-se os espaços e liberta-se a plataforma superior dos automóveis. É construído um novo volume na entrada inferior, que contém a nova garagem, um pequeno espaço de arrumos e uma casa de banho.



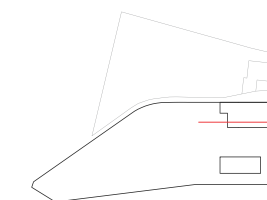
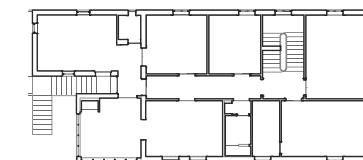


Planta primeiro piso  
Corte longitudinal  
Escala 1:100

- [1]
- [2] Escritório
- [3] Quarto
- [4] Casa de banho



Planta de levantamento  
primeiro piso  
Escala 1:500



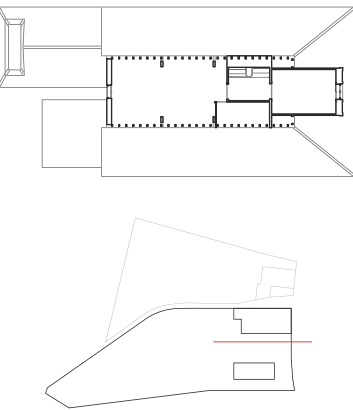




Planta segundo piso  
Fachada sul  
Escala 1:100

- [1] Sotão
- [2] Quarto
- [3] Arrumos

Planta de levantamento  
segundo piso  
Escala 1:500

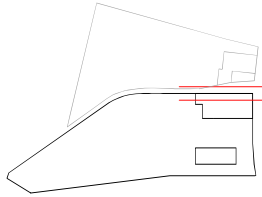




Corte transversal  
Fachada este  
Escala 1:100



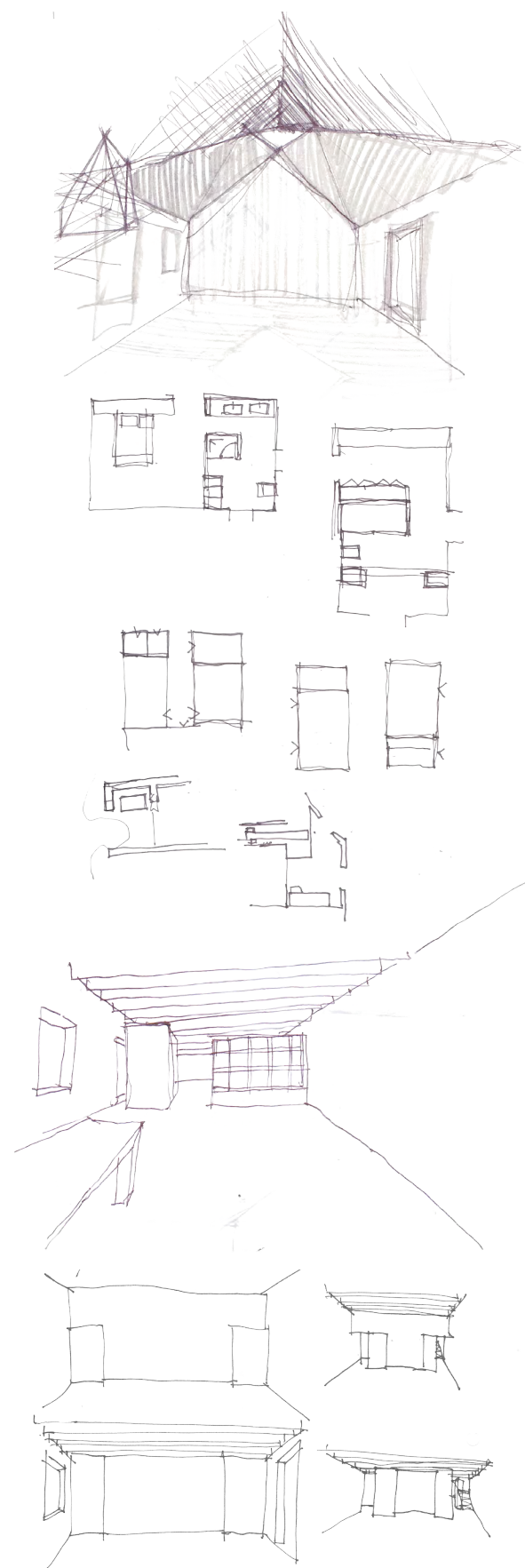
Fachada norte  
Corte longitudinal  
Escala 1:100







Corte transversal  
Fachada oeste  
Escala 1:100



## Casa do Tio

O processo de criação do projeto para esta habitação foi relativamente mais fácil. Como referido, o estado de degradação do interior, das paredes, revestimentos e coberturas obrigaram a uma reformulação total dos espaços. Mantém-se apenas a estrutura de madeira e as cotas dos três pisos.

Aproveitando o esquema geral de distribuição e aplicando as mesmas regras e hierarquias da intervenção anterior, dividem-se os dois pisos entre áreas sociais e de dormir. A sala de estar, jantar e cozinha ocupam o rés-do-chão, enquanto os quartos se desenvolvem no piso superior, que contacta com a extensão da parcela.

Também aqui, o projeto se inicia pelo desenho de uma nova entrada principal. O acesso é feito através do pátio lateral direito que também nos pode conduzir à cota superior. Este espaço cria um momento de chegada, permitindo o acesso ao elevador, às escadas e cria uma zona de distribuição entre a nova cozinha e sala.

A sala ocupa o antigo espaço de loja, que se liga aos dois pátios laterais e à rua. A cozinha localiza-se no volume mais pequeno e usa o pátio lateral que lhe é adjacente como fonte de luz.

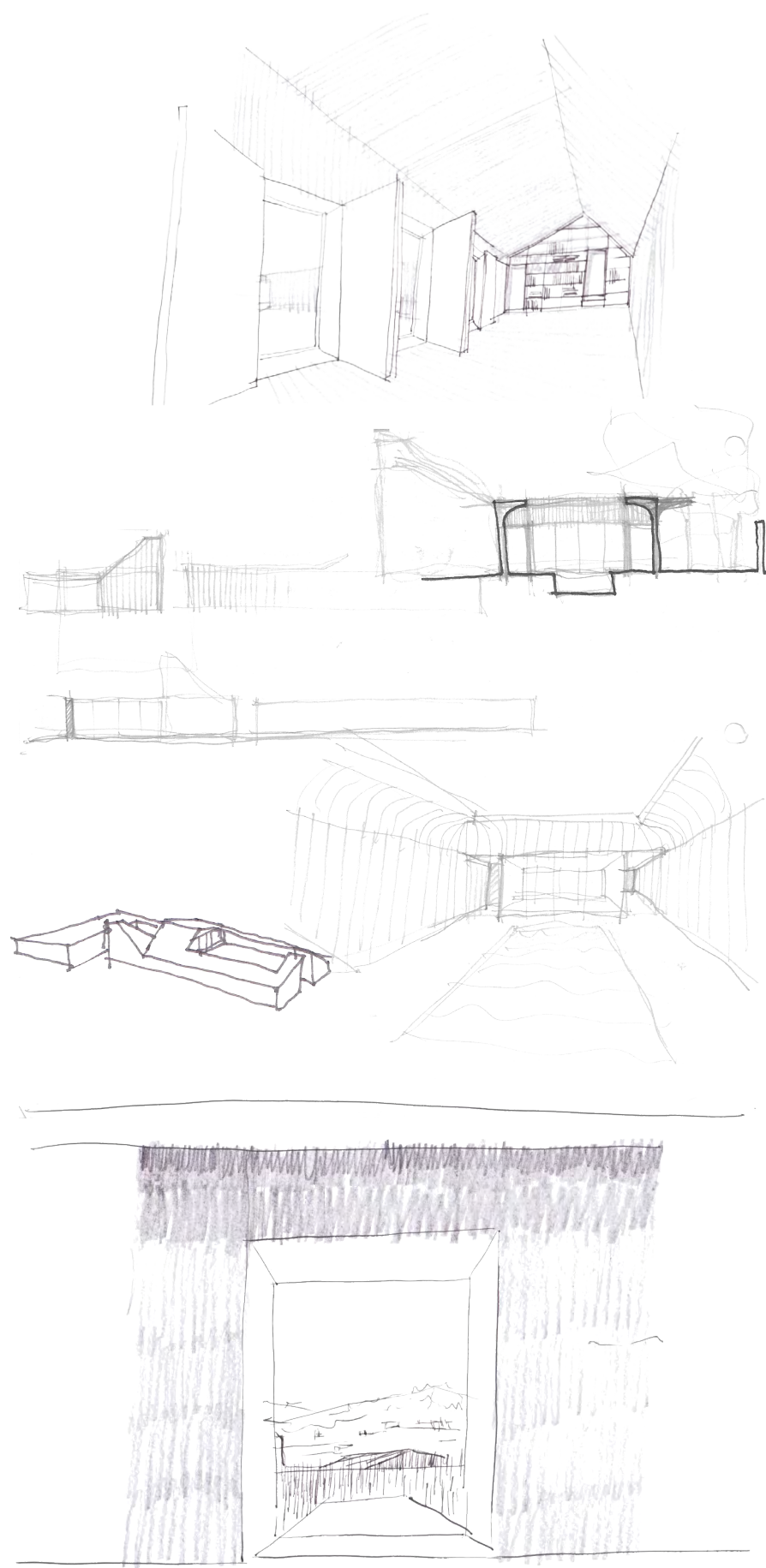
As duas divisões reforçam o uso dos pátios laterais e o contacto visual com a rua. No caso da sala, o contacto direto e a grande dimensão dos vãos criam uma forte tensão entre interior e exterior e retiram privacidade ao espaço. A solução encontrada permite manter a mesma imagem da habitação e oferece proteção em relação ao exterior. Num primeiro plano existe uma janela, que fecha o vão com a caixilharia oculta pelo corte da pedra de granito da fachada. Num segundo plano, desenham-se portadas de madeira de duas folhas, replicando as originais, permitindo fechar o espaço e manter o mesmo desenho de fachada.

No volume lateral localiza-se a cozinha. A introdução de um novo programa neste volume obriga a que se criem fontes de luz adicionais, pelo que se desenha uma nova abertura na fachada.

O piso superior replica a organização original. O elemento do elevador define o espaço de chegada e distribuição, tanto do exterior como do piso inferior. Este pequeno átrio permite a passagem para o corredor de distribuição dos quartos e ao novo escritório que toma forma no volume lateral.

Este escritório ocupa todo o volume lateral e o pé direito é definido pela inclinação do telhado. A pouca luz que se fazia sentir no espaço é contrariada pela abertura de um vão que se vira para a plataforma exterior.

Os quartos regem-se pela antiga organização mas ganham bastante



mais área em relação às anteriores divisões. Como a casa servirá principalmente apenas um casal, o único quarto duplo existente ocupa a frente da casa e abre-se sobre a rua. Os restantes quartos viram-se para sul e norte respetivamente e são apoiados por uma única casa de banho.

A parcela de terreno que se estende nas traseiras da casa ocupa aproximadamente 1300 m<sup>2</sup>, sendo uma das intenções iniciais dividir essa área em dois lotes, expandindo o terreno da casa ao primeiro lote e vendendo o segundo.

Ao longo da conceção do projeto notou-se uma clara falta de um espaço que não se estivesse em contacto direto com a rua. Um espaço de repouso, que permitisse que o ruído, movimento e distrações da rua fossem anulados. Um ambiente que fosse autónomo dentro da casa mas que ao mesmo tempo complementasse o espaço que já se encontra construído.

Surgiu, então, na continuidade da casa um novo “volume”, totalmente em betão, que pretende afastar-se tanto da rua como do limite do terreno do lado oposto, criando um espaço central único que controle a sua envolvente.

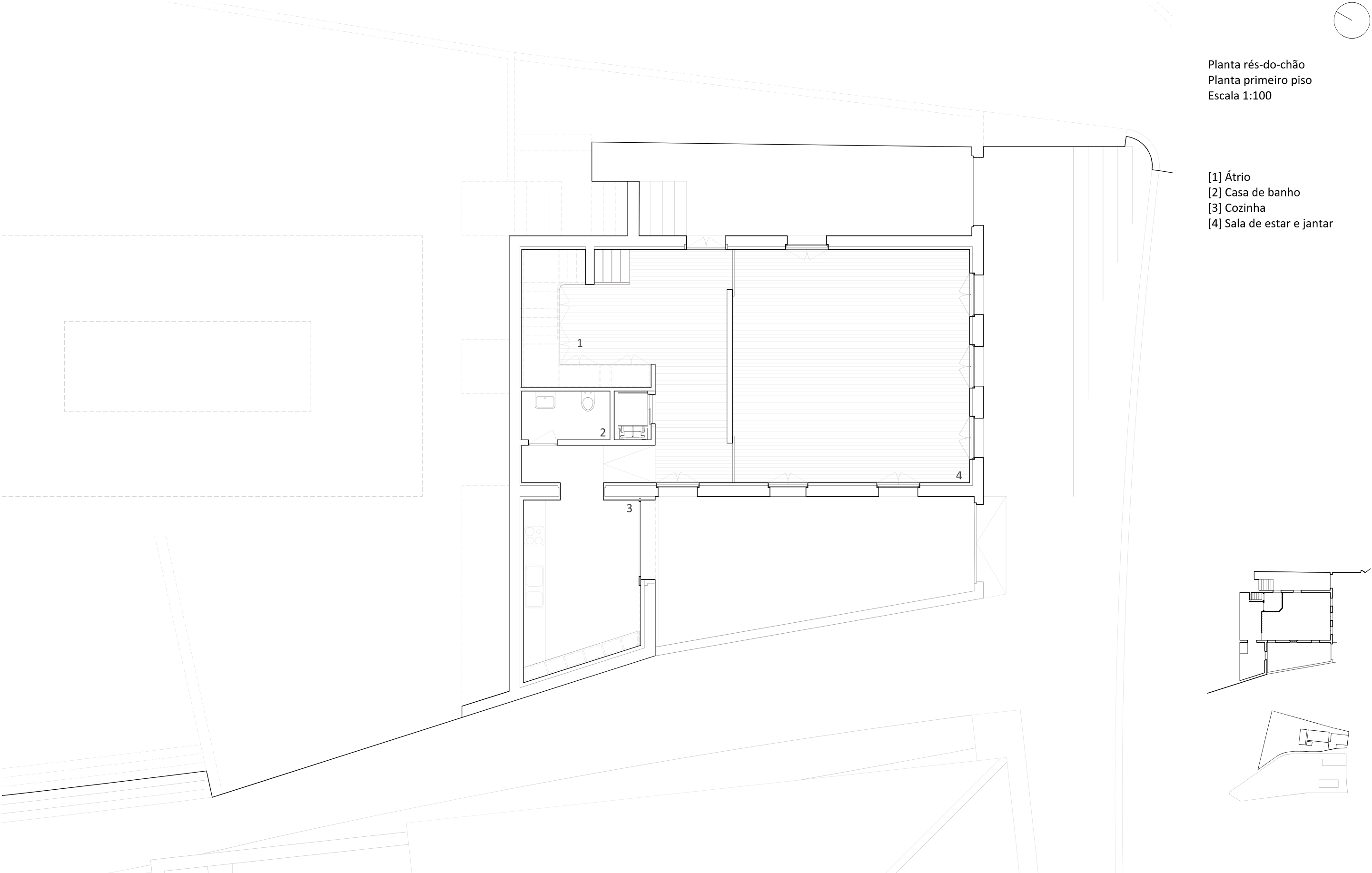
Quase como um muro que se fecha sobre si mesmo, cria-se um espaço ao ar livre que se tenta proteger da envolvente. No interior somos levados para uma realidade afastada da Vila e que é apenas interrompida por uma abertura, a poente, voltada à paisagem, criando uma plataforma que se estende sobre o terreno e que oferece uma vista desimpedida do vale.

Este volume contém uma zona para refeições que funciona como uma extensão coberta do espaço que o precede. É apoiado por uma cozinha que se serve de um outro volume, para onde o antigo forno de lenha será movido. Este segundo volume vem de certa maneira replicar o movimento da chaminé, transformada em claraboia, da casa vizinha e marcar o fim de um espaço.

No limite da parcela insere-se o corpo da garagem, que remata os dois anteriores volumes. No meio destes surge um percurso que os liga e que termina numa segunda plataforma. Esta, alonga-se sobre o terreno e proporciona um segundo momento sobre a paisagem, servindo de alternativa ao espaço central.

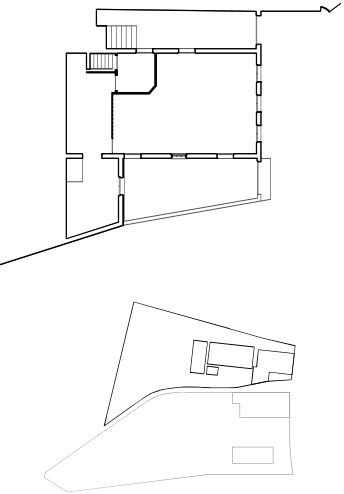
O percurso entre a entrada no rés-do-chão da casa e a garagem, sempre acompanhado de árvores que amenizam a relação visual com a rua, é um eixo bem definido que leva o habitante a experienciar quase todos os espaços exteriores da casa.

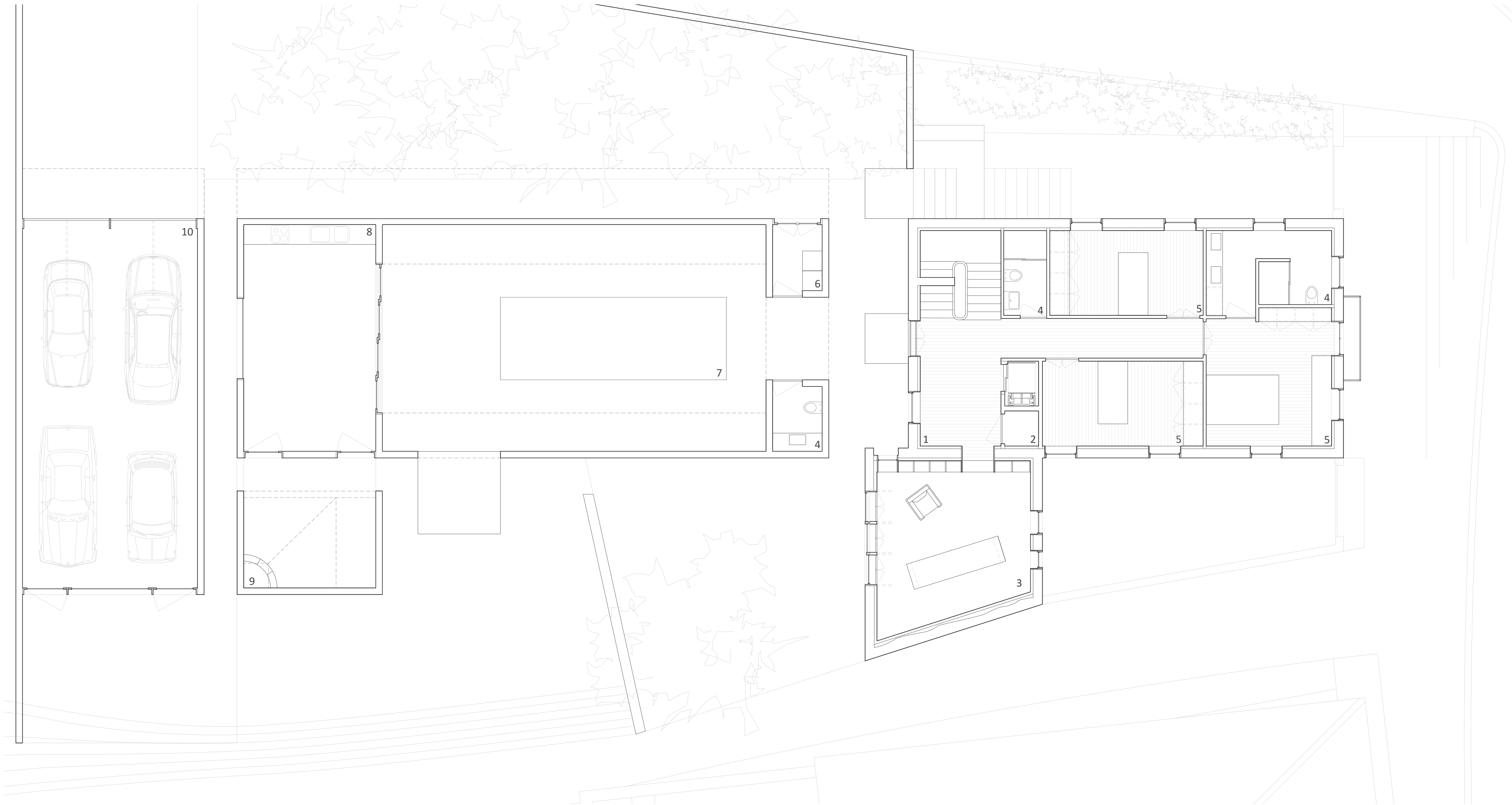




Planta rés-do-chão  
Planta primeiro piso  
Escala 1:100

- [1] Átrio
- [2] Casa de banho
- [3] Cozinha
- [4] Sala de estar e jantar

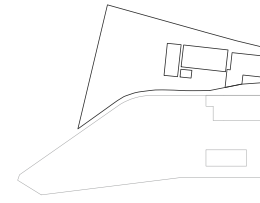
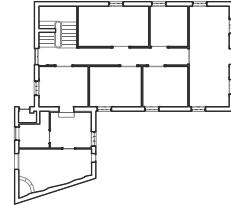


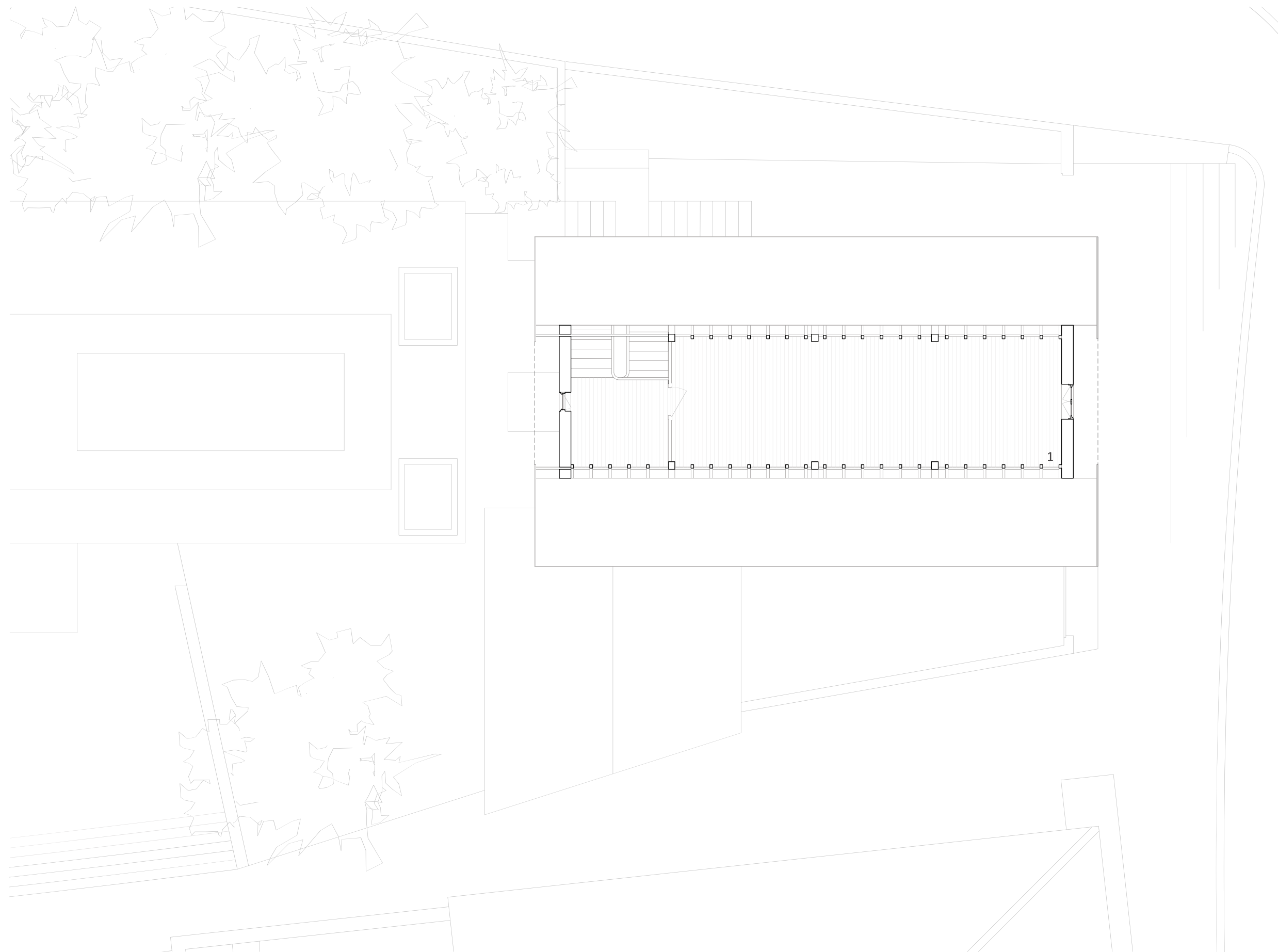


Planta primeiro piso  
Escala 1:100

- [1] Átrio
- [2] Arrumos
- [3] Escritório
- [4] Casa de banho
- [5] Quarto
- [6] Lavandaria
- [7] Piscina
- [8] Sala com apoio de cozinha
- [9] Forno de lenha
- [10] Garagem

Planta de levantamento  
primeiro piso  
Escala 1:500

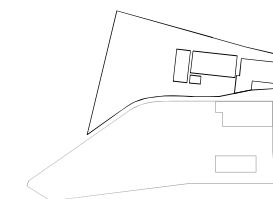
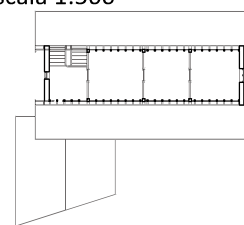




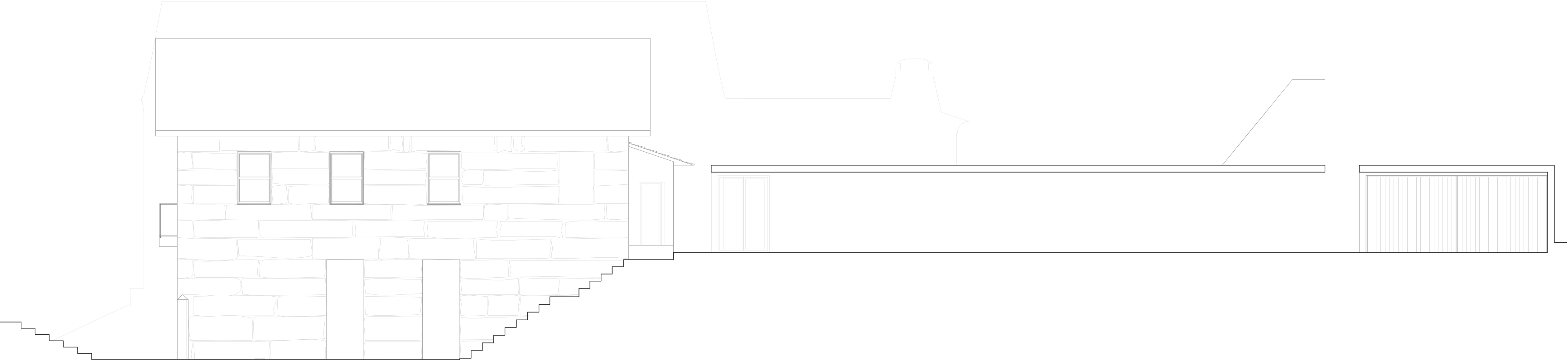
Planta segundo piso  
Escala 1:100

[1] Sotão

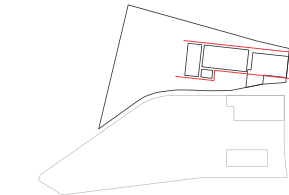
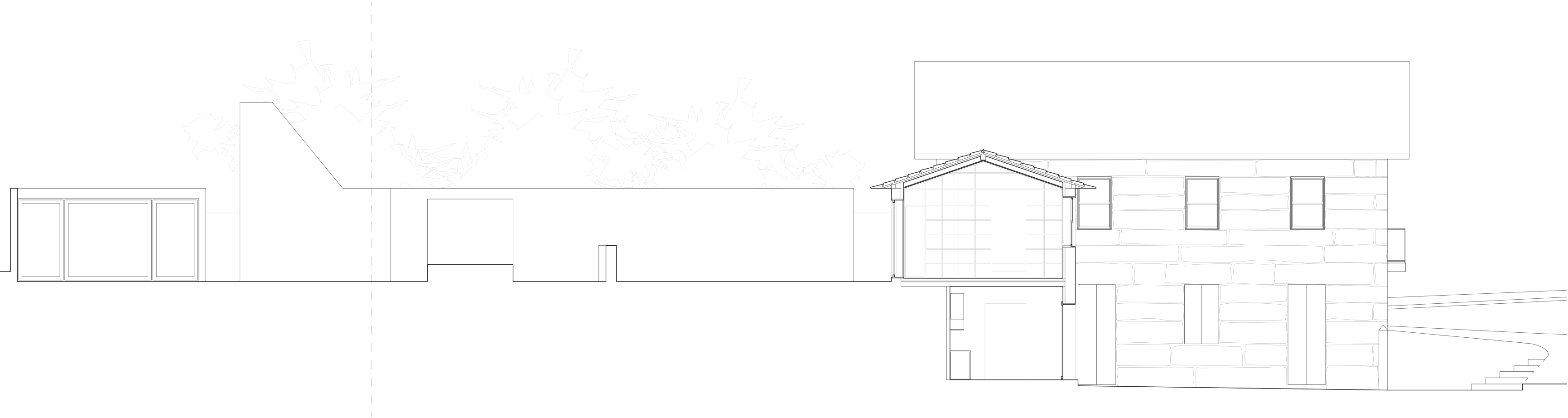
Planta de levantamento  
segundo piso  
Escala 1:500





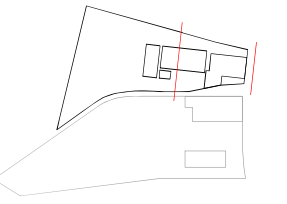


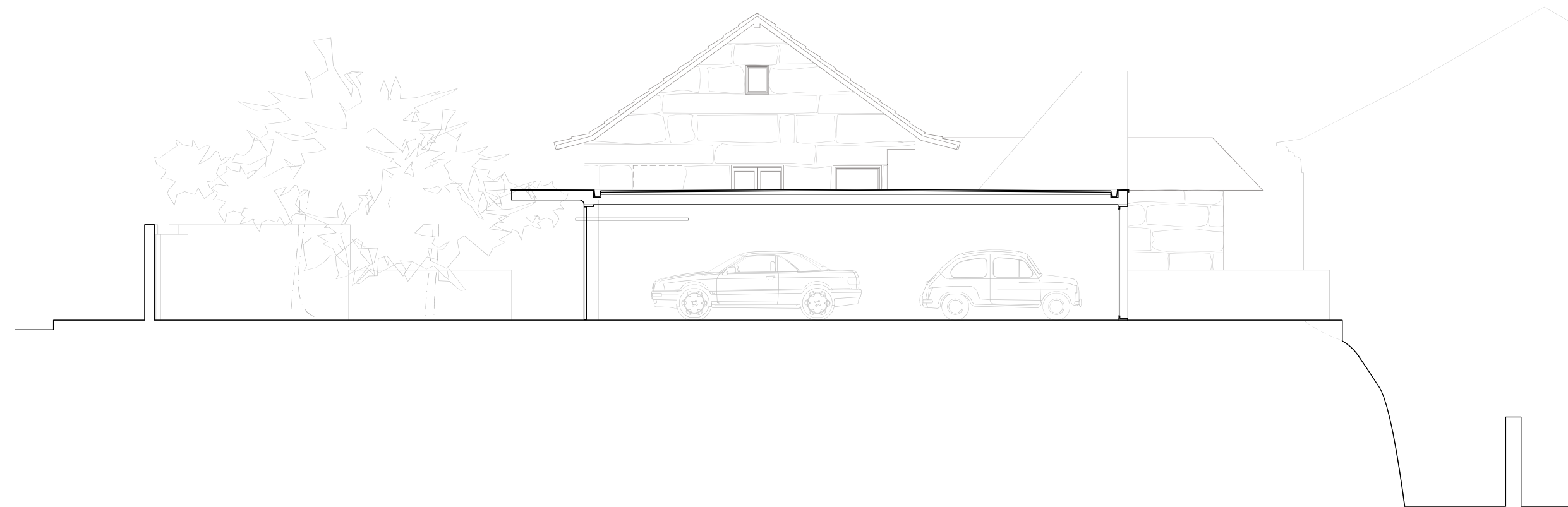
Fachada norte  
Corte/Fachada sul  
Escala 1:100



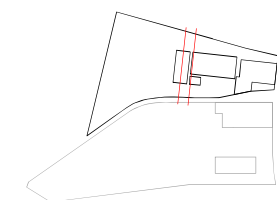


Corte transversal  
Fachada este  
Escala 1:100





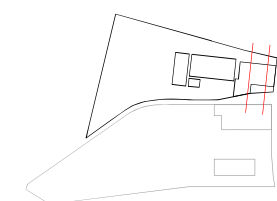
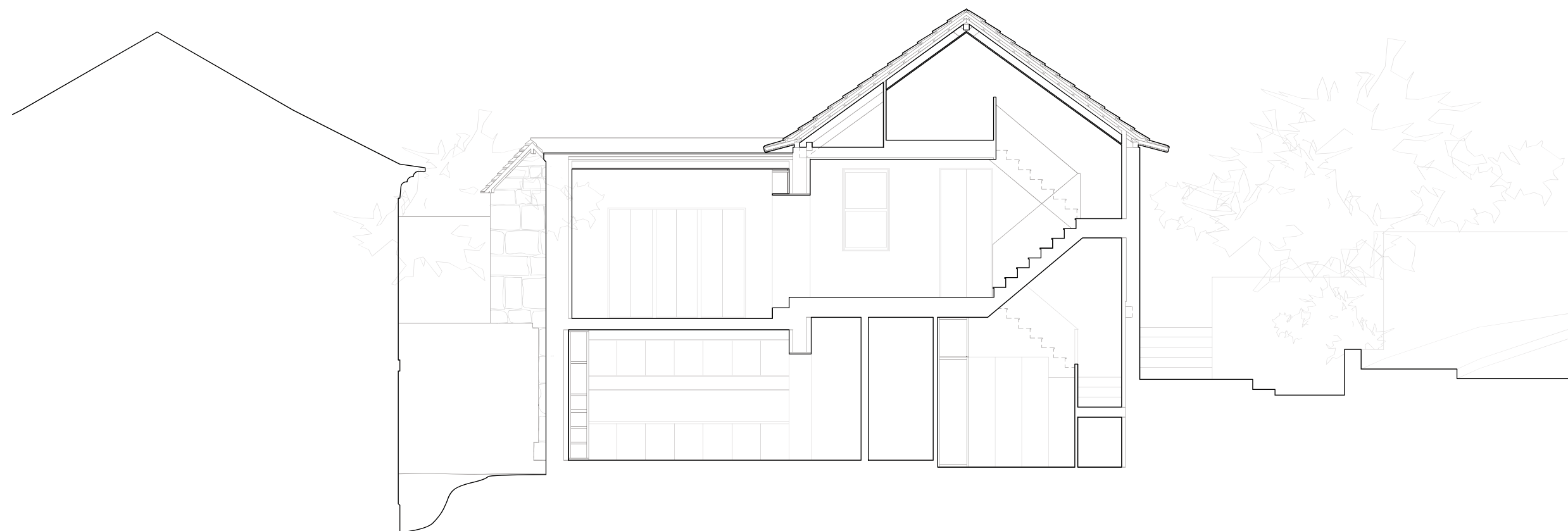
Corte transversal  
Corte transversal  
Escala 1:100







Corte transversal  
Corte transversal  
Escala 1:100



*Uma casa nunca está acabada. [...] Uma casa é elástica – pode-se acrescentar, modificar, reformular – e se lhe acrescentarmos o terreno onde se localiza, as possibilidades são ainda maiores.*

DOMINGUES, Álvaro (2009) *A rua da estrada*. Porto: Dafne p.53

A oportunidade

A ideia de desenvolver dois projetos em paralelo é extremamente cativante. Entender como duas propostas, que crescem lado a lado, diferem entre si; de que maneira se influenciam e até que ponto serão dois ou apenas um projeto.

Trabalhar numa casa que tanto me diz e sobre a qual guardava memórias e ideias já definidas foi, sem dúvida, um dos obstáculos mais difíceis de ultrapassar durante o processo.

Trabalharam-se e repensaram-se os modos como espaços tão especificamente apropriados e tão consolidados podem ser interpretados.

Percepções

O habitante local tem sempre uma ideia de que a sua envolvente se move a um ritmo distinto de quem rapidamente por lá passa. Quem não vive e respira o local não se apercebe nem tem conhecimento do ritmo, nem do que perturba as dinâmicas locais.

*Não é preciso pôr escritos a dizer se é público ou não. Estar em público ou mostrar-se público - ou publicitar, que significa tornar público -, são sobretudo expressões, apropriações e partilha de significados coletivos.* <sup>2</sup>

É difícil assegurar a privacidade completa de um lugar, visto que é um bem raro e precioso, sendo tratado como tal nos projetos. Procurou-se em todas as situações a melhor solução para garantir que as casas se mantinham num ambiente familiar e seguro, resguardado do contacto com a rua e do público.

As duas casas pertencem a um ambiente próprio, a uma paisagem já definida. São parte de um lugar e de uma identidade comum, que teve uma forte mudança com a recente urbanização do passado século. Esta quebra e mudança da paisagem veio afetar diretamente a forma como são vistas e como se relacionam com a envolvente. A leitura e posterior interpretação da zona e dos próprios objetos ajudaram a formular uma intervenção que se tenta enquadrar na paisagem.

A organização do terreno foi sempre ao encontro desta preocupação. A inserção dos volumes e o tratamento da área envolvente tentam criar um distanciamento do espaço público, e, ao mesmo tempo, enquadrar-se no território e na paisagem. A materialidade escolhida vem, de certo modo, replicar a dureza e a riqueza da pedra de granito que dá a identidade às casas e à zona.

2 DOMINGUES, Álvaro (2009). *A rua da estrada*. Porto: Dafne p.140

## Casas e identidades

A ocupação das casas sofreu, ao longo dos anos, várias mudanças. Seja pelas diferentes famílias que as ocuparam, pela renovação e adaptação de divisões a outros usos ou pelo seu abandono. Estes espaços, tão distintos entre si, foram formando e ganhando uma especificidade cada vez maior, transformando-se no que podemos hoje experienciar.

Pôr em perspetiva a construção da vivência da casa fez parte do processo projectual. Filtraram-se as características que se deveriam manter e as que se poderiam abandonar. O resultado final é um equilíbrio entre a história das casas e a potencialidade dos seus espaços.

Existe um contraste entre o que os clientes esperavam a priori, as suas ideias e expectativas, que mantinham uma forte ligação às funções originais, e o projeto final. No entanto, a memória e o sentimento nem sempre se aliam ao raciocínio ou à procura do melhor resultado.

*El hecho de que reconozca la existência de un conflicto entre la arquitectura y las necesidades intrínsecas del hogar quizás podría interpretarse como una señal de que el arquitecto debería satisfacer fielmente las demandas y los deseos del cliente. Quiero decir firmemente que no creo en tal visión populista. La aceptación acrítica del programa del cliente solo conduce al kitsch sentimental; es responsabilidad del arquitecto penetrar en la superficie de lo que a muy menudo es un deseo comercial, social y momentaneamente condicionado.*<sup>3</sup>

No fim o resultado reflete um olhar e uma interpretação pessoal do que podem vir a ser reabilitações de este tipo de arquitetura. Torna-se uma de muitas maneiras de se rever este tipo de habitações que pertencem a um determinado ambiente e que espelham a identidade local.

---

<sup>3</sup> PALLASMA, Juhani (2016) *Habitar* [trad. Àlex Giménez Imirizaldu] Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p.16 [ed. original: *Encounters. Architectural Essays* (2005)]



# 4

## Bibliografia Sitografia

### Bibliografia

AFONSO, João [coord]; MARTINS, Fernando [coord]; MENESES, Cristina [coord] (2004) *Arquitectura Popular em Portugal* [4ª edição]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos

BERTI, Maurizio (1998) *O Restauro na História e o Restauro Corrente*. Maputo: Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico, Imprensa Universitária, UEM

CARITA, Helder [coord]; ARAUJO, Renata [coord] (1998) *Colectânea de Estudos Universo Urbanístico Português 1415-1822*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

DOMINGUES, Álvaro (2009) *A rua da estrada*. Porto: Dafne

DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no campo*. Porto: Dafne

DOMINGUES, Álvaro (1995) *Plano estratégico do sistema urbano do Vale do Ave: projecto de plano*. Porto: Quaternaire

LEÃO NETO, Pedro [coord]; MARQUES DA SILVA, Olívia (2013) *Topografias a Norte*. Porto: Scpio Editorial Line

MATTOSO, José; DAVEUAU, Suzanne; BELO, Duarte (1997) *Portugal – O Sabor da Terra Minho*. [s.l.]: Companhia editora do Minho

OLGIATI, Valerio (2015) *Villa Além*, [s.l.]: The Name Books

PALLASMA, Juhani (2016) *Habitar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili [ed. original: Encounters. Architectural Essays, 2005 (trad. Àlex Giménez Imirizaldu)]

PORTAS, Nuno (1969) *Funções e exigências de áreas de habitação*. Lisboa: LNEC

VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando (1992) *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote

ZUMTHOR, Peter (2004) *Pensar la arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili [ed. original: Thinking Architecture, 1998]

ZUMTHOR, Peter (2006) *Atmosferas: Entornos arquitectónicos -- as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili [ed. original: *Atmosphären*, 2006 (trad. Astrid Grabow)]

### Sitografia

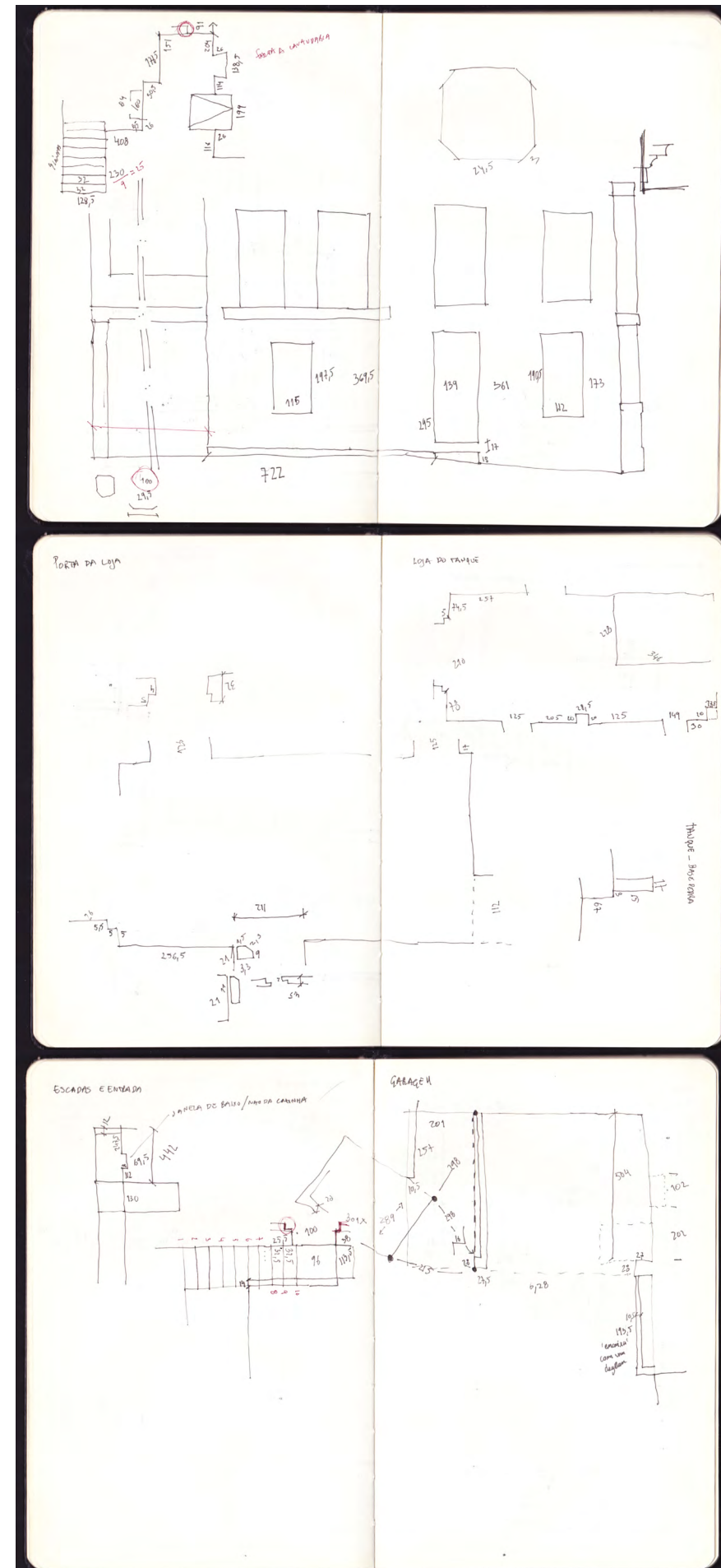
*Memórias Paroquiais* (1758) Disponível em: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4241886> [Consultado a: 1/8/2016]

[http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt) [Consultado a 3/8/2016]

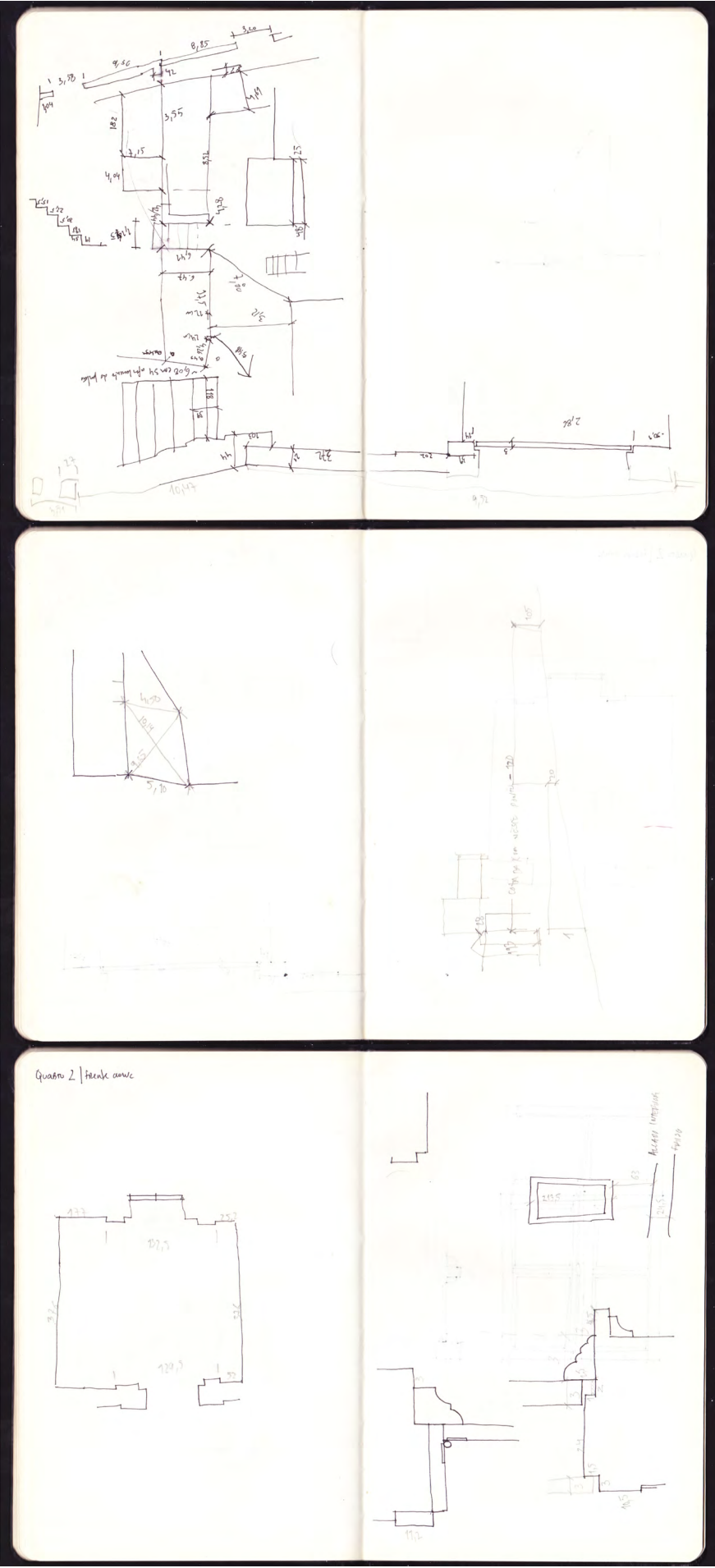
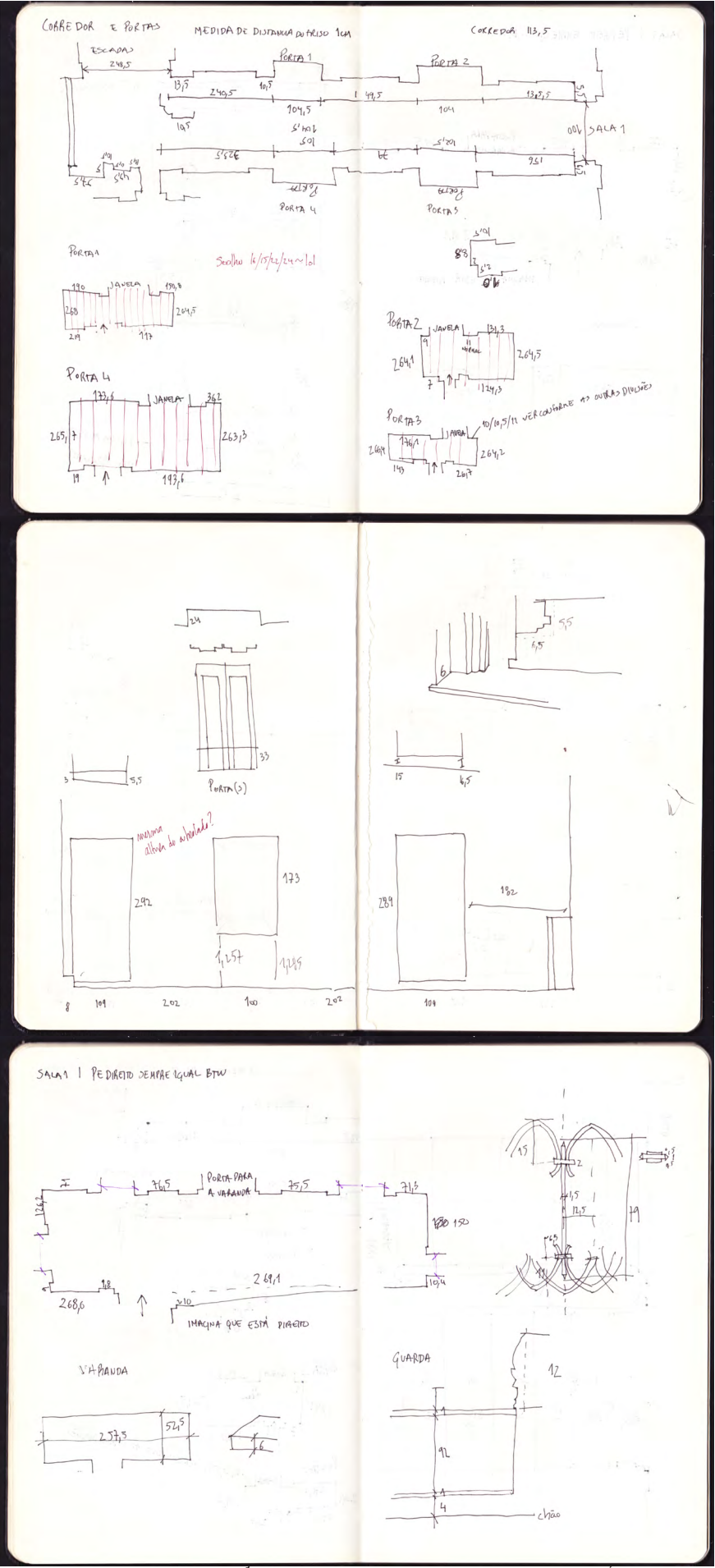
*Corografia Portuguesa, e Descipçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal*. (1706) Disponível em: [http://purl.pt/434/3/hg-1065-v/hg-1065-v\\_item3/index.html](http://purl.pt/434/3/hg-1065-v/hg-1065-v_item3/index.html) [Consultado a 28/7/2016]

# 5

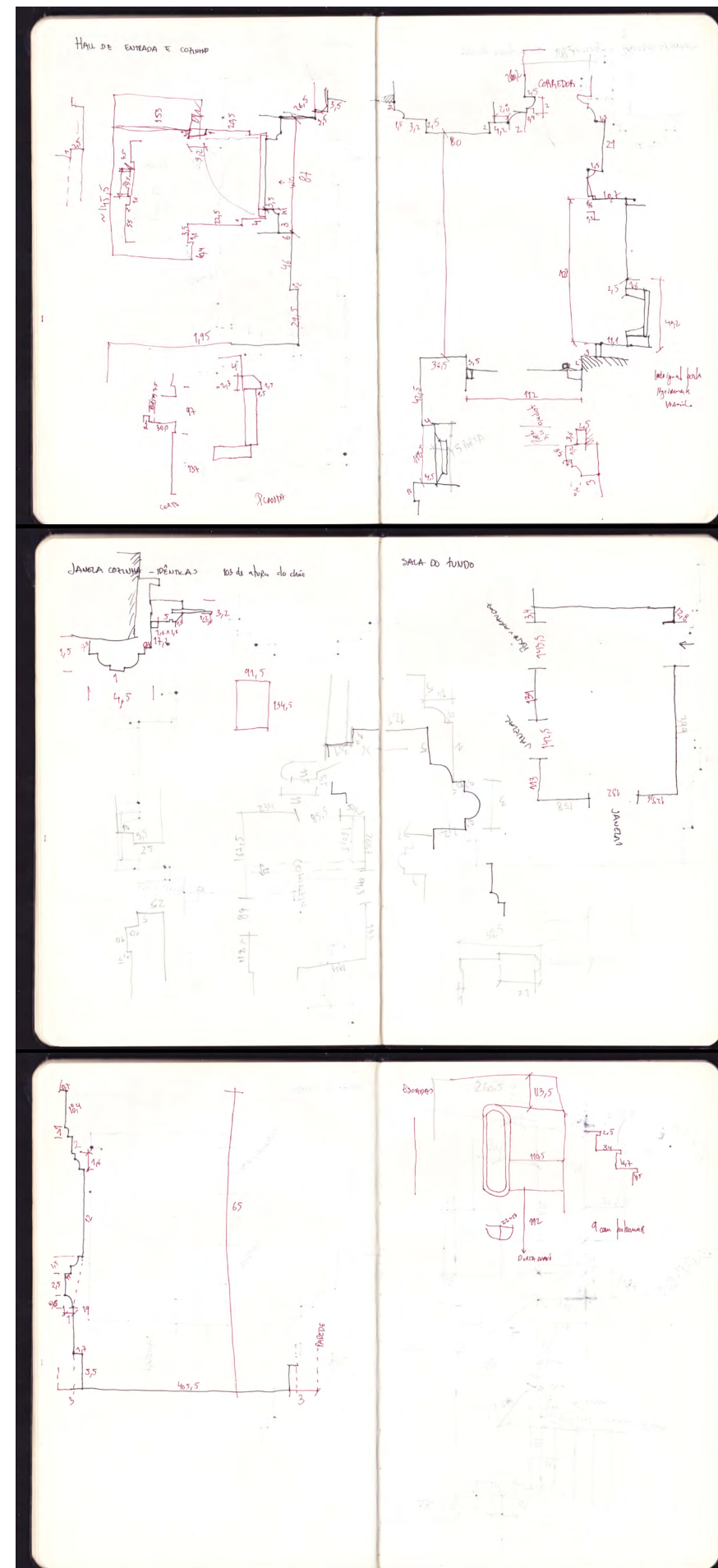
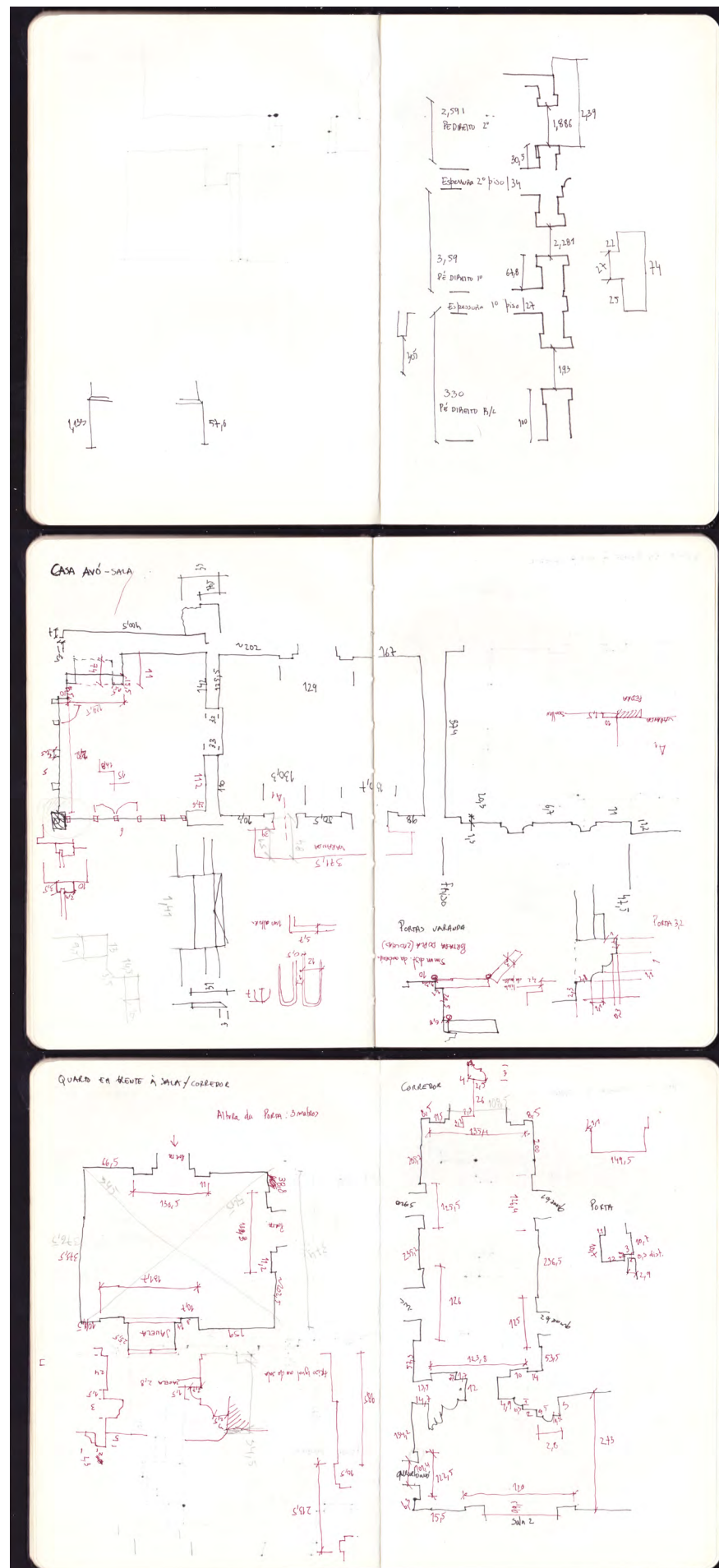
# Anexos

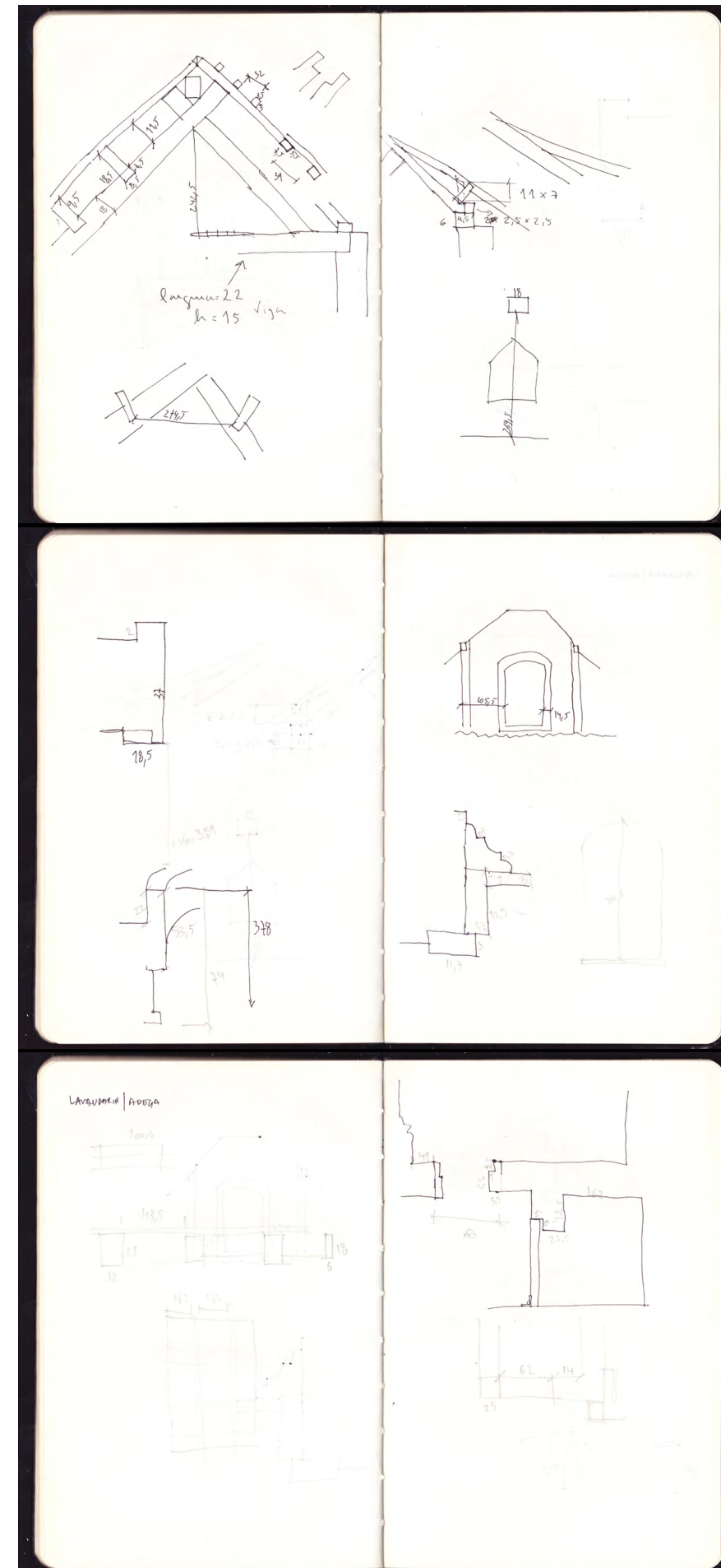
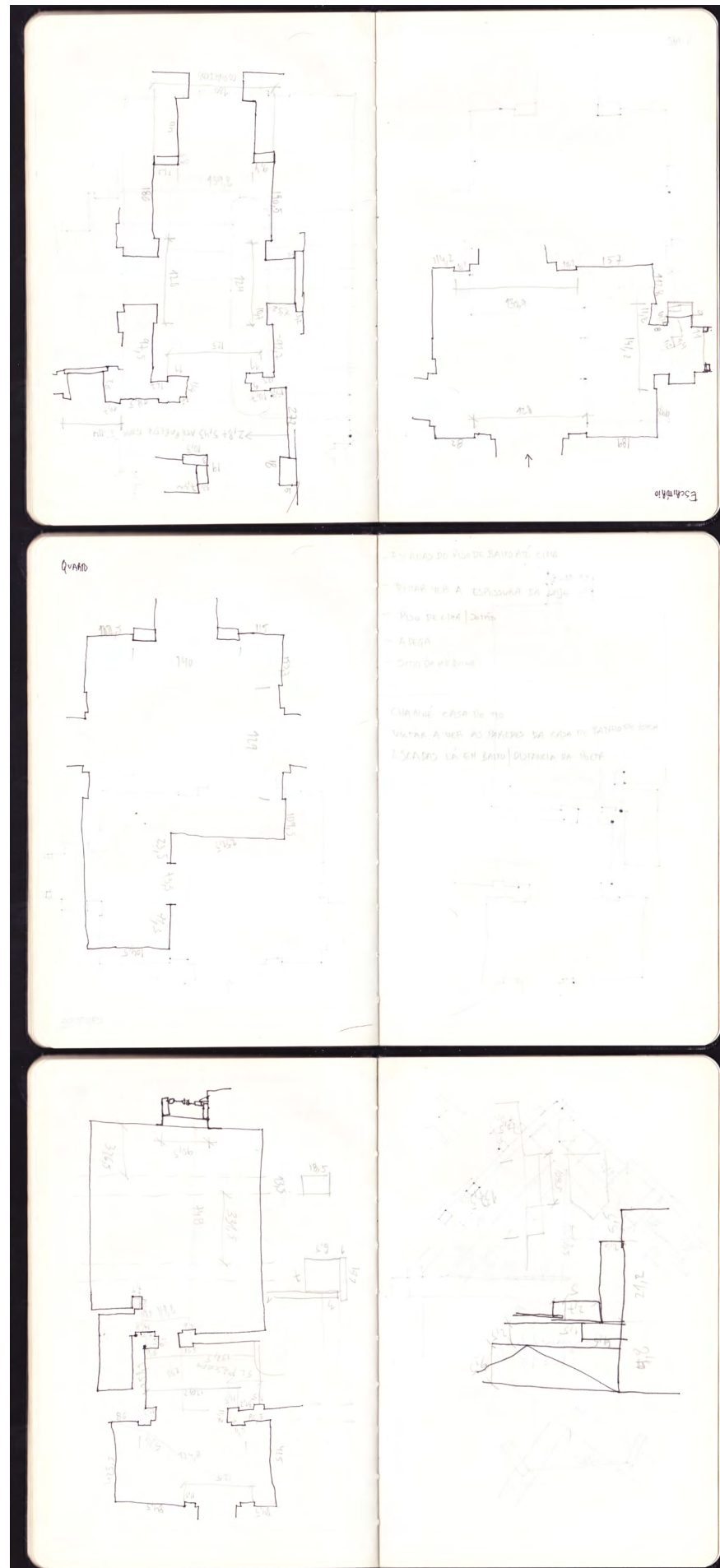


Desenhos de levantamento: [1]  
Casa da Avó

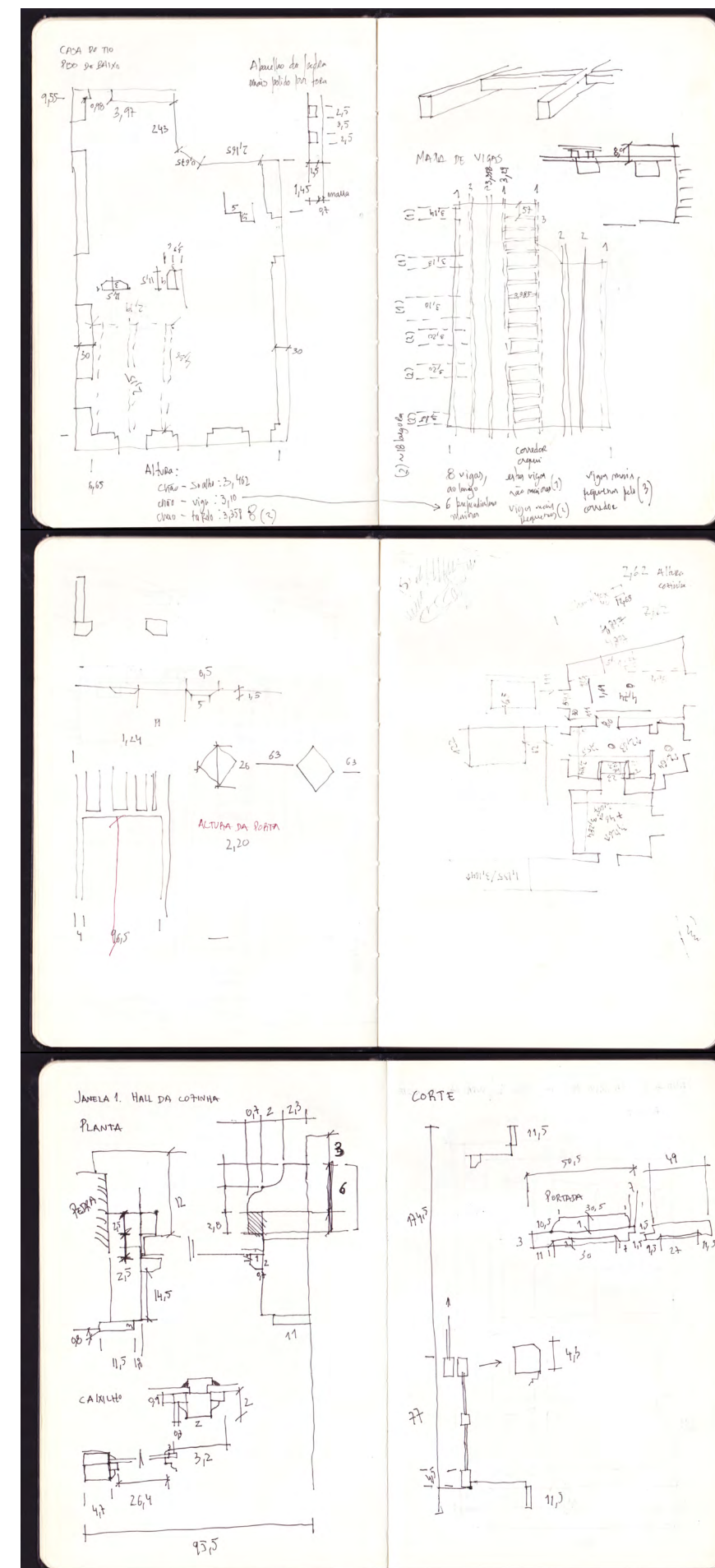
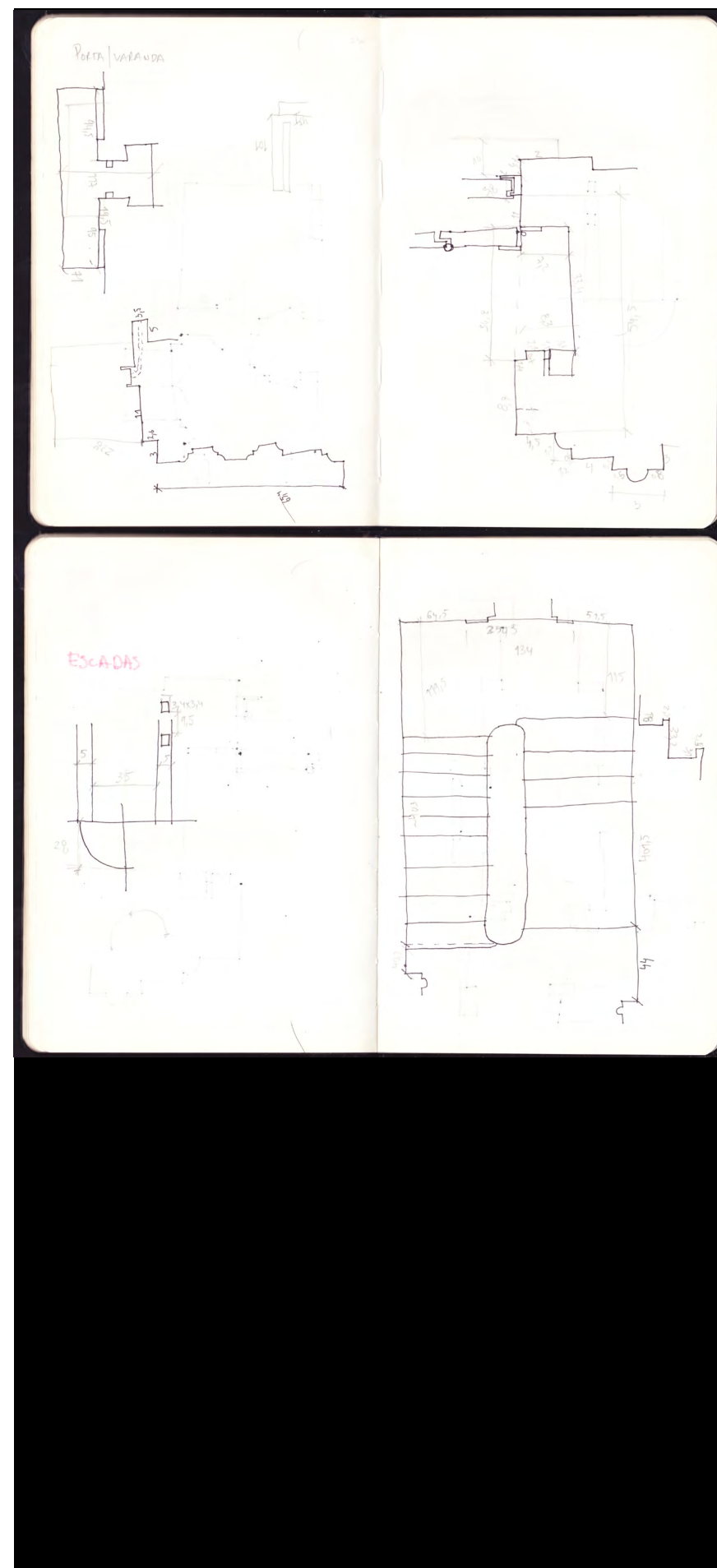












Desenhos de levantamento: [2]  
Casa do Tio









# Índice de imagens

## Do Local

- 1|Fotografia em MATTOSO, José; DAVEUAU, Suzanne; BELO, Duarte (1997) *Portugal – O Sabor da Terra Minho*. [s.l]: Companhia editora do Minho p.35
- 2-3|Arquivo pessoal. Setembro 2016.
- 4|Desenho do autor.
- 5|Desenho baseado na planta de ordenamento da Camará Municipal de Guimarães disponível em: [http://www.cm-guimaraes.pt/uploads/document/file/6745/Planta\\_de\\_ordenamento.pdf](http://www.cm-guimaraes.pt/uploads/document/file/6745/Planta_de_ordenamento.pdf) [consultada a 11/1/2016]
- 6|Desenho baseado na planta de ordenamento da Camará Municipal de Guimarães disponível em: [http://www.cm-guimaraes.pt/uploads/document/file/6745/Planta\\_de\\_ordenamento.pdf](http://www.cm-guimaraes.pt/uploads/document/file/6745/Planta_de_ordenamento.pdf) [consultada a 11/1/2016]
- 7-10|Arquivo pessoal. Julho 2016
- 11|Desenho baseado na planta de ordenamento da Camará Municipal de Guimarães disponível em: [http://www.cm-guimaraes.pt/uploads/document/file/6745/Planta\\_de\\_ordenamento.pdf](http://www.cm-guimaraes.pt/uploads/document/file/6745/Planta_de_ordenamento.pdf) [consultada a 11/1/2016]
- 12| AFONSO, João [coord]; MARTINS, Fernando [coord]; MENESES, Cristina [coord] (2004) *Arquitectura Popular em Portugal* [4ª edição]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos p. 111 e 112
- 13-20|Arquivo pessoal. Julho 2016.

## Duas casas de família

- 1| Arquivo pessoal. Julho 2016
- 2| Desenho do autor.
- 3-72| Arquivo pessoal. Julho 2016.

## O Projeto

- 1-5| Desenhos do autor.